

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE HUMANIDADES E DIREITO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

ADRIANA THOMÉ

**A ARTE DA EDUCAÇÃO POPULAR E O PROCESSO DE
LIBERTAÇÃO NO PENSAMENTO DE COMBLIN**

São Bernardo do Campo
2012

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE HUMANIDADES E DIREITO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**A ARTE DA EDUCAÇÃO POPULAR E O PROCESSO DE
LIBERTAÇÃO NO PENSAMENTO DE COMBLIN**

por

Adriana Thomé

Orientador:

Prof. Dr. Jung Mo Sung

Dissertação apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião, para obtenção do grau de mestre.

São Bernardo do Campo
2012

A dissertação de mestrado sob o título “A arte da Educação Popular como processo de Libertação no pensamento de Comblin”, elaborada por Adriana Thomé foi apresentada e aprovada em 01 de outubro de 2012, perante banca examinadora composta por Prof. Dr. Jung Mo Sung (Presidente/UMESP), Prof. Dr. Claudio de Oliveira Ribeiro (Titular/UMESP) e Prof. Dr. Ênio Brito (Titular/PUCSP).

Prof.Dr. Jung Mo Sung
Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Leonildo Silveira Campos
Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Programa: Pós-Graduação em Ciências da Religião

Área de Concentração: Religião, Sociedade e Cultura

Linha de Pesquisa: Religião e Dinâmica Sócio-culturais

THOMÉ, Adriana. A arte da Educação Popular como processo de Libertação no pensamento de Comblin. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, 2012.

SINOPSE

Este estudo discute a relação entre o processo de Libertação no pensamento de José Comblin e a Educação Popular, a partir da perspectiva antropológica e social da liberdade do ser humano como vocação singular de cada sujeito. Discute ainda a implicação desta noção de liberdade que inclui a responsabilidade para com o outro, como dimensão fundamental para o engajamento na luta pela transformação da sociedade. Por meio de pesquisa bibliográfica, foi realizada a análise dos elementos que fazem interface entre a noção de libertação-liberdade e a Educação Popular no pensamento de Comblin. Trabalha-se com a hipótese de que o elemento antropológico e social na perspectiva de Libertação, presente no pensamento de José Comblin, tem relação com a gênese ideológica da Educação Popular e sua práxis libertadora na sociedade no Brasil, na segunda parte do século XX. Para tal, buscou-se apresentar a vida e a obra de José Comblin e daqueles que dialogam com ele, a fim de que se possa entender de maneira profícua a noção de libertação dentro dos períodos históricos que marcaram a renovação da Igreja Católica e a formação da Teologia da Libertação. Esses momentos marcantes dizem respeito ao Concílio Vaticano II, à Conferência de Medellín, de Puebla e pós-puebla. Ainda se fez um breve histórico da Educação Popular no Brasil e na América Latina e suas implicações filosóficas e pedagógicas a fim de ter elementos concretos para realizar a análise da relação entre o referencial teórico e o contexto da Educação Popular e a noção de liberdade e libertação no pensamento de José Comblin.

Palavras-chave: Libertação, Liberdade, Teologia da Libertação, Educação Popular, José Comblin

THOMÉ, Adriana. The Art of Popular Education as a process of liberation at the thought of Comblin. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, 2012.

ABSTRACT

This study discuss the relationship between the processo of liberation of thought by José Comblin and Popular Education, from the antropology perspective and freedom social of human being as singular vocation of each subject as well as of implication of this notion of liberty including the responsibility to other as fundamental dimension to engagement in the struggle for transforming society. By means of bibliography research, analysis of elements that makes interface between notion of freedom of liberty and popular education in concept of Comblin. Works with the hypothesis of the Anthropological element and social in the perspective of freedom present of thought of José Comblin there is a relation of with ideological genesis of Popular Education and its liberating praxis in society in Brazil in the second part of the twentieth century. For this brings up the life of José Comblm, and those people who discuss with him in order to can understand in the way prolific notion of liberation within the historical periods that marked the renewal of the Catholic Church and the formation of Liberation Theology. These important moments say about second Vatican council, the conference of Medellín, of Puebla y post-puebla. Still made a brief history of popular education in Brazil and Latin America and their philosophical and pedagogical implications in order to have concrete facts to perform the analysis of the relationship between the theoretical and the context of popular education and the notion of freedom and liberation in thought of Joseph Comblin.

Keywords: Liberation, Freedom, Liberation Theology, Popular Education, Joseph Comblin

THOMÉ, Adriana. El arte de la Educación Popular como un proceso de liberación en el pensamiento de Comblin. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, 2012.

RESUMEN

Este estudio analiza la relación entre el proceso de Liberación en el pensamiento de José Comblin y la Educación Popular, desde la perspectiva de la libertad antropológica y social del ser humano como vocación singular de cada sujeto, así como la implicación de este concepto de libertad que incluye la responsabilidad para con otro como una dimensión fundamental a participar en la lucha por la transformación de la sociedad. A través de la búsqueda en la literatura, se analizaron los elementos que interactúan entre la noción de la liberación-libertad y la Educación Popular en el pensamiento de Comblin. Trabaja con la hipótesis de que el elemento en el punto de vista antropológico y social de la Liberación, el pensamiento de José Comblin está relacionado con la génesis ideológica de la Educación Popular y su praxis liberadora en la sociedad en Brasil en la segunda mitad del siglo XX. Para este fin, hemos tratado de presentar la vida y obra de José Comblin, los que conversaron con él, de modo que usted pueda comprender la utilidad de la noción de liberación en el período histórico que marcó la renovación de la Iglesia Católica y la formación de Teología de la Liberación. Estos momentos se refieren al Concilio Vaticano II, la Conferencia de Medellín, Puebla y post-puebla. Se dió una breve historia de la educación popular en Brasil y América Latina y sus implicaciones filosóficas y pedagógicas a fin de tener pruebas concretas con el fin de analizar la relación entre lo teórico y el contexto de la educación popular y la noción de libertad y liberación en el pensamiento de José Comblin.

Palabras clave: Liberación, Libertad, Teología de la Liberación, Educación Popular, José Comblin

AGRADECIMENTOS

A Deus,

*que por caminhos tortuosos me guiou à realização deste trabalho,
tornando possível que mesmo perante todas as contrariedades,
eu perseverasse até o fim.*

*Ao meu orientador Professor Dr. Jung Mo Sung,
pela incansável paciência e encorajamento.*

*Ao Professor Dr. Clodovis Boff,
pelo afago de suas palavras confrontadoras.*

*A todos os meus amigos e amigas de jornada,
que de modo especial são parte de quem eu sou e acredito.*

A CAPES e ao IEPG, pelo apoio à pesquisa.

Epígrafe

*“A liberdade, é uma conquista, e não uma
doação, exige permanente busca. Busca
permanente que só existe no ato responsável de
quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser
livre: pelo contrário, luta por ela precisamente
porque não a tem. Ninguém liberta ninguém,
ninguém se liberta sozinho, as pessoas se
libertam em comunhão”.*

(Paulo Freire)

“A todos aqueles que por meio da fé e da coragem insistem e persistem em acreditar que a liberdade não está em escolher entre o sim e não, mas em fazer algo novo, fazer com que exista algo humano que ainda não exista, experimentando o ainda não conhecido...”

(José Comblin)

CIDADÃO
(Zé Ramalho)

Tá vendo aquele edifício moço
Ajudei a levantar
Foi um tempo de aflição, era quatro condução
Duas pra ir, duas pra voltar
Hoje depois dele pronto
Olho pra cima e fico tonto
Mas me vem um cidadão
E me diz desconfiado
"Tu tá aí admirado ou tá querendo roubar"
Meu domingo tá perdido, vou pra casa entristecido
Dá vontade de beber
E pra aumentar meu tédio
Eu nem posso olhar pro prédio que eu ajudei a fazer

Tá vendo aquele colégio moço
Eu também trabalhei lá
Lá eu quase me arrebento
Fiz a massa, pus cimento, ajudei a rebocar
Minha filha inocente vem pra mim toda contente
"Pai vou me matricular"
Mas me vem um cidadão:
"Criança de pé no chão aqui não pode estudar"
Essa dor doeu mais forte
Por que é que eu deixei o norte
Eu me pus a me dizer
Lá a seca castigava, mas o pouco que eu plantava
Tinha direito a comer

Tá vendo aquela igreja moço, onde o padre diz amém
Pus o sino e o badalo, enchi minha mão de calo
Lá eu trabalhei também
Lá foi que valeu a pena, tem quermesse, tem novena
E o padre me deixa entrar
Foi lá que Cristo me disse:
"Rapaz deixe de tolice, não se deixe amedrontar
Fui eu quem criou a terra
Enchi o rio, fiz a serra, não deixei nada faltar
Hoje o homem criou asas e na maioria das casas
Eu também não posso entrar"

Hié! Hié! Hié! Hié!
Hié! Oh! Oh! Oh!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1. VIDA E OBRA DE JOSÉ COMBLIN: UMA LUTA PELA LIBERTAÇÃO	19
1.1 Período da Bélgica (1923 – 1958) e Antecedentes da TdL	21
1.2 Período Brasil (1958 – 1962) e Pré - Vaticano II.....	27
1.2.1 Vaticano II – 1962.....	31
1.3 Período Chile (1962 – 1965) e Vaticano II.....	33
1.4 Período Brasil (1965-1972) e Medellín.....	34
1.4.1 Conferência de Medellín – 1968.....	37
1.4.2 Nascimento da Teologia da Libertação – 1971	44
1.5 Período de Exílio: Chile (1972 - 1980) e Evolução da TdL.....	49
1.5.1 Conferência de Puebla – 1979	53

CAPÍTULO 2. EDUCAÇÃO POPULAR E TEOLOGIA NO PENSAMENTO DE COMBLIN	61
2.1 Educação Popular na América Latina e Brasil: um breve contexto histórico	63
2.2 Educação Popular: Pressupostos Filosóficos	70
2.2.1 Educação Popular: Tendências Pedagógicas	73
2.3 Educação Popular e a Igreja Profética	76
2.3.1 Educação Popular e Educação Cristã	80
2.4 Educação Popular: Projeto Pedagógico Libertador <i>Combliniano</i>	82
2.5 Educação Popular: Aproximação no pensamento de José Comblin e Paulo Freire ...	88
CAPÍTULO 3. LIBERTAÇÃO, LIBERDADE E EDUCAÇÃO POPULAR	95
3.1 Libertação, Liberdade e Serviço	97
3.1.1 Libertação	97
3.1.2 Liberdade	100
3.1.3 Serviço.....	105
3.2 Educação Popular: Consciência do Mundo e de si mesmo	109
3.2.1 Educação Popular: Liberdade e Autonomia	110
3.3 Educação Popular e Universidade.....	113
3.3.1 Educação Popular e Arte	119
3.4 Educação Popular e o Centro de Formação Missionário	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	136
ANEXOS	144

INTRODUÇÃO

O pesquisador individual liberta-se da pressão do sistema em que vive. Liberta-se da cosmovisão geral, que atribui a cada elemento da experiência o lugar que lhe convém, e da explicação tradicional. Libertação da pressão social que o acostumou a observar sempre os mesmos fatos, dando-lhes sempre a mesma explicação.

(Comblin, 1998, p.149).

Para mim, o interesse pelo tema da educação popular se deu quando comecei a participar, primeiramente como ouvinte, e depois como agente, na função de professora dos cursos de educação popular realizados pela ONG cristã internacional nominada Alfalit¹ aqui no Brasil, na cidade de Londrina, Paraná, no ano de 2005. A provocação prosseguiu com a participação em cursos populares realizados em Cuba e por meio de outras atividades no campo da educação popular de que participei no Brasil, realizadas dentro do maior assentamento do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) da América Latina, localizado na região sudeste do Paraná.

Nessas atividades de educação popular um novo caminho se apresentava, repleto de inquietações. Ao ter contato com a literatura do teólogo Joseph Comblin - mais de sessenta

¹ Em: < <http://www.alfalit.org> > Acessado em: 12/08/2012

livros e mais de trezentos artigos - no programa de pós-graduação em Ciências da Religião, as instigações quanto à relação entre o processo de libertação e a educação popular afluíram ainda mais significativamente. A partir de então, decidi pesquisar a relação entre a educação popular e a noção de libertação no pensamento deste autor.

A relevância do tema na sociedade e na academia justifica-se pelo fato de Joseph Comblin ser co-fundador da Teologia da Libertação na América Latina. Além disso, é uma das maiores referências no Brasil e no exterior em relação ao tema, possuindo uma vasta literatura na perspectiva da libertação do sujeito. Por fim, sua perspectiva teórica é ainda corroborada por uma práxis desenvolvida paralelamente em todo percurso de sua vida, o que explicita o seu anseio de viver uma vida autêntica e coerente com o que acreditava. Comblin denunciou, criticou e desconstruiu o que compreendia estar contribuindo para a opressão dos desfavorecidos, para a escravidão daqueles que possuíam um “direito adquirido à liberdade”. Apontou os desacertos e propôs novos caminhos para a libertação dos sujeitos de uma sociedade opressora. Nesses posicionamentos, as questões em torno da Educação Popular (EP) são parte integrante do processo de libertação, pois segundo a perspectiva proposta por Comblin, a EP faz oposição à educação bancária e sua tendência em legitimar a classe dominante, ou seja, em manter uma estrutura em que o sujeito pobre permanece oprimido.

Por conta de seu trabalho no campo da educação popular visando à libertação das amarras socioeconômicas e eclesiais, o teólogo Joseph Comblin adquiriu grande proeminência no âmbito acadêmico. Em 2001, como consequência disso, lhe foi concedido o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal da Paraíba.

A partir dessa breve contextualização, essa pesquisa procura identificar a relação entre o processo de libertação no pensamento de Comblin e a arte da Educação Popular. Procurando responder a questão: “Qual a relação entre o processo de libertação no pensamento de Comblin e a educação popular?”, optou-se por fazer uma leitura de suas obras, que além de referenciais teóricos fundamentais, são um meio para explicitar essa relação. Além disso, faremos uma leitura paralela de sua biografia, marcada pela profundidade de sua luta em prol de questões que implicam a ‘libertação’, principalmente por meio de pastorais populares, que têm na educação popular uma de suas principais ferramentas.

Para Comblin, a liberdade é a marca primeira do viver cristão. Ele entende que a liberdade é a base da vocação cristã, constituindo-se como um postulado para todas as ações éticas dos que estão comprometidos com esse valor. Considera que: “Deus é liberdade e nos criou para a liberdade. Essa é a nossa vocação humana. O sentido da nossa vida é construir e conquistar a liberdade” (COMBLIN. 1998. p.11). Afirma ainda que a vocação para a liberdade é o que caracteriza a novidade apregoada pelo evangelho de Cristo, e este é o fundamento de uma nova existência para a humanidade (Cf. COMBLIN. 1998. p.43). Neste sentido:

A liberdade cristã não é naturalmente a possibilidade de a gente fazer o que bem quiser, noção vulgar ainda que bastante espalhada. Também não se traduz à ideia de livre-arbítrio usada na teologia moral tradicional. [...] A liberdade é a capacidade de agir no plano do homem novo, de agir de modo plenamente humano vencendo as resistências que afligem a humanidade desde o pecado. Trata-se de liberdade do pecado, da morte e do medo da morte, do demônio, da carne e dos desejos da carne, tudo o que mantinha o ser humano numa múltipla escravidão. Esta escravidão estava enraizada nele próprio. A liberdade fundamental é aquela que liberta das ataduras que o ser humano encontra em si próprio (COMBLIN. 1988. p.86-87).

Comblin afirma que ocorre uma mudança quando os indivíduos se conscientizam da sua vocação para a liberdade. Ele diz: “Na liberdade do Espírito não há medo, mas posicionamento de si próprio, amor a si próprio, ao outro e a Deus” (COMBLIN. 1998. p.52). Ainda nessa perspectiva de libertação, ele afirma que: “se o passo fundamental da liberdade é a libertação de si próprio, do medo, da covardia, dos desejos, entende-se que o agir libertador seja o serviço ao Outro. Sobretudo ao Outro, mais fraco” (COMBLIN. 1998. p.244-245). Assim, sobre este olhar de libertação proposto por Comblin, ‘profeta da liberdade’, a presente investigação busca identificar qual é a relação entre o processo de libertação em seu pensamento e a EP.

A pesquisa incide sobre as bases teóricas que deram e dão sustentação à identificação de relações entre o processo de libertação e a Educação Popular no pensamento de Comblin. Nesse contexto, assumiu-se como propósito maior, sistematizar argumentos teóricos que possibilitem explicitar este aspecto.

Para efetivarmos este propósito, primeiro apresentaremos os dados biográficos da vida do teólogo Comblin e sua contribuição e participação, teórica e prática, no nascimento de uma nova teologia a partir do continente latino-americano, a Teologia da Libertação

(TdL). Posteriormente, será delineada a trajetória histórico-conceitual da educação popular, abordando seus postulados e aproximações ideológicas – neste ponto tentar-se-á estabelecer uma relação entre o processo de libertação no pensamento de Comblin e a Educação Popular. Por fim, na última parte da pesquisa, abordar-se-á a analogia entre libertação, liberdade e a Educação Popular.

Metodologicamente, a pesquisa parte do pressuposto de que investigar é o desenvolvimento de uma ação organizada e sistematizada de análise da realidade em busca de respostas aos questionamentos que impulsionam o pesquisador. Para Lakatos e Marconi (LAKATOS & MARCONI, 1996), a pesquisa, formalmente estabelecida por meio do método adotado, envolve a maneira de se explorar a realidade e conhecê-la. Diante disto, o que caracteriza o aspecto científico da pesquisa é o método empregado no seu desenvolvimento.

Na presente pesquisa, usou-se o modelo teórico-metodológico que vai do concreto inicial à abstração, e deste ao concreto permeado de conceitos. O concreto se apresenta antecipadamente, estabelecendo-se como anterioridade às abstrações. O concreto só tem sentido à medida que se descortina as suas determinações. É o caminho que vai sendo desvendado quando realiza o retorno ao concreto inicial, agora permeado de tantas abstrações e definições desse percurso.

Este caminho, inicialmente, abastece-se de um triplo movimento interno, que é um movimento de construção teórica, exteriorizado por Miriam Cardoso Limoeiro (LIMOEIRO, 1990) a partir da seguinte proposta: a) um caminho do real (concreto) para a abstração; b) o avanço no campo da abstração para novas abstrações, sem perder o concreto em análise; c) finalmente, dessas abstrações, recuperando-se o novo concreto, ou, o concreto pensado.

Em relação à técnica² empregada para a coleta de dados e análise bibliográfica, temos: a) uma técnica de documentação indireta, na qual se explicita uma revisão literária

² Técnica é um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte; é a habilidade para usar esses preceitos ou normas; é a parte prática. Várias são as técnicas aplicadas em uma pesquisa: Eva Lakatos e Marina Marconi (LAKATOS & MARCONI, 1996) apresentam as seguintes técnicas de coletas de dados: 1) Documentação indireta: recolhe informações prévias sobre o campo de interesse, através do levantamento de dados de fontes variadas. A pesquisa indireta pode ser realizada de duas formas: a) pesquisa

das obras de Comblin e dos autores que dialogam com o mesmo, visando às suas limitações, definições, fundamentações e postulados; b) um levantamento bibliográfico-histórico sobre a educação popular, a fim de constituir a contextualização do objeto de pesquisa. Isso transcorreu após a elaboração do referencial teórico e do contexto epistemológico, os quais foram compilados por meio de bibliografias disponíveis em livros, artigos em revistas especializadas, trabalhos científicos e *sites* afins.

Esta investigação compõe-se de três capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma biobibliografia sobre o teólogo Comblin, tentando delimitar a sua trajetória de vida e de trabalho desde a sua infância, paralelamente às implicações sociopolíticas, econômicas e eclesiais dos antecedentes até o pós-nascimento da Teologia da Libertação. Nesse percurso são abordados aspectos de sua formação e vocação, as influências que recebeu, bem como o convívio com pessoas e instituições que demonstram sua perseverança e perspicácia, algumas vezes enaltecendo e em outras criticando aceticamente. Na constituição desse capítulo, ainda foi investigado e aduzido o contexto de alguns de seus livros que tratam do processo de libertação e, dentro das devidas possibilidades, o momento histórico-social, político e eclesial em que foram redigidos.

O segundo capítulo buscou fazer o levantamento histórico-conceitual da educação popular, extraindo um conjunto de elementos mediadores capazes de contribuir para uma reflexão sobre a relação entre educação popular e o processo de libertação no pensamento de Comblin. Para tanto, constituímos uma breve contextualização sobre Educação Popular na América Latina, e mais especificamente no Brasil, assim como seus pressupostos filosóficos, suas tendências pedagógicas e a relação da Educação Popular com a Igreja profética e com a Educação Cristã. Além disso, abordou-se o projeto pedagógico libertador de José Comblin e a EP, bem como as aproximações ideológicas de Comblin e Paulo Freire.

O terceiro capítulo buscou apresentar alguns aspectos do processo de libertação em Comblin e da Educação Popular em suas distintas frentes, delimitando fundamentos e princípios desses processos por meio da literatura, a fim de se identificar qual é a relação da educação popular e os mesmos. Para tal, enfatizamos as demarcações de Comblin em relação à ‘Libertação, Liberdade e Serviço’, tratando cada elemento singularmente e,

documental, incide na coleta de dados que se restringe a documentos, escritos ou não; b) pesquisa bibliográfica, estuda a bibliografia existente em relação ao tema de estudo.

posteriormente, a interligação entre eles. Buscou-se também apresentar a Educação Popular como consciência do mundo e de si mesmo, como liberdade e autonomia, e ainda, suas implicações com a universidade e com a arte, além da sua relevância para os Centros de Formação Missionários, os quais Comblin instituiu e desenvolveu no Brasil e fora dele.

Finalmente, apresentaram-se informações consideradas importantes para identificar a relação entre o processo de libertação no pensamento de Comblin e a Educação Popular. Temas como o ecumenismo, formação de leigos, liberdade por meio da conscientização e a autonomia do sujeito são elementos que fazem parte dessa relação.

CAPÍTULO 1.

VIDA E OBRA DE JOSÉ COMBLIN: UMA LUTA

PELA LIBERTAÇÃO



Se a libertação não for assumida por pessoas, não há transformação induzida da parte de fora que possa ter efeito. Uma libertação integral exige um processo pelo qual cada pessoa se liberta a si mesma e desfaz todos os laços que a mantém presa no passado, para construir os laços de uma sociedade livre (Comblin, 1987, p. 160).

O primeiro capítulo desta dissertação tem como objetivo situar o contexto histórico-social, político-econômico e eclesial do pensamento de Comblin, especialmente no que diz respeito à temática “Libertação”. O propósito é poder entender de maneira profícua o que caracteriza esse processo de Libertação e qual a sua relação com a Educação Popular no pensamento de Comblin.

Optou-se por fazer um recorte a partir da Teologia da Libertação³, devido ao fato de o referido teólogo ser considerado um de seus precursores. Seu trabalho foi desenvolvido com dedicação e diligência, o que lhe atribuiu o cognome de ‘profeta da liberdade’. Assim, serão feitos paralelos cronológicos entre sua biografia e sua bibliografia, os quais serão desdobrados em seis períodos, considerados como marcantes em sua vida, a fim de que se possa fazer uma leitura contextualizada no que diz respeito à sua história, à sua vocação, às suas escolhas e a constituição de seu pensamento libertador.

1.1 Período da Bélgica (1923 – 1958) e Antecedentes da TdL

A fim de se compreender o projeto que dará origem a Teologia da Libertação, convém observarmos alguns fatos que nutriram a sua gestação, procedentes de uma nova maneira de pensar a teologia e a pastoral no início do século XX. A Teologia da Libertação

³ A presente pesquisa optou por trabalhar com o termo “Teologia da Libertação” ao invés de “Cristianismo de libertação” uma vez que se está estudando o processo de libertação no pensamento de Comblin, e este foi um dos precursores e co-fundadores do termo “Teologia da Libertação”. Porém é relevante explicar o porquê de alguns teóricos estarem, atualmente utilizando este termo “Cristianismo de Libertação” a fim de que se possa ter um conhecimento mais amplo sobre o contexto de libertação que se está tratando nesta pesquisa. Segundo Jung Mo Sung, “a escolha pela expressão “Cristianismo de Libertação” ao invés de Teologia da Libertação ou a Igreja dos pobres, se dá pelo fato de que ela é mais ampla do que “Teologia da Libertação” porque engloba o movimento que surgiu anos antes dessa teologia e é mais ampla do que a comunidade dos teólogos. Assim como é mais ampla do que o termo “Igreja dos pobres” ou “comunidades de base”, porque engloba pessoas que não são pobres ou de base ou que não fazem mais parte das fileiras das instituições eclesiais ou das igrejas cristãs, mas que se identificam como ou se inspiram nos valores e na cultura religiosa de um grande movimento chamado Cristianismo de Libertação”(ASSMANN & SUNG, 2010, p. 81).

sofreu influências do pensamento europeu, por meio do *personalismo cristão*, o qual segundo Mounier:

Consiste precisamente numa oposição ao individualismo. Enquanto este mantém o homem centrado sobre si mesmo, a primeira preocupação do personalismo é descentrá-lo, para colocá-lo nas largas perspectivas abertas pela pessoa (MOUNIER, 2004, p.45).

Paralelo a esse pensamento, que de fato influenciou a TdL, nasceu, no dia 22 de março de 1923⁴, um menino que se tornou um dos maiores teólogos da libertação no contexto da América Latina, Joseph Jules Comblin, conhecido como padre Zé, principalmente pelos desfavorecidos e, José Comblin pelos acadêmicos, dado a sua vasta literatura na América Latina, em especial, no Brasil. Assim, usar-se-á o nome Joseph Comblin, como se escreve na Bélgica, enquanto a pesquisa estiver tratando de sua biografia e de seu trabalho eclesiástico no referido país.

Eu nasci em Bruxelas, capital da Bélgica. Era uma cidade que não tinha um milhão de habitantes. A política do governo foi sempre a de evitar grande concentração de população e assim deixar o povo morrer no campo. Organizava bons transportes e todo dia chegava a Bruxelas um trem com 300 mil trabalhadores. Depois todos voltavam para a família lá no campo, e assim entendiam que era melhor porque se tinha muito mais tranquilidade em uma cidade menor. Em parte, meus pais eram de ascendência camponesa, pois meu pai tinha nascido no campo, mas minha mãe nasceu na cidade, apenas os pais dela tinham nascido no campo. Meu pai era muito pobre e nasceu em uma região montanhosa de Luxemburgo, que também era muito pobre [...] (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011, p.54).

Pode-se observar na narração de Comblin que seus pais eram de origem pobre, especialmente o pai, Firmino Comblin, nascido na área rural, em um lugar de muita pobreza. Porém, com muito esforço, dedicação, honestidade e inteligência, Comblin conseguiu estudar e trabalhar na administração pública do Estado Independente do Congo⁵, fato que o permitiu ter as suas primeiras memórias e experiências transculturais.

⁴Filho mais velho de 3 irmãos e 2 irmãs. Seus pais, Alice e Firmino, criaram os 5 filhos com os tradicionais valores da religião, com a austeridade da época e sempre valorizando o trabalho. Comblin frequentou o curso primário na escola paroquial e fez o curso secundário no Colégio São Pedro. Em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/41803-dados-biograficos-de-jose-comblin>> Acessado em: 10/05/2012.

⁵ Algumas informações históricas que marcaram o ex-Estado Independente do Congo e à atual República Democrática do Congo, podem ser encontrar no artigo do professor e pesquisador da USP, MUNANGA, Kabengele. *A República Democrática do Congo – RDC*. Em: <<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/Depoimento-de-Kabengele-Munanga-ao-Museu-da-Pessoa.pdf>> Acessado em: 17/06/2012.

[...] Na família do meu pai eram cinco filhos homens, aconteceu que um deles ficou lá no campo e os outros quatro foram para a cidade. Então meu pai entrou na administração daquilo que se chamava, naquele tempo, o Estado Independente do Congo. Tinha recomendação do Sr. Vigário para poder entrar na administração pública, tinha certificado de boa conduta [...] Durante 50 anos foi colônia Belga e meu pai trabalhou nesse ministério na administração. Então, ali nós éramos cinco irmãos – três homens e duas mulheres (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011, p.54).



Foto: Família de Comblin (primeiro da direita para esquerda, sentado)

Dentre as quatro décadas de 1920 a 1960, diversos acontecimentos históricos contribuíram para ações devastadoras no campo dos os Direitos Humanos⁶ e no âmbito sociopolítico-econômico e cultural, como, por exemplo, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Neste período, a Igreja Católica estava sob o mandato papal de Pio XII, o qual tinha profunda aversão ao comunismo, e foi devido a esse fator que a vinda de Comblin ao Brasil

⁶ Mais dados podem ser encontradas no *site* da ONU. Em: < <http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-e-os-direitos-humanos/> > Acessado em: 19/06/2012.

foi ocasionada mais tarde.⁷ Tais elementos merecem alusão porque estiveram intrinsecamente ligados à vida do referido teólogo.

Joseph Comblin não foi convocado para servir na guerra, já que não possuía a idade exigida. Então, ao terminar os estudos secundários, decidiu seguir para o seminário, escolha que teve, além de sua vocação, influência do ambiente familiar.

[...] Quando terminei o curso secundário, 17 anos, era justamente o começo da guerra, mas não tinha sido chamado para o serviço militar, pois, não tinha 18 anos, escapei. Escapei do serviço militar, entrei no seminário da Arquidiocese e lá me mandaram primeiro à universidade para estudar ciências biológicas, estudei dois anos e logo após fiz filosofia. Depois disso, voltei para o seminário, para começar teologia, então depois de três anos me destinaram a fazer doutorado e fui passar quatro anos de Teologia em Lovaina⁸, em um total de sete anos de teologia. [...] No início, na adolescência, fui influenciado mais pelo ambiente. Eu tinha um tio padre, irmão de minha mãe. Esse também tinha tido um tio padre, irmão de seu pai e assim de geração em geração, de tio para sobrinho se criou um ambiente religioso. Se você me pergunta: quando você pensou em querer ser padre? Eu direi: eu sempre pensei isso desde os quatro anos de idade, agora, por quê? Não sei, foi assim (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011 p.56).

Com o término da Segunda Guerra Mundial, iniciou-se na Europa, desde 1945, um processo de recuperação social, cultural, econômica e espiritual. Nasceu o Estado de “bem-estar social”, e impôs-se um capitalismo reformista e social resultante de muitas mobilizações e pressões das organizações trabalhistas.

O estado de bem-estar social pode ser considerado uma das grandes vitórias do Ocidente ao longo do século XX. Deu-se pela junção de fatores sociais, políticos e econômicos, os quais configuraram um espaço de apreço à liberdade, ao trabalho, à democracia, à justiça e ao bem-estar. Tinha como principais características: a eficácia do trabalho na área da saúde e educação; intensa relação de crédito entre cidadão e lideranças estatais; ínfima distinção de salários entre homens e mulheres que exerciam a mesma função; impostos como fundamental meio de custear qualidade de vida e de redistribuição de renda; fornecimento amplo de serviço, que abrangem creches, cuidados domiciliar a

⁷Cf. José Comblin, também aponta alguns procedimentos do Papa Pio XII, que demonstravam nitidamente seu posicionamento político conservador (COMBLIN, 2004, p. 25-26).

⁸A Universidade Católica de Louvain está situada na cidade de Louvain, na Bélgica. É importante sua citação para esta pesquisa, porque muitos teólogos aqui pesquisados, estudaram na referida universidade. Tais como: José Comblin, Clodovis Boff, João Batista Libanio, Ivone Gebara, Leonardo Boff, Eduardo Hoornaert, Carlos Mesters, entre outros. Em: < <http://www.uclouvain.be/> > Acessado em: 19/06/2012.

idosos e doentes; ocupação como quesito para produzir meios econômicos imprescindíveis à manutenção do “bem-estar social” (COMBLIN. 2004. p.356-358).

É nessa conjuntura social que Joseph Jules Comblin recebeu a sua ordenação sacerdotal, em 9 de fevereiro de 1947, na cidade de Malines – Bélgica. Ali permaneceu no sacerdócio até 1958, exercendo a função de vigário colaborador na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, localizada em Bruxelas. Paralelamente ao seu trabalho sacerdotal, durante o ano de 1951, também exerceu o magistério no Centro de Formação para Seminaristas em serviço militar da Bélgica e auxiliou a Juventude Operária Católica,

[...] Mandaram-me para uma paróquia em Bruxelas, mas naquele tempo havia muitos padres, uns quatros. Ali me dei conta de que, de ano em ano, a religião estava baixando. Que comparando os avós, os adultos e os filhos, havia uma decadência tremenda, sem dizer que já não reproduzia mais... Fui conversando e vendo que o clero, em geral, era totalmente inconsciente dessa situação. Então, toda a pastoral era para conservar, sem ver que com isso estava perdendo. [...] Naquele momento eu pensei: passar a minha vida aí, para assistir a essa decadência progressiva, é muito triste, vou procurar outro lugar. Depois de alguns anos, acho que foi em 1953, o Papa Pio XII, ele tinha a obsessão do comunismo, então mandou uma carta a todas as arquidioceses da América do Norte e da Europa, pedindo que mandassem padres para a América Latina para ver se podia, assim, se fortalecer para impedir a invasão do comunismo. Aí me apresentei como voluntário [...] um Bispo do Brasil, de Campinas, São Paulo, sabendo que tinham voluntários que vinham da Europa mandou uma carta para esse colégio dizendo que queria receber três sacerdotes que fossem doutores. [...] e assim disseram: “bom, você quer ir a Campinas”? “-Vou a Campinas ou a qualquer outro lugar (COMBLIN *apud* PEREIRA , 2011, p.56).

Nessa época, no Brasil, surgiu a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), no ano de 1952, fundada por Dom Helder Câmara, na cidade do Rio de Janeiro. Em 1955, realizou-se o Congresso Eucarístico Internacional. Juntamente a esse fato, o papa Pio XII, no final de seu pontificado, convocou para os dez dias consecutivos ao Congresso Eucarístico, que se deu entre os dias 25 de julho a 04 de agosto de 1955, a Primeira Conferência Geral do Episcopado da América Latina, e desta nasceu a fundação do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM). As conclusões dessa Conferência foram:

Oração e trabalho vocacional, cultivo de um laicato em plena submissão às diretivas de Roma e da Hierarquia, cuidado com a instrução religiosa, a preocupação com o panorama social e com a transformação social da industrialização, a presença ativa da Igreja com sua doutrina social por meio de iluminação, educação e ação e, finalmente, acrescentava, algo surpreendente, a atenção à necessidade da população indígena (LIBANIO, 2007, p. 14-15).

Durante esse tempo Joseph Comblin se preparava na Bélgica para “desbravar” uma terra desconhecida para ele – o continente latino-americano, mais especificamente o Brasil. Assim, levando em consideração o pedido do Bispo de Campinas, que almejava sacerdotes doutores para colaborar com o magistério na preparação de seu clero, aquele que se tornaria um dos maiores teólogos da libertação na América Latina aceitou com determinação e intrepidez o desafio de vir trabalhar no Brasil, aonde chegou em 30 de junho de 1958⁹. Durante o desenvolvimento de seu trabalho sacerdotal na Bélgica, Joseph Comblin havia publicado cinco artigos (anexo A-1).

Em meio às suas percepções aguçadas da realidade social, iam se formando os alicerces para o desenvolvimento da obra eclesial que José Comblin realizaria no referido continente latino-americano, especialmente no Brasil, ao mesmo tempo em que a TdL estava se originando.

Nessa época, fim dos anos 50 e início dos anos 60, a Europa ainda vivia o período dos anos conhecidos como “os trinta gloriosos”¹⁰, caracterizados por uma recuperação econômica que vinha desde os anos pós-guerra e se apresentava como marco da reconstrução do chamado Primeiro Mundo. Assim, ainda que marcado pelo ambiente da guerra fria, a fé e o progresso nutriram os anseios de um continente que acreditou nas benevolências da modernidade e da “Revolução Industrial” e “Francesa”. Esses fatores acabaram por gerar uma consciência de superioridade cultural, que se fundamentou no desenvolvimento, propagação e aplicação dos ideais do progresso.

Todavia, na América Latina, a dominação e a opressão desenvolviam-se intensamente diante de uma acelerada evolução do sistema capitalista após a Segunda Guerra Mundial. Isto se dava, principalmente, através do domínio das grandes potências econômicas europeias e norte-americanas, que garantiam o desenvolvimento, o progresso e a melhora de vida das pessoas a partir de explorações como essas. O que se observava, portanto, era o crescimento da pobreza e da opressão às classes mais desprovidas, onde a

⁹Em: <<http://kairosnostambemsomosigreja.blogspot.com.br/2009/08/dadis-biograficos-de-jose-comblin.html>> Acessado em: 10.05.2012.

¹⁰Refere-se ao Estado de “bem-estar social” que durou de 1945 a 1975. Esses anos ficaram conhecidos como os Trinta Gloriosos. Cf. COMBLIN, José. *Crise da Democracia: A ditadura econômica neoliberal passou. Entramos em outra etapa da história.* Em: <<http://www.servicioskoinonia.org/agenda/archivo/portugues/obra.php?ncodigo=40>> Acessado em: 21/06/ 2012.

riqueza cada vez mais se concentrava entre grupos restritos, promovendo um crescimento socioeconômico e cultural desigual.

No Brasil, enaltecia-se o “pacto populista”, manifestação política que aconteceu especialmente entre as décadas de 40 e 60, que viabilizava a discussão de probabilidades, esperanças, possibilidades e triunfos, por meio das reivindicações populares. Segundo Libanio,

Pertence à natureza do populismo um jogo e pacto de poder implícito entre o líder carismático e as massas sem a mediação de quadros intermediários. E nesse tipo de relação, o líder promete às massas, em troca de maior poder a ser-lhe conferido, o atendimento de suas demandas. Naturalmente, o líder não poderá atendê-las, pois elas ultrapassam de longe as possibilidades políticas e econômicas do país. Essa inerente inadimplementabilidade funciona como motor de insatisfações, mobilizações, reivindicações, práticas populares de luta, que terminam por criar um clima de expectativas transformadoras (LIBANIO, 1987, p. 52).

O Populismo foi personificado especialmente pelos governos de Getulio Vargas, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart. Esse civismo populista foi nutrido com intensa base teórico-ideológica propagada pelos intelectuais unidos ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB)¹¹. Os cientistas sociais dessa organização buscavam avaliar o desenvolvimento do país diante de uma cisão com o sistema colonial imperialista, sobretudo o americano.

1.2 Período Brasil (1958 – 1962) e Pré - Vaticano II

O panorama sóciopolítico-econômico durante o mandato do presidente Juscelino Kubitschek marcou, no ano de 1958, as “boas-vindas” à Joseph Comblin ao Brasil. Faz-se relevante justificar que a partir dessa época o teólogo era chamado pelos brasileiros de José Comblin, e ainda para muitos, de padre Zé. Dessa maneira, a partir de agora a investigação passará a referir-se ao teólogo não mais como Joseph Comblin, e sim como José Comblin.

¹¹O ISEB, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, foi criado por Juscelino Kubitschek, em julho de 1955, sendo extinto em abril de 1965 pelo golpe militar. Era constituído por intelectuais que buscavam difundir as ciências sociais como instrumento de análise e de compreensão crítica da realidade brasileira. Buscava construir um pensamento brasileiro autônomo e não alienado (GADOTTI, 1996, p. 724).

Desde o princípio Comblin teve consciência de que a sua vinda à América Latina não era para evangelizar, mas para contribuir com o desenvolvimento de uma identidade própria da Igreja deste continente.

Não vim para a América Latina com a pretensão de evangelizar países católicos. Vim para entrar numa Igreja que tinha futuro. Cheguei aqui exatamente na hora histórica da verdadeira fundação da Igreja Latino-Americana como Igreja com configuração própria. Em 1958, já o fermento estava agindo, mas não se tinha manifestado claramente que havia um movimento continental que levantava todos os países latino-americanos e que se tratava de um despertar coletivo de um continente inteiro. Estava nascendo a Igreja Latino-Americana em torno de um grupo de bispos que foram verdadeiros fundadores. Aconteceu o que tinha acontecido, pela primeira vez, entre 325 e 340 no Império Romano: uma série de grandes bispos que encarnavam de certo modo na sua pessoa e uniram junto a si mesmos as forças criativas suscitadas pelo Espírito tanto no clero e nos religiosos como nos leigos (COMBLIN, 2003, p. 721-723).¹²

Comblin, ao chegar ao país, primeiramente foi professor do ensino secundário de física e química, bem como capelão do mesmo colégio católico na cidade de Campinas/SP. Posteriormente, iniciou paralelamente um trabalho de docência no *Studium Theologicum*¹³ dos dominicanos em São Paulo, onde ministrava aulas de Bíblia, e ainda era assessor da Juventude Operária Católica (JOC)¹⁴. Permaneceu nessas atividades nas cidades de Campinas e São Paulo por quatro anos.

¹²Cf. José ficou imediatamente fascinado pelo Brasil, ele era influenciado por Cardijn na Bélgica, educado num ambiente onde obediência, discricão e mesmo timidez eram apreciadas e mesmo encorajadas, ele encontrou aqui pessoas que não eram nem obedientes, nem discretas nem tímidas. ‘Eu encontrei pessoas verdadeiras, que não escondiam o que eram: pessoas sem mentira’. A fascinação pelo modo de ser brasileiro aparentemente nunca mais o abandonou e isso me foi confirmado inesperadamente por sua própria irmã, que encontrei certa vez em Bruxelas, em 1980: ‘O que fizeram ali com meu irmão? Ele não é mais o mesmo!’. Em: < <http://www.oarcanjo.net/site/index.php/reflexao/o-que-jose-comblin-nos-contou-em-2007/>> Acessado em: 21/06/2012.

¹³O *Studium Theologicum* iniciou as suas atividades na cidade de Curitiba-PR, no ano de 1934. É a mais antiga faculdade de Teologia do Paraná. Em: < <http://www.studium.com.br/institucional> > Acessado em: 21/06/2012.

¹⁴A JOC foi fundada em Bruxelas (Bélgica), em 1923, pelo Sacerdote belga Joseph Cardijn, oriundo de família operária. Em 1925, durante seu Primeiro Conselho Nacional naquele país, foi oficializada. Expandindo-se internacionalmente, o Movimento instituiu a Internacional Jocista (JOCI) em 1947, também sob a liderança do Padre Cardijn, com o objetivo de fortalecer sua coordenação, tanto a nível local, quanto nacional e continental. Os primeiros grupos da JOC no Brasil foram criados a partir de iniciativas esparsas ainda nos anos 1920, adquirindo maior importância a partir de 1947, ano de realização da Primeira Semana Nacional de Estudos, em São Paulo. Quando da visita do Padre Cardijn ao Brasil, em 1948, a JOC oficializou-se em bases nacionais. Em: < <http://www.pucsp.br/cedic/cedic1fundoscolecao.php?id=91&keyword=a%E7%E3o+cat%F3lica&por=todos&acervo=todos>> Acessado em: 21/06/2012.

[...] Depois de seis meses de preparação, embarcamos para Campinas. Era 1958 [...] Enfim, chegamos lá e, curiosamente, eu fiquei quatro anos [...] Eu dei aula de física e química, um colega meu de latim e o outro deu aula de francês. [...] Naquele tempo, os dominicanos de São Paulo tinham dificuldade em conseguir professores. Tinham um *Studium*, de Teologia, para eles, eram mais numerosos e não tinham professor de Bíblia. Tinham um que estava em formação em Jerusalém, mas, não tinham muitos professores (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011, p.58).



Foto: Capelão do Colégio em Campinas – São Paulo

Observa-se um traço de sua personalidade, marcante em todo o desenvolvimento de seu trabalho, a persistência no seu objetivo, que não era de evangelizar católicos, mas de contribuir para o desenvolvimento de uma Igreja com características singulares próprias ao seu continente e realidade. Assim, José Comblin começou o seu trabalho no Brasil e nele persistiu durante quatro anos consecutivos. Paralelamente a esse período, realizava-se a etapa preparatória do Concílio Vaticano II, que iniciou-se em 25 de janeiro de 1959 pelo anúncio do Papa João XXIII (BEOZZO, 2005, p.9).

O filme “Um grito de Justiça” pode contribuir para uma maior contextualização da situação operária antecedente à fundação da JOC na Bélgica. CONINX, Stijn. Daens: *Um grito de Justiça*. Direção de Stijn Coninx. Bélgica, 1993, Filme, 132 min. color. Son.

A presença brasileira na preparação do Concílio Vaticano II teve pouca representatividade, pois das 846 pessoas que faziam parte das várias comissões e secretariados, somente 10 brasileiros tiveram participação. Entre estes, quatro como membros e seis como consultores das comissões. Estes são: D. Jaime de Barros Câmara, cardeal arcebispo do Rio de Janeiro (RJ), na Comissão Central e, dentro dela, na subcomissão do Regulamento, D. Alfredo Vicente Scherer, arcebispo de Porto Alegre (RS); na Comissão Teológica, D. Antônio Alves de Siqueira, arcebispo auxiliar de São Paulo (SP); na comissão da Disciplina dos Sacramentos, Mons. Joaquim Nabuco Monsenhor, da arquidiocese do Rio de Janeiro.

Na Comissão Litúrgica, fazendo parte da equipe de membros, D. Helder Pessoa Câmara, Arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro (RJ); na comissão dos Bispos e do Governo das Dioceses, D. Geraldo Fernandes Bijos, bispo de Londrina (PR); na Comissão dos Bispos e do Governo das Dioceses, D. Afonso M. Ungarelli, Prelado de Pinheiros (MA); na Comissão da Disciplina de Sacramentos, Frei Boaventura Kloppenburg, da OFM (Ordem dos Frades Menores: em latim, *Ordo Fratrum Minorum*), (RS) na Comissão Teológica; Padre Estevão Bentia era professor na Faculdade Teologia N. S. da Assunção, em São Paulo, na época da preparação do Concílio. Ficou responsável pela Comissão das Igrejas Orientais, D. José Vicente Távora, bispo de Aracaju (SE), no Secretariado Administrativo (BEOZZO, 2005, p. 27 -28).

Em 1962, iniciou-se o Concilio Vaticano II, considerado um dos acontecimentos eclesiásticos mais importantes da história da Igreja Católica. O evento ocorreu perante um enorme contraste sociopolítico e econômico entre os continentes. De um lado, América do Norte e Europa exibiam um ambiente de estabilidade e confiança, de outro, os continentes colonizados, América Latina, África e Ásia, apresentavam grande volubilidade causada por sua condição de exploração, de pobreza e desigualdade social. Desses fatos históricos Comblin pôde ser testemunha ocular, em especial no que diz respeito à Europa, uma vez que havia vivido 35 anos no referido continente e presenciado todo seu poder político de dominação.

Quando já estava aqui no Brasil, em 1959, Comblin teve a sua primeira obra publicada na cidade de Paris, sob o título de *La Résurrection de Jesus-Christ*, escrita enquanto ainda trabalhava como sacerdote na Bélgica. Foi traduzida para vários idiomas,

tais como: italiano, espanhol, alemão e inglês. Em português recebeu o título de “*Ressurreição*”.

Em 1960, sua segunda obra foi publicada com o título *Théologie de la Paix: Principes*, em francês, italiano e alemão. E ainda teve a terceira obra publicada, com o título *Échec de l’Action Catholique?*, nos seguintes idiomas: alemão, francês e espanhol. Ressalta-se que essas duas obras não foram publicadas na língua portuguesa (anexo B-1). Além disso, publicou nove artigos nesse mesmo período (anexo A-2).

1.2.1 Vaticano II – 1962

O Concílio Ecumênico Vaticano II teve o seu início solene no dia onze de outubro de 1962, sob o papado de João XXIII, na Basílica de São Pedro, diante de 2.540 padres conciliares (BEOZZO, 2005, p.15). O Concílio provocou fortes mudanças estruturais na Igreja Católica, favorecendo uma abertura para a Igreja ir ao encontro do mundo, ao invés de caminhar separada ou à margem dele, como procedia há séculos.

Esse evento fez com que a Igreja entrasse na história do século XX sacudindo a poeira imperial e estabelecesse um diálogo profundo com a cultura moderna, colocando fim ao período pós-tridentino. Fechava, dessa forma, uma fase histórica que havia se solidificado a partir de um conceito imperial de Igreja, fruto da política do Imperador Constantino.

Desta forma, o Concílio Vaticano II deu início à abertura de uma nova etapa histórica, em que se objetivava discutir e entender a Igreja Católica a partir de outros pontos de vista. Essa mudança se fazia indispensável diante do ritmo frenético das transformações sociais e das necessidades de se construir uma coesão entre os cristãos. Foi diante desse quadro que surgiu a necessidade de se convocar um grande concílio ecumênico, evento ocorrido diante do papado de João XXIII.

Ao convocar o concílio, João XXIII teve como bússola três temas principais: “buscar um diálogo ecumênico fecundo, abrir-se ao mundo e ser uma Igreja dos pobres”

(GUTIÉRREZ, 1987, P.78). Os dois primeiros temas obtiveram boa aceitação e foram tratados com acuidade, tanto nas Constituições, como nos Decretos Conciliares. Porém, com o terceiro tema, “ser uma Igreja dos pobres”, não ocorreu o mesmo, uma vez que não existia na Igreja qualquer experiência ou reflexão de amplitude similar à que havia sobre uma abertura às transformações da sociedade moderna e o diálogo ecumênico, temas que estavam sendo trabalhados na Europa aproximadamente há meio século.

Contudo, o tema “pobreza” não passou despercebido nos debates e nas reflexões. Pode-se observar como exemplo de tal fato o impacto que teve a mensagem radiofônica, pronunciada por João XXIII no dia 11 de setembro de 1962, apenas um mês antes da abertura das sessões conciliares: “em face dos países subdesenvolvidos, a Igreja apresenta-se – tal qual é e quer ser – como a Igreja de todos e particularmente a Igreja dos pobres” (BEOZZO, 2005, p. 32).

Estas palavras foram tão profundas que o tema provocou a criação de um fórum sobre os pobres. Esse fórum teve a participação dos bispos, cardeais e teólogos, assídua presença dos latino-americanos, e proporcionou uma consciência aguçada da missão da Igreja no Continente, sobretudo no campo da justiça social. Os conciliares se reuniram em quatro sessões, de dois a quatro meses cada uma. O Vaticano II teve o seu encerramento, quatro anos depois, no dia 8 de dezembro de 1965, sob o pontificado de Paulo VI. Neste momento foram escritos textos bastante significativos para a história da Igreja dos Pobres, tais como: Pacto das Catacumbas (BOAVENTURA, 1966, p. 526 - 528) e *Lumen Gentiun* (COMBLIN, 2002, p.17-21).

Nessa época, em 1962, Comblin teve a sua primeira obra escrita e publicada em português, “*Educação e Fé: os princípios da educação cristã*”. Nesse texto o teólogo defende que: “não há Igreja sem educação cristã, pois essa é uma reação vital e configura-se como a resposta biológica de um organismo ameaçado pelos perigos do meio no qual está mergulhado”(COMBLIN, 1962, p. 12).

1.3 Período Chile (1962 – 1965) e Vaticano II

Em meados de 1962, José Comblin aceitou o convite para dar aula na Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Santiago. “[...] em 62, estive no Chile, na Faculdade de Teologia, aí passei três anos e meio porque no último ano um colega morreu e tive que improvisar uma sucessão. Mas ali tinha contrato de três anos, com a ideia de voltar para o Brasil” (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011, p.77). Durante este tempo que Comblin desenvolveu suas atividades no Chile, escreveu o livro “*Teologia da Ação*” (anexo B-2) e mais dezoito artigos (anexo A-3) publicados em diversos idiomas.

Concomitantemente, o Concílio Vaticano II seguia acontecendo, marcando a história da Igreja, especialmente, pela amplitude dos temas abordados. Além disso, o referido evento representou um acontecimento de originalidade singular, mesmo tendo predominância europeia no que diz respeito ao processo de preparação, 75%, ficando somente 25% para os demais continentes (BEOZZO, 2005). Porém mesmo diante deste fato, é preciso somar o agir pela “força do Espírito Santo”(COMBLIN, 1983), que atribuiu ao Vaticano II uma profunda densidade nos evangelhos, ao proferir a sua mensagem e suas orientações.

Quando o Concílio se aproximava do fim, em 1965, o bispo Dom Manuel Larraín¹⁵ compartilhou com seus companheiros algumas preocupações, entre elas o fato de que na América Latina havia a possibilidade do Concílio Vaticano II ficar à margem da Igreja, devido ao fato de ela não estar muito atenta aos sinais dos tempos, situação que pavimentou o caminho para a realização de um “concílio continental” – Conferência de Medellín.

Nesse momento de marco histórico da Igreja, José Comblin havia regressado ao Brasil e, a convite de Dom Helder Câmara, se estabeleceu no Estado de Pernambuco.

[...] Percorri com um colega um pouco dos estados para ver onde ficar e chegando ao Recife estava em pleno movimento para entrar nos seminários. Encontrei Dom Hélder e então ele disse – “Venha para cá, nós precisamos de você”. Dom Hélder sabia convencer. Ele já era famoso e eu não esperava tanto, mas, enfim, já que ele convida, está bem, então vamos ficar ali (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011, p.77).

¹⁵Bispo de Talca, no Chile, filho de uma família aristocrática, amigo de Dom Hélder e Comblin, morto em 1966. Cf. COMBLIN, 2011, Rev. nº. 68.

Então, no mesmo ano que regressou do Chile, 1965, começou a dar aulas no Seminário Regional do Nordeste, em Camaragibe, na região metropolitana de Recife, no Estado de Pernambuco.

1.4 Período Brasil (1965-1972) e Medellín

Em 1965, quando José Comblin decidiu residir na cidade de Recife/PE a convite de Dom Hélder e trabalhar junto às questões envolvendo a efervescência política e cultural que o país estava vivendo, ele escreveu o livro *Nação e nacionalismo* (COMBLIN, 1965, p.321), o qual utilizou o cenário político, que visava instituir o nacionalismo brasileiro sob o governo de Juscelino Kubitschek.

José Comblin admirava Dom Hélder e sua capacidade e amor ao trabalho; sobre isso diz: “É interessante porque ele era um sacerdote e depois bispo auxiliar brilhantíssimo, se metia em tudo e sempre com uma grande capacidade de trabalho. [...] Era talvez a personalidade mais forte que havia na Igreja Católica no Brasil” (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011, p.79). Ainda sobre o amigo e companheiro de trabalho, José Comblin diz que foi influenciado por Dom Hélder, conforme pode-se constatar em sua própria entrevista:

[...] Ele influenciou mais a mim, porque, nessa época, Dom Hélder era uma personalidade tão forte, recorria à ajuda de muita gente, mas ele sabia aonde ia, o que queria e tudo, então, buscava auxílio, ajuda, mas não buscava influência. Quer dizer, já estavam feitas todas as suas conversões, já estavam realizadas. Já tinha sua personalidade bem determinada, tinha 60 anos, então, acho que ninguém mais tinha muita influência sobre ele não. Ele que tinha influência sobre todos, porque ele sabia o que queria (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011, p.78).¹⁶

¹⁶ Cf. O Professor Dr. Clodovis Boff, que foi aluno de José Comblin no programa de doutorado na Bélgica, disse numa conversa informal na Universidade Católica do Paraná (PUC/PR), no dia 14/06/2012, ‘que foi a partir do momento de convívio com Dom Hélder, e sua paixão, seu amor e sua missão para com os desfavorecidos que Comblin se integrou de maneira mais profunda e ampla ao trabalho com os pobres’, confirmando as palavras ditas por Comblin em sua entrevista.

Em 1968, José Comblin iniciou as aulas no Instituto de Teologia do Recife (ITER)¹⁷. Segundo entrevista com o mesmo, o ITER era um lugar com muitas atividades que promoviam movimentos sociais e estudos paralelos, porém, não era uma ameaça revolucionária que gerasse seu fechamento, como aconteceu.

Dom Hélder tinha uma programação magnífica, então devia entrar, justamente, toda a problemática social, todo o sentido humanitário-social do cristianismo. Um dia, inclusive, fez um discurso inaugural em que apresentava o diálogo com todas as filosofias, com o marxismo, com tudo [...]. Tinha uns professores mais tradicionais e que ensinavam as matérias principais, eu sempre tive matéria secundária, porque eles eram das colunas. Então o ITER criou uma fama que eu acho que não merecia [...]. Mas, é claro que era também o lugar de encontro para os movimentos sociais, para o encontro de irmãos das comunidades e coisas assim, mas isso era um pouco atividade lateral; agora, o ensino mesmo, não respondia. E então quando Dom José Cardoso Sobrinho veio com essa acusação de que ali era perigo revolucionário, não tinha nada disso, o que havia é que ele queria atacar Dom Hélder [...]. Houve alguns professores de qualidade, como o Sebastião Armando¹⁸, esse sim, tinha boa formação e uma mensagem; teve a irmã Ivone Gebara¹⁹ que também tinha boa formação (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011, p.75).

Na cidade do Rio de Janeiro, no mês de julho de 1968, realizava-se a assembleia da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB)²⁰, na qual, simultaneamente ao evento, buscava-se juntar um milhão de assinaturas para ser expedida ao governo militar, sob o comando do Marechal Costa e Silva, solicitando a expulsão de José Comblin do

¹⁷O Instituto de Teologia do Recife (ITER), foi aberto por Dom Hélder Câmara, em 7 de março de 1968 e fechado em 1989, com metodologia nova para a formação dos futuros padres e líderes da igreja: uma teologia viva e libertadora, segundo o espírito do Vaticano II. Em: <http://www1.cendhec.org.br/cms/opencms/cendhec/pt_institucional/domhelder/> Acessado em: 20/06/2012. Cf. Segundo Newton Cabral, o ITER tinha como objetivo “Ser o centro de estudos para experiência de seminaristas dispersos em pequenas comunidades, aglutinar professores espalhados em várias unidades formativas existentes na Grande Recife e vir a ser um centro de referência no fazer uma Teologia em sintonia com a realidade do Nordeste do Brasil”(CABRAL, 2008, p. 402).

¹⁸ Sebastião Armando Gameleira Soares, originário de Alagoas. Fez seus estudos nas universidades Lateranense e Gregoriana, e no Instituto Bíblico, de Roma. É também bacharel em Direito e tem Curso de Especialização em Sociologia. Durante 25 anos foi assessor e coordenador do Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (CEBI). Atualmente é bispo da diocese anglicana do Recife(HOORNAERT, 2012, p. 174).

¹⁹ Ivone Gebara, escritora, assessora de movimentos sociais, professora de teologia e filosofia e membro da congregação das Irmãs de Nossa Senhora; aluna e amiga de José Comblin (HOORNAERT, 2012, p. 173).

²⁰ A CNBB Foi fundada em 14 de outubro de 1952, no Rio de Janeiro. Dom Helder foi o grande idealizador e promotor dessa organização (AVILA, 1993, p. 104).

Brasil, sob a denúncia de que era um revolucionário comunista²¹. Essa ação foi motivada devido as ponderações de Comblin redigidas a Dom Hélder Câmara em razão da Conferência de Medellín, que teria início em agosto de 1968.

No documento Comblin deu ensejo a que TFP²² brasileira desencadeasse, a partir de 17 de julho de 1968, uma campanha de coleta de assinaturas para uma Mensagem a Paulo VI, pedindo respeitosamente medidas eficazes contra tal infiltração. Em 58 dias de campanha, 1.600.368 brasileiros de 229 cidades de 21 Unidades da Federação havia assinado as listas apresentadas pela TFP.²³

A resposta de Dom Helder aos meios de comunicação, a sociedade, ao governo ditatorial foi nítida, objetiva e corajosa. “Dom Helder afirmou que o padre José Comblin, acusado de subversivo por ter escrito o documento ‘Estudos do Instituto Teológico do Recife’ continuará no Recife” e acrescenta: “Discordo, em parte, como é natural do sociólogo. Graças a Deus que os cristãos podem divergir em questões abertas”²⁴.

Ainda nesse período de tantas efervescências políticas, sociais, culturais e teológicas, Comblin publicou o livro, “*Os sinais dos tempos e a evangelização*”, cujo conteúdo, em sua maior parte, é uma compilação de textos publicados entre 1965 e 1968. A obra “*Teologia da Cidade*”, escrita antes de regressar do Chile, teve sua primeira publicação somente em 1968,

²¹ Segundo o Padre José Oscar Beozzo, que estava regressando ao Brasil no ano de 1968, após seu mestrado na Europa, ao desembarcar no Rio de Janeiro, ele se impressionou com a mobilização que se estava acontecendo para que ocorresse a expulsão de José Comblin, sob a acusação de comunista. Essa informação foi obtida em um diálogo informal com Padre José Oscar Beozzo no Seminário João XXIII, Rua Dr. Mário Vicente, 1108, na cidade de São Paulo, no dia 21/03/2012.

²² TFP – Tradição, Família e Propriedade, foi fundada por Plínio Corrêa de Oliveira, pernambucano, filho de família nobre, católico conservador, no ano de 1960, na cidade de São Paulo. O qual se posicionava contra a revolução com apoio da ala conservadora da Igreja Católica. O livro mestre da TFP “Revolução e Contra-Revolução” teve sua primeira publicação em 1959. Em: <<http://www.tfp.org.br/tradicao-familia-e-propriedade/fundador/pagina-4>> Acessado em 09/06/2012

²³ Catolicismo: Revista de Cultura e Atualidades. *Mensagem da TFP a Paulo VI*. <<http://www.catolicismo.com.br/materia/materia.cfm/idmat/B0F9D145-3048-313C-2ED4ED41E74C3C35/mes/Janeiro1993>> Acessado em: 09/06/2012

No dia 21 de junho de 1968, o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, na qualidade de Presidente do Conselho Nacional da TFP, dirigiu carta pública ao então Arcebispo de Olinda e Recife, D. Hélder Câmara, pedindo medidas enérgicas contra as atividades subversivas do Padre Joseph Comblin, na época professor do Instituto Teológico daquela Arquidiocese. A referida carta foi publicada em 16 jornais e distribuída à população de 25 cidades, de Fortaleza a Porto Alegre, causando forte impacto na opinião nacional. Em: <<http://www.catolicismo.com.br/materia/materia.cfm/idmat/B0F9D145-3048-313C-2ED4ED41E74C3C35/mes/Janeiro1993>> Acessado em: 10/06/2012

²⁴ O Globo, Rio de Janeiro, 12 de julho de 1968. Em: <<http://www.pe-az.com.br/dh/1968.htm>> Acessado: 09/06/2012

em Paris, quando José Comblin já estava morando e trabalhando no Brasil. Aqui, infelizmente, o livro só foi traduzido para o português e publicado em 1991, duas décadas após a primeira edição (anexo B-3). Também publicou dez artigos (anexo A-4) até o ano da conferência de Medellín.

1.4.1 Conferência de Medellín – 1968

No período de 26 de agosto a 6 de setembro de 1968, na cidade de Medellín, na Colômbia, país latino-americano, sob o tema “A Igreja na presente transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano II”²⁵, ocorreu a Conferência episcopal de Medellín (CELAM II). Sua conjuntura era a de diferenças gritantes entre o continente Europeu e o da América Latina, pois enquanto o primeiro vivia um profundo otimismo econômico e social, a América Latina estava vivendo um período de incursão do capital estrangeiro, principalmente por meio das multinacionais e de um processo que se apoiava na ‘ideologia do desenvolvimentismo’, o que contraditoriamente não explicitava a promoção da libertação social e econômica do povo latino, mas à sua dependência absoluta dos países dominantes. Conforme Mondin,

A teoria do desenvolvimento delineia um novo tipo de relações entre países ricos e os países do Terceiro Mundo: Não mais uma relação de domínio e exploração, mas, sim, um trato de cooperação e de assistência. Aos países ricos cabe a tarefa de ajudar os países pobres a saírem do subdesenvolvimento, fornecendo uma contribuição de capitais[...]. Os Estados Unidos se empenharam em fornecer vinte milhões de dólares no prazo de dez anos (com a Aliança para o Progresso, fundada em 1961 por Kennedy). Os países latino-americanos aceitaram a aliança com grande entusiasmo [...]. Mas a Aliança estava baseada em teorias econômicas erradas que, em vez de reduzir a separação entre os países ricos e países pobres, tornava a distância cada vez maior (MONDIN, 1980, p. 27).

Neste contexto, o mundo político, por sua vez, inflamou-se com ascensão dos movimentos populares e estudantis. Com a organização dos sindicatos urbanos e rurais, e

²⁵Em.: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/audiences/1979/documents/hf_jp-ii_aud_19790207_po.html> Acessado em: 10/06/2012

acima de tudo, com os movimentos revolucionários, que lutavam contra o tétrico sistema econômico e político buscando libertar-se deste. As classes dirigentes por sua vez, já não conseguiam mais encobrir suas manobras para manter o povo latino preso a um sistema que implantava a desigualdade e injustiça, favorecendo primeiramente a elite dominante.

Diante desse modelo econômico frustrado, nasceu a “Teoria da Dependência”²⁶, cujo axioma principal fundamentava-se na impossibilidade de um verdadeiro desenvolvimento sem a ruptura completa da dependência com o Primeiro Mundo. O recurso, perante essa conjuntura, versava então no processo de cisão com os vínculos de dependência e a consecutiva libertação que proporcionaria executar os projetos nacionais independentes do capital estrangeiro. Segundo Libanio,

Pode-se dizer que o lugar do nascimento do termo “libertação” é a teoria da dependência, que procura explicar a situação do continente latino-americano, já não mais em categorias de subdesenvolvimento, desenvolvimento, países em via de desenvolvimento, mas de países periféricos, dependentes, oprimidos e países centrais, opressores, de modo que a solução se encaminha na linha da libertação (LIBANIO, 1987, p.146 -147).

Esse era panorama histórico da América Latina quando o episcopado se reuniu para a II Conferência do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM II).

A força do Concílio Ecumênico Vaticano II buscou uma conscientização do contexto oprimido da América Latina, que contou com a intrepidez, a coragem e a profecia de uma geração de pastores que ansiavam pela libertação completa de um continente selado pela pobreza e pela injustiça estrutural.

Assim, se o Vaticano II tinha reivindicado a presença da Igreja no mundo, Medellín apresentou esse mundo dentro do contexto da América Latina como sendo um mundo pobre, um submundo. Dessa forma, surgiu na Igreja uma nova consciência e estilo de viver, atendendo ao desejo e a petição de João XXIII de que a “Igreja fosse de todos, mas preferencialmente dos pobres” (LIBANIO, 1987, p.66). O anseio do Papa diante dos fatos concretos da Igreja Latina significava para ele que o projeto da “Igreja dos pobres”

²⁶ Mais dados sobre a Teoria da Dependência pode ser encontrado em na obra de Libanio (1987, p. 54) Cf. “A teoria da Dependência baseia-se na divisão do mundo em duas partes: uma rica e outra pobre. O mundo enriquece graças à exploração dos pobres” (COMBLIN, 2005, p.150).

originava-se de uma aspiração que surgia no interior da “Igreja Universal”. Comblin, em entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos, afirma que:

[...] Foi a partir de Medellín que nasceu um comprometimento com um assunto que, até então, não era visto como prioridade: a opressão dos pobres. “Em Medellín, a hierarquia começa a descobrir a verdade do evangelho, além de todas as devoções religiosas. Rompe a aliança com a classe dominante e pagará o preço.” Para Comblin, a contribuição da Conferência vai além da América Latina. “A Conferência de Medellín tem significado para a Igreja universal”, avalia. Na sua visão, uma grande herança de Medellín para a Igreja Latino-Americana é a luta pela justiça e a legitimidade da luta pela libertação por parte dos oprimidos²⁷.

Os bispos realizaram vários estudos da realidade latino-americana para responder aos desafios de transformação da mesma. A encíclica *Populorum Progressio*, de Paulo VI, publicada em 26 de março de 1967, segundo Libanio, contribuiu para a Conferência de Medellín devido às suas questões de transformação e desenvolvimento do povo do Terceiro Mundo (1987, p.69)²⁸. Dessa forma, nas igrejas locais dos diversos países da América Latina, grupos de cristãos leigos e clérigos se reuniam com a tarefa de perscrutar os “sinais dos tempos”²⁹ das realidades socioeconômicas e de refletir sobre as mesmas à luz da fé.

Com isso, o episcopado latino-americano teve um encontro com a maioria cristã empobrecida do continente, tais como moradores das periferias urbanas, indígenas e camponeses, os quais revelavam suas verdades de pobreza, de miséria, de submundo. Dessa maneira, esses encontros permitiram que a realidade desumana e injusta dos pobres estivesse nas reflexões de Medellín, e que elas fossem seu clamor profético, ao sustentar que a pobreza não era da vontade de Deus, e sim uma condição de pecado que necessitava ser sobrepujado.

²⁷ Em:

<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1881&secao=261>
Acessado em: 12/05/2012

²⁸ Cf. COMBY, 2001, p. 215.

²⁹ “Sinais dos Tempos” dentro da especificidade da TdL, diz respeito à interpretação dos sinais dos tempos do continente latino-americano, especialmente a irrupção dos pobres, suas batalhas e sua consciência coletiva libertária. (LIBANIO, 1987, p. 224). Cf. COMBLIN, José. *A Primavera Interrompida: Projeto Vaticano II num impasse. Livros Digitais Koinonia, Vol. 2, 2006, pp.59-65. ISBN 9962-02-926-0* < Em: <http://www.servicioskoinonia.org/LibrosDigitales/LDK/LDK2.pdf>> Acessado em: 22/06/2012

No entanto, diante da maneira singular, solidária e corajosa de fazer uma teologia libertadora, focada na libertação social e econômica dos pobres, a sociedade latina vivia uma época de ditadura militar, que se impôs com autoritarismo, violência, opressão e despotismo. Esse regime político originou-se vinculado à invasão do capital estrangeiro que se instalava no continente, juntamente com a política econômica dos Estados Unidos.

Essa situação política alojou-se em vários países do continente latino-americano e em momentos próximos. No Brasil, o golpe militar ocorreu em 31 de março de 1964. Na Bolívia, em 26 de setembro de 1969. Na Argentina, em 28 de junho de 1966, durando até 1973, momento em que é restabelecida a democracia. Em 1976 houve a retomada do governo militar. No Peru, em 3 de outubro de 1968. No Panamá, também ocorreu em outubro de 1968; no Equador, em 16 de fevereiro de 1972; e no Chile, depois de uma experiência socialista de três anos com Salvador Allende³⁰, o país sofreu o golpe militar em 11 de setembro de 1973 (COMBLIN, 1978).

Nessa época criou-se a Doutrina de Segurança Nacional (DSN). Criada em 1947 e aplicada no Brasil em 1968, quatro anos após o golpe militar, está fundada em alguns conceitos básicos que tratam de questões referentes à geopolítica³¹. A ideologia foi elaborada nos grandes centros de comando capitalista, principalmente nos Estados Unidos da América, com objetivo de distanciar o risco da ampliação socialista na América Latina após o triunfo da Revolução Cubana³².

[...] É incontestável que essa doutrina vem diretamente dos Estados Unidos da América. É nesse país que os oficiais dos exércitos aliados aprendem-na. O conjunto de cursos ministrados nas escolas militares norte-americanas são impregnados dos elementos dessa doutrina. Assim internamente, a Doutrina da Segurança Nacional, inspirou a existência da Presidência Imperial [...]. Quanto ao exterior, foi certamente a Doutrina da Segurança Nacional que levou os Estados

³⁰ Salvador Allende cursou medicina na Universidade do Chile (UC). Ali participou do movimento de esquerda Avance, do qual seria expulso por apoiar práticas consideradas democráticas. Em 1933, fundou com outros companheiros o Partido Socialista, no qual militaria por toda a vida. Foi eleito em 1945, 1953, 1961 e 1969 ao Senado, por diferentes regiões. Sua atuação no Legislativo ficou conhecida pela defesa do socialismo moderado e da soberania nacional, e pelo combate à desigualdade e ao imperialismo (SADER; JINKINGS; NOBILE; MARTINS, 2006, p. 65).

³¹ Pode-se encontrar mais informações sobre conceitos básicos de geopolítica e DSN na seguinte referência: (COMBLIN, 1978. 23-27).

³² A Revolução Cubana se deu no dia 01 de janeiro de 1959, sob o comando de Fidel Castro, quando este tornou-se primeiro-ministro, e instalou um regime marxista e fez de Cuba um aliado da União Soviética. Mais informações na seguinte citação: (BANDEIRA, 1998). Cf. (COMBLIN, 2008, n.66, p. 40).

Unidos a promoverem e manterem as ditaduras militares dos Estados Satélites (COMBLIN, 1978, p.14-15).

Em prol do exercício dessa Doutrina de Segurança Nacional (DSN), os direitos humanos foram transgredidos e os movimentos que se davam nos sindicatos, nos partidos políticos, nas igrejas, nas universidades, na imprensa, entre outros segmentos, foram acuados, tolhidos e sobrepujados de forma esmagadora. Até mesmo aqueles – sacerdotes, religiosos, bispos, leigos - que escolheram seguir as opções nascidas da insurreição eclesial, oriunda do Vaticano II, eram vistos como suspeitos devido à responsabilidade que tinham para com as causas dos pobres, e por causa disso eram muitas vezes marginalizados, perseguidos, torturados e até mortos (BOFF, 1985).

[...] Os primeiros revolucionários no Brasil foi um grupo de dominicanos de São Paulo. Frei Betto³³ estava presente nesse grupo. Frei Tito³⁴ era desse grupo e o Frei Fernando³⁵ também[...], e mais alguns outros, dois ou três, da sua geração também. Tinham fundado a Revista Brasil Urgente, primeira revista revolucionária, e por isso, foram presos (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011, p.59).

O DSN proclamava guerra antissubversiva a todos aqueles que estavam em desarmonia com a visão autoritária da organização da nova sociedade. Tolhia toda liberdade de expressão, liberdades pessoais, liberdade de imprensa, liberdade sindical e a liberdade dos movimentos que poderiam provocar receios àqueles que dela se utilizam. Segundo Comblin (1978, p.13,14 e 15).

³³ Carlos Alberto Libânio Christo, conhecido como Frei Betto, nasceu em Belo Horizonte dia 25 de agosto de 1944, religioso dominicano brasileiro, escritor, jornalista, foi perseguido na ditadura militar, ficou preso por 4 anos, e uma de suas principais obras, a qual se transformou em filme é “Batismo de Sangue”. Em: <<http://www.ube.org.br/biografias-detalle.asp?ID=1005>> Acessado em: 22/06/2012. Cf. Filme: *Batismo de Sangue*. Direção: Helvécio Rattón. Brasil, 2006. 1 DVD (103 min).

³⁴ Tito de Alencar Lima, Frei Tito. Nasceu em Fortaleza (1946 -1974), depois seguiu para Recife, devido a esta cidade ser a sede da Ação Católica, daquela região do país, e por fim seguiu a São Paulo, 1966, para ingressar no convento dominicano, dedicado, inquieto, fazia cursos complementares na USP, era engajado ao movimento estudantil. Foi preso na ditadura militar, exilado, e por fim suicidou-se 10 de agosto de 1974, em Paris, França. Em: <http://www.adital.com.br/freitito/por/irmao_depoimentos_betto.html> Acessado em: 22/06/2012

³⁵ Frade dominicano Fernando de Brito. Nasceu em Visconde do Rio Branco, MG. Hoje desenvolve seus trabalhos no litoral norte do Estado da Bahia. Mais informações podem ser encontradas em seu *blog*. Em.: <<http://frbritoop.blogspot.com.br/search?updated-min=2012-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2013-01-01T00:00:00-08:00&max-results=2>> Acessado em:23/06/2012

Porém, José Comblin continuou persistentemente lutando pela causa da libertação, mesmo diante desse panorama político que marcava a Igreja, especialmente, a da América Latina. O teólogo continuava a fazer uso da literatura como uma de suas ferramentas de ação profética para liberdade. Em 1968, publicou o livro escrito em português sob o título, “*O Provisório e o Definitivo*”; em 1969, escreveu “*O futuro dos ministérios na Igreja latino-americana*” e a “*Fé no Evangelho*”. Em 1970, publicou o livro *Théologie de la Révolution*, onde aborda a revolução pelo aspecto da não violência. Também nesse mesmo ano publicou a obra *A maior Esperança* (anexo B-4). E ainda publicou trinta e oito artigos em distintos idiomas (anexo A-5).

Essa situação política marcou a Igreja Católica da América Latina com muitos mártires³⁶, estes derramaram seu sangue em prol da libertação do continente empobrecido pela exacerbada dependência histórica. A ilustração abaixo contribui para entendermos o contexto dessa época.³⁷



³⁶ Pode-se citar como exemplo dois documentários, Dom Oscar Romero e Batismo de Sangue. Esses relatam a história da luta e das barbáries que ocorreram com a vida de dois padres, na época da ditadura militar, os quais morreram de forma distintas porém devido a mesma causa – a luta pela libertação dos desfavorecidos. Cf. DUIGAN, John. Dom Oscar Romero. Produção de John Duigan. E.U.A. - 1989. Drama, 105 min in RATTON, Helvécio. Batismo de Sangue. Produção de Helvécio Ratton. Brasil, França – 2006. Drama, 110 min

³⁷ Fazendo menção à jornada Teológica do Cone Sul que aconteceu entre os dias 12 a 15 de julho de 2011, em Santiago do Chile, mostra por meio da arte, o contexto dos mártires da época que estamos nos referindo. Em: < <http://molinacuritiba.blogspot.com.br/2011/07/mesas-de-trabalho-apresentarao.html> > Acessado em 23/06/2012 Cf. Em: < <http://www.jornadasteologicas.cl/> > Acessado em 23/06/2012

Assim, a Igreja do continente latino-americano tornou-se arquétipo aos demais, quanto à reestruturação pastoral, a responsabilidade social e a reflexão teológica, segundo Libanio:

A evangelização foi além da mera proclamação da Palavra ao avisar à transformação das estruturas sociopolíticas e econômicas. A pregação, a teologia e a prática da Igreja focalizaram a justiça social. Superou-se a concepção intimista do pecado trabalhando a realidade do pecado social. Condenou-se a violência institucional do próprio sistema e não unicamente a das guerrilhas e lutas armadas. Para conhecer a realidade social em vista de pastoral transformadora, lançou-se mão da metodologia do VER-JULGAR-AGIR (LIBANIO, 2007, pp.23-24).

Concretamente a Igreja do continente latino-americano fez a audaciosa opção pelos pobres, e o seu desenvolvimento se deu principalmente por meio da educação católica. Clodovis Boff afirma a importância que o tema ‘educação e libertação’ teve na conferência de Medellín.

O Documento IV, relativo à "Educação" é um dos que explicitam de modo mais forte o tema da libertação. Sete vezes aparece aí a palavra "libertação", "libertar" ou "libertador". Há inclusive todo um parágrafo (4.8) que explicita o conteúdo do que chama com todas as letras a "educação libertadora". Define-a como a que "transforma o educando em sujeito de seu próprio desenvolvimento" e é vista como "o meio-chave para libertar os povos de toda escravidão"(BOFF, 2008)³⁸.

Nesse contexto, a educação libertadora seguiu o exemplo pedagógico de Paulo Freire, principalmente em suas obras: *“Educação Para a Liberdade”* e *“Pedagogia do Oprimido”*. Tal proposta apregoava o desenvolvimento de uma pedagogia conscientizadora e libertadora junto ao povo, à sua sabedoria e ao seu conhecimento, para assim, delinear a Educação Popular.

Esse assunto será abordado com maior profundidade no capítulo dois, uma vez que a presente pesquisa busca responder à seguinte pergunta: Qual a relação entre o processo de libertação e a Educação Popular no pensamento de José Comblin?

Nesse contexto, Enrique Dussel (1999, p. 55-78)³⁹ diz que os movimentos sociopolíticos pastorais, principalmente da ala jovem, contribuíram significativamente para o

³⁸BOFF, Clodovis. A Originalidade Histórica de Medellín. Em: < <http://sedosmission.org/old/spa/boff.html> > acessado 24/06/2012.

³⁹Cf. Em: <<http://www.pucsp.br/cedic/cedic2.php?keyword=a%E7%E3o+cat%F3lica&por=todos&acervo=todos>> Acessado em: 25/06/2012

posterior nascimento da nova teologia latino-americana, dentre os quais, pode-se citar alguns: Juventude Estudantil Católica (JEC), Fundação Municipal para Educação Comunitária (FUMEC), Juventude Operária Católica (JOC), fundada na Bélgica em 1923, Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Universitária Católica (JUC).

E é neste transcorrer histórico de luta e de revolução que a América Latina se encontrava que se deu o nascimento da filha do Vaticano II - a Teologia da Libertação, a qual, segundo Libanio, “só se tornou possível porque houve a virada teológico-antropocêntrica da teologia e o método VER-JULGAR-AGIR consagrado pela *Gaudium et Spes*⁴⁰. Sem esses dois pilares nunca se construiria uma teologia da libertação” (LIBANIO *apud* LORSCHIEDER, 2005, p.84).

1.4.2 Nascimento da Teologia da Libertação – 1971

No contexto Católico Romano, a Teologia da Libertação teve como baliza referencial para seu nascimento o Concílio Vaticano II e a Conferência de Medellín (II Conferência Episcopal Latino-americana – CELAM II), os quais ocorreram entre os anos de 1962 a 1968, e constituíram a fase de incubação da TdL.

Os padres conciliares, ao retornarem do CELAM II, buscaram executar o projeto de libertação socioeconômica, cuja proposta era restaurar a missão profética da Igreja. Assim, iniciaram uma etapa singular, decisiva, conscientizadora e transformadora da teologia e da prática da Igreja Católica na América Latina. O CELAM II foi um marco histórico, um divisor de águas na história da Igreja Latina, onde a característica da libertação socioeconômica dos pobres se tornou intrínseca à missão profética da Igreja. O Papa Paulo VI, que havia estado em Medellín devido o CELAM II, proclamou nela: “Desenvolvimento é o novo nome da paz”(COMBY, 2001, p. 218-219).

⁴⁰ *Gaudium et Spes*, é a formação de uma pastoral sobre a Igreja no mundo atual. É a 4ª das Constituições do Concílio Vaticano II. Cf. Em: < http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html > Acessado em: 22/06/2012.

Esse contexto teológico de libertação implicou um processo que gerou a preparação de um inédito projeto teológico, que nascia na América Latina para todos os continentes. Esse projeto teve a contribuição, especialmente nas questões de definição metodológica científica, de Rubem Alves⁴¹, José Comblin, Richard Schaul⁴².

Os teólogos da América Latina inspiraram-se no modelo de teologia política que se estava desenvolvendo na Europa no fim dos anos sessenta: a teologia política da revolução [...]. A particular consonância deste projeto teológico com o contexto da América do sul foi percebida imediatamente por dois autores que são latino-americanos por adoção: o norte-americano Richard Schaul, e o belga Joseph Comblin. Eles se esforçaram em transplantar a teologia da Revolução da Europa para a América do Sul, contribuindo assim para as primeiras bases da teologia da libertação [...]. E de ter adaptado a teologia europeia da esperança aos anseios da América Latina cabe ao brasileiro Rubem Alves (MONDIM, 1980, p.31).

Assim, por esse terceto, Rubem Alves, Richard Schaul e José Comblin, os dois primeiros com formação nos Estados Unidos e o último com na Europa, nasceu a TdL. Rubem Alves buscou sintonizar a teologia da esperança à situação sociopolítica da América Latina, desenvolvendo a teologia da esperança oprimida. Já Schaul e Comblin realizaram uma análoga adaptação da teologia política e transformaram em teologia da revolução (MONDIM, 1980, p.33).

Pode-se observar nesse contexto, o traço ecumênico no trabalho de José Comblin - nesse caso, principalmente, a formação de uma Teologia própria do e para Terceiro Mundo. Em entrevista ele relata brevemente o seu contato com religiosos protestantes: “Dos protestantes da Teologia da Libertação, o que eu tive mais contato foi com Míguez Bonino⁴³ da Argentina [...], com Rubens Alves não tive contato. Também eu conheci o Richard Shaul ali em Campinas” (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011, p.70).

⁴¹A *Theology of Human Hope*. Corpus Books, Washington, 1969 faz parte de uma das obras mais importantes de Rubem Alves, neste momento da história da TdL (MONDIM, 1980, p.53). A obra se refere a sua tese intitulada "Para uma teologia da libertação", a qual foi defendida no Seminário de Princeton, EUA em 1968, e publicada em 1969 com o referido título *Theology of Human Hope*. A mesma foi publicada no Brasil somente em 1987 sob o título “Da Esperança”, pela editora Papyrus. Cf. Em: < <http://emunaheditora.com.br/artigos-teologicos/60-historia-da-igreja/93-a-teologia-no-brasil> > Acessado em: 23/06/2012

⁴² Mais dados sobre a história de vida e de trabalho de Richard Schaul, pode ser encontrada em MONDIM (1980, p.37-38).

⁴³ Informações sobre sua biografia, suas obras e seu trabalho pode ser encontradas em Mondin (1980, p.37-38).

Em meio ao nascimento da TdL, época de efervescência política, social, econômica e teológica no continente latino-americano - quando José Comblin contribuía, principalmente com sua capacidade de análise intelectual e sua formação acadêmica europeia, para o nascimento da mesma -, Comblin, também dava aulas no Instituto de Pastoral Latino-Americano (IPLA), na cidade de Quito/Equador, trabalho que desenvolveu entre 1968 e 1972. Concomitantemente dava assessoria na Diocese de Riobamba,⁴⁴ onde lutava contra a discriminação e preconceito que havia contra os indígenas, por meio de movimentos populares.



Foto: Povo de Riobanda/Equador

Paralelamente começou a dar aulas de teologia pastoral na Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Lovaina, em 1971. Além disso, continuava com seus trabalhos no Brasil junto ao ITER e ao arcebispo Dom Hélder Câmara, em prol da libertação dos excluídos. Observa-se o traço marcante de sua vocação, a luta em favor dos excluídos e dos

⁴⁴ Dados sobre a cidade de Riobamba se encontra em: < http://www.chimborazo.net/riobamba_chimborazo.html > Acessado em 22/06/2012.

desfavorecidos, bem como o seu compromisso em fazer com que os ensinamentos da academia chegassem até o povo por meio de ações pastorais populares que eram viabilizadas através da Educação Popular.

Segundo Miguez Bonino (BONINO *apud* MONDIN, 1980, p. 64), após a constituição do projeto, os fundadores da TdL foram Hugo Assmann, do Brasil, e Gustavo Gutierrez, do Peru. Porém, foi com a publicação do livro *Teología de Liberación. Perspectivas*, em dezembro de 1971, escrito por Gustavo Gutiérrez, que se realizou o nascimento do termo teórico “Teologia da Libertação”. Essa obra marcou a teologia latino-americana, pois proporcionou de forma profícua a canalização de todo o esforço da teologia dos anos 60. Constituiu-se um paradigma para todos aqueles que desejavam compreender o que é um fazer teológico a partir da perspectiva de libertação.

A Teologia da Libertação, por sua vez, começou então a ser edificada pelo desenvolvimento de um método teológico que relocava e expandia os afazeres tradicionais da teologia. De função crítica da ação pastoral da Igreja para uma reflexão crítica a partir da prática histórica à luz da Palavra de Deus, ou seja, uma “relação não só teórica, mas prática, ligada a determinado contexto histórico”(LIBANIO, 1987, p.99).

Pobreza, prática, libertação, utopia, salvação, também foram conceitos tratados pela TdL com muita acuidade. Nessa perspectiva, a ação pastoral procurava avaliar a responsabilidade política da fé, em circunstâncias de injustiça, bem como sua missão perante a edificação de uma sociedade fraternal, equitativa, solidária. A partir desse momento começou uma vasta produção bibliográfica na perspectiva de libertação na América Latina. Comblin, em uma entrevista, citou alguns nomes importantes que constituíram a literatura da TdL:

Agora, apareceu, naquele tempo, uma geração de teólogos que estavam descobrindo essas mesmas coisas, latino-americanos que estavam justamente formando um grupo. Um dos primeiros teólogos, -Gustavo Gutiérrez - porque eu estive nos primeiros grupos, era um pouco, digamos assim, chefe da escola. Ele era peruano, mas muito índio, fisicamente metade índio. Outro foi Juan Luis Segundo, Uruguaio; Segundo Galilea e Ronaldo Munhoz, Chilenos e depois Jon Sobrino de El Salvador. Depois apareceu a geração seguinte com Leonardo Boff, já dez anos depois, ele tem 70 anos agora. Eu sou da geração dos 80, Gustavo Gutiérrez tem 80 anos e ao mesmo tempo tinha um grupo de sacerdotes e bispos, como Dom Hélder Câmara, que estavam no meio dos índios e dos pobres, que tinham feito uma opção muito forte, muito integral, radical, no meio de perseguições, de incompreensões, mas permanecendo firmes. Então, ali, estando nesse grupo, isso vai formando a personalidade, porque sozinho pouco se pode

fazer, pouco se faz, é da conversa com outros que ajuda muito e de diversos países, pois as situações e problemas globais são fundamentalmente semelhantes. Sem esse grupo claro que seria muito diferente. O grupo, quando houve algumas reuniões, era o total de 40, mais ou menos, que publicaram, escreveram, de vários países, com várias fisionomias pela variedade dos países e ali se encontravam em congressos, reuniões, assim, três se encontravam aqui, quatro em outro lugar (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011 p.69)

Segundo Libanio (1987), os anos que seguiram após a Conferência de Medellín II, com o nascimento da TdL, estiveram assinalados por uma deslocação constante da Igreja do ‘centro para periferia’, intensificando-se em todos os lugares do continente incontáveis Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Milhares de estudos bíblicos e ministérios constituídos por pessoas leigas surgiram, ocasionando uma nova forma pastoral de acompanhar os desfavorecidos, saindo de dentro das igrejas para as periferias e campos a fim de encontrar o irmão pobre que vivia à margem da sociedade.

Essa inserção de religiosos leigos e clérigos no meio popular foi um indicador do engajamento proposto pela TdL, e a Educação Popular encontrou um amplo espaço de trabalho nesse contexto de compromisso com outrem. A metodologia desenvolvida articulava fé e vida, palavra de Deus e compromisso social, e também o método da Ação Católica – ver, julgar e agir -, além da pedagogia libertadora de Paulo Freire.

Esta vinculação da TdL com o povo permite que ela possa ter sucesso nessa empresa teórica, superando, continuamente as tentações individualizantes da modernidade e o integrismo apologético da anti-modernidade, em síntese criativa. Mostra que é possível pensar, teologizar a problemática da libertação sem precisar necessariamente ficar submerso na absolutização da autonomia da subjetividade e da razão moderna pela permanente vinculação pedagógica com a luta, a caminhada, a fé e a piedade popular, vividas pelas comunidades cristão de base (LIBANIO, 1987, 100-101).

Nesse momento histórico de nascimento da TdL, 1971, José Comblin publicou a importante obra “*Jesus de Nazaré*”, que apresenta Jesus como homem livre, que enfrenta os poderosos.

Jesus foi antes de tudo, um homem livre. Fez resplandecer a sua liberdade diante dos seus adversários [...]. Morreu depois de três anos de vida pública apenas, porque não quis ocultar, nem sequer atenuar, as manifestações exteriores de sua liberdade: morreu porque desafiou a prudência e a sabedoria dos poderosos que se sentiram ameaçados pela sua liberdade (COMBLIN, 2010, p. 29).

Essa foi a obra que teve maior números de exemplares, permitindo que a visibilidade do autor no Brasil, principalmente, se ampliasse significativamente. Ressalta-se que também

foi editado em outros idiomas. Atualmente é publicado pela editora Paulus, fazendo parte da coleção Espiritualidade Bíblica (anexo B-5). E também publicou mais cinco artigos (Anexo A-6).

1.5 Período de Exílio: Chile (1972 - 1980) e Evolução da TdL

Nesse âmbito de ditadura militar e aplicação severa da Doutrina de Segurança Nacional, de tolhimento das garantias individuais, prisões arbitrárias, torturas, abuso de poder pelo Estado, de aumento constante da pobreza e da heterogeneidade social, houve uma vasta produção literária no campo da TdL.

Alguns autores já foram abordados nessa pesquisa, no entanto, se faz relevante apresentar o nome de outros personagens que contribuíram significativamente para o desenvolvimento teórico e prático da TdL: Gustavo Gutiérrez, Leonardo e Clodovis Boff, Jon Sobrino, Hugo Assmann, Juan L. Segundo, José Comblin, Ronaldo Muñoz, Juan Carlos Scannone, Rubem Alves, Julio de Santana, E. Dussel, J. M. Bonino (LIBANIO, 2011, p.27-42). Todos esses seguiram com a proposta da TdL, ao construírem uma consciência, um pensamento e uma práxis eclesial a partir de reflexões históricas, sociais e eclesiais em favor da libertação dos oprimidos.

Alguns eventos também foram relevantes para o crescimento da TdL, entre eles, Encontro El Escorial⁴⁵, realizado na Espanha, no ano de 1972, e também o I Encontro da Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT) em 1976⁴⁶.

Em meio a essa conjuntura de desenvolvimento teórico e prático da TdL na América Latina, José Comblin foi impedido de entrar em terras nacionais, quando regressava de uma

⁴⁵Cf. José Comblin publicou um artigo sobre este encontro, abordando as mudanças sociais na América Latina. *Movimientos e ideologias en America latina*, em *Fe cristiana y cambio social en America latina*. Encuentro de El Escorial 1972. Instituto Fe y secularidad, Sígueme, Salamanca, 1973, pp. 101-128.

⁴⁶Informações sobre a fundação da ASETT e seu trabalho pode ser encontradas no site da associação. Em: <<http://www.wftl.org/default.php?lang=pt-br&t=padrao&p=estrutura&m=padrao>> Acessado em: 19/06/2012. Cf .Em: < <http://www.uss.br/revistamosaico/artigos/1-SILVA-Jose-Antonio.pdf>> Acessado em: 19/06/2012

de suas viagens à Europa. Foi expulso no dia 24 de março de 1972, mas desde 1968, quando seus escritos para Conferência de Medellín foram publicados, sem sua permissão, em vários jornais de circulação nacional, acusando-o de comunista e revolucionário, os boatos eram de que ele seria expulso do país pela ditadura militar brasileira. Sobre isso, Dom Hélder Câmara se pronunciou por meio de uma carta, datada de 28 de março de 1972, em órgão oficial da Arquidiocese de Olinda e Recife.

A carta afirma que o padre Comblin foi submetido a interrogatório enquanto permaneceu no aeroporto do Galeão; afirma que nem a imprensa nem membros da Igreja puderam visitá-lo; diz que o caso não foi divulgado pela imprensa brasileira; e que, a alegação, por parte das autoridades brasileiras para impedir a entrada do padre Comblin no Brasil, embora não comunicada oficialmente, teria sido o fato de o religioso ter participado de um curso de pastoral na cidade Cateús. “[...] o que antes de tudo choca é a falta de clareza, de atitudes definidas, sabendo-se quem as toma e autorizado por quem [...]. O episódio Comblin é um capítulo do que vem acontecendo em todo o país com a igreja, na medida em que ela se recusa a continuar servindo de suporte a estruturas de opressão e compromete-se de modo pacífico, mas válido, com o povo e sua libertação[...]”⁴⁷

E assim, em prol de lutar contra o comunismo, foi enviado ao Brasil pelo Papa Pio XII, porém observa-se em seus relatos, que usou dessa proposta como uma possibilidade que lhe dava condições de vir ao continente, e não porque era um defensor ferrenho do comunismo. Quando recebeu a proposta de vir ao Brasil, segundo a sua entrevista, pensou: “Isso é a oportunidade. Se for comunismo, de qualquer maneira, comunismo é uma porta aberta. Pois é, o comunismo abriu essa porta!” (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011, p.57).

Quando José Comblin chegou ao Brasil ele tinha um conhecimento teórico sobre a situação sóciopolítico-econômica do continente, no entanto, ao deparar-se com as situações diárias da realidade latino-americana de dominação e exploração dos países ricos sobre os pobres, passou a lutar pela libertação das pessoas, mesmo que para isso fosse necessária uma mudança radical no sistema econômico. Mas convém ressaltar que Comblin não lutava pelo comunismo, mas por condições sociopolíticoeconômicas que viabilizasse a liberdade para o ser humano⁴⁸.

⁴⁷ CÂMARA, Hélder e Soares, José Lamartine. “CARTA AOS CARÍSSIMOS IRMÃOS NO EPISCOPADO”. In Dom Helder- Pronunciamentos, Arquidiocese de Olinda e Recife, Recife, vol. 1971-74. Em: <<http://www.pe-az.com.br/dh/1972.htm>> Acessado: 10/06/2012

⁴⁸ Cf. Segundo Professor Dr. Clodovis Boff, nos primeiros anos de trabalho de José Comblin, o mesmo não era envolvido com as lutas em prol da libertação sóciopolítico-econômica do povo. Quando se faziam as reuniões para discutir a questão da Igreja e da realidade latina, na maioria das vezes Comblin não era

Assim, aos 49 anos, ao ser expulso do Brasil, determinado e convicto de sua vocação, Comblin não abandonou a América Latina e seguiu então para Talca, no Chile, onde prestava auxílio ao *Vicariato de la Solidariedad*, entidade que apontava as barbáries da ditadura militar, ao mesmo tempo em que continuava ministrando as aulas em Lovaina, na Bélgica.

Porém, mesmo sob o afastamento imposto pela ditadura militar, Comblin, por meio de seus livros, de suas análises e de suas críticas ao contexto político-social imposto pela ditadura militar, que gerava continuamente mais pobreza no continente latino-americano, continuava sendo notícia nos meios de comunicação do país, os quais o acusam de subversivo.

[...] Nota condena críticas feitas pelo professor Ruy Ayres Bello (publicadas no Diário de Pernambuco dias 23 e 30 de dezembro de 1972 e 06 e 13 de janeiro de 1973) ao livro “Jesus de Nazaré”, de autoria do padre Joseph Comblin, do Instituto de Teologia do Recife e que a 24 de março de 1972 foi expulso do Brasil”.⁴⁹

[...] VEJA, São Paulo, número 553, 11 de abril de 1979. A revista publica trecho de um documento de 357 laudas em espaços dois, elaborado pelo Ministério da Justiça do Brasil, acusando a Igreja como “o mais atuante dos inimigos que atentam contra a segurança nacional, promovendo, através de processos intimamente subversivos, a substituição da estrutura político-econômica brasileira por uma nova ordem, em tudo semelhante à filosofia marxista”. Segundo a revista, o documento foi solicitado ao ministro da justiça, Armando Ribeiro Falcão, pelo presidente do Brasil, general Ernesto Geisel, em março de 1974; suas informações foram fornecidas pelos órgãos de segurança do governo, principalmente o Centro de Informação e Segurança Aeronáutica; traz todo um diagnóstico da situação da Igreja no Brasil; cita o caso do padre Joseph Comblin e diz que “Dom Helder e seu assessor Dom Lamartine (D. José Lamartine Soares, arcebispo auxiliar da Arquidiocese de Olinda e Recife), divulgaram o episódio, com conotações de incitamento aos fiéis da Igreja Católica” [...].Ele (o documento do padre Comblin) incita os fiéis a se rebelarem contra os poderes constituídos⁵⁰.

convidado, devido a não estar envolvido na causa. Porém foi se conscientizando e se integrando a causa, mais tarde. Afirmou isso em uma conversa informal na Universidade Católica do Paraná (PUC/PR), no dia 14/06/2012.

⁴⁹ “A Propósito de um livro do Padre Comblin”. Boletim Arquidiocesano, órgão oficial da Arquidiocese de Olinda e Recife, Recife, vol. 1973-1. Em: < <http://www.pe-az.com.br/dh/1972.htm> > Acessado: 10/06/2012

⁵⁰ Em: < <http://www.pe-az.com.br/dh/1979.htm> > Acessado em: 10/06/2012



Foto: Ivone Gebara visitando Comblin durante seu exílio no Chile

Em 1976 Comblin trabalhou como professor-visitante na Universidade de Havard, nos Estados Unidos da América. E, em meio ao cenário social de repressão e autoritarismo, especialmente por meio da Doutrina de Segurança Nacional, aos 54 anos, ele escreveu mais uma de suas obras, sob o título de *a “Ideologia da Segurança Nacional: O Poder Militar na América Latina”*. A obra foi publicada primeiramente em Paris, na França, em 1977, e posteriormente no Rio de Janeiro, Brasil, em 1978, e em Salamanca, na Espanha, em 1978 (anexo B-6). O livro levou à expulsão de Comblin do Chile pelo general Augusto Pinochet, em 1980.

Ainda nesse período de exílio, até o ano que antecedia a Conferência de Puebla, 1978, publicou cinquenta e um artigos (anexo A-7). Algumas de suas obras foram publicadas aqui no Brasil, como: *“A Oração de Jesus”*, *“O enviado do Pai”*, *“A liberdade Cristã e a Teologia da Enxada: Uma experiência da Igreja no Nordeste”* (anexo B-6). Esta última bibliografia será de grande relevância para esta pesquisa, pois, uma vez que se abordará o tema da Educação Popular (EP) como processo de libertação, ela pode ser considerada como uma reflexão do referido tema.

1.5.1 Conferência de Puebla – 1979

A Conferência de Puebla (CELAM III) aconteceu na cidade de Puebla, no México, entre os dias 27 de janeiro e 13 de fevereiro de 1979, no papado de Paulo VI, sob o tema “Evangelização no presente e no Futuro da América Latina”(CELAM, 2005, p.225). Foi outro momento histórico na Teologia da Libertação. Sua realização se deu embasada na análise de todo o desenvolvimento da TdL desde Medellín, que havia acontecido 11 anos antes. Isto fomentou uma enorme obra teológica e conseqüentemente um encorajamento diligente com a finalidade de refinar, expurgar e expandir a missão da TdL. Nesse momento também se percebeu que não havia, como outrora, um mesmo modo de refletir e compreender social e espiritualmente os acontecimentos, logo não se tinha uma teologia comum, gerando um momento crítico, o qual conduziu a mudança de Teologia da Libertação para Teologias da Libertação. De uma teologia que tinha uma mesma maneira de pensar social e espiritualmente os fatos históricos, para uma teologia que se desenvolveu gradualmente com diferentes pontos de vista, oriundos dos distintos conhecimentos históricos, culturais e sociais.

Assim, se considerarmos que em 1968 Medellín lançou as bases da Teologia da Libertação, Puebla, em 1979, vinha representar a consolidação ou a consagração definitiva dessa teologia. De fato, esse sínodo consagrou as grandes orientações dessa teologia, sua metodologia e suas opções fundamentais: uma teologia que parte da situação dos pobres e dos empobrecidos em vista de analisá-las, criticá-las e transformá-las. Essa conclusão conduziu os bispos a fazerem uma opção fundamental pelos pobres e a conceber uma igreja comunitária a serviço de sua libertação integral.

José Comblin, na época em que se deu a Conferência de Puebla, ainda se encontrava exilado no Chile. Inquieto e versátil, o sacerdote constituiu o Seminário Rural Alto de Las Cruces, em Talca, no Chile, onde jovens eram formados no meio rural, respeitando sua cultura camponesa.⁵¹

⁵¹Em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/41803-dados-biograficos-de-jose-comblin->> Acessado em: 11/06/2012



Foto: Comblin e alunos do Seminário Rural de Talca/Chile

Quanto à sua produção bibliográfica no Brasil, no ano de 1979, ano em que aconteceu a Conferência de Puebla (CELAM III), foi publicada mais uma de suas obras, sob o título “*Espírito no Mundo*” (anexo B-7). Além disso, foram publicados mais onze artigos (anexo A-8).

1.6 Período Pós-Puebla

Em 1980, após oito anos de exílio no Chile, José Comblin regressou ao Brasil, porém, com visto de turista, necessitando dessa forma, sair do país a cada três meses para renovar sua permissão e continuar no Brasil. Ressalta-se que Comblin foi expulso do Chile por Augusto Pinochet, por expor em seu livro “*Ideologia da Segurança Nacional. O Poder Militar na América Latina*”, um plágio que o General Pinochet havia feito de uma obra do General argentino Jorge E. Atencio sobre a definição de geopolítica. O texto que se refere a tal fato afirma:

A geopolítica é a ciência que estuda a influência dos fatores geopolíticos sobre a vida e a evolução dos Estados, com a finalidade de obter conclusões de ordem política. Ela orienta o homem de Estado na condução de política interna e externa do estado e orienta o militar no preparo da defesa nacional e na conduta estratégica; facilitando a previsão do futuro, graças a consideração da relativa permanência da realidade geográfica, ela lhes permite deduzir, a partir dessa realidade, a maneira de agir os objetivos e, conseqüentemente as medidas políticas ou estrangeiras dominantes (ATENCIO, 1965, p.41).⁵²

Observa-se que Comblin faz jus ao cognome de ‘Profeta da liberdade’, pois defendia e lutava pela causa, independente que essa lhe trouxesse danos pessoais. Para ele “a lei da liberdade e do amor será sempre a lei última”(COMBLIN, 2009, p. 45). Esse fato pode ser constatado na narração de sua própria biografia, na qual explica porque foi exilado do Brasil e depois expulso do Chile. Assim, seguindo em sua batalha pela liberdade, dentre os anos de 1980 e 1991, Comblin publicou setenta e sete artigos (anexo A-9) e vinte e um livros, em vários idiomas (anexo B-8). Dentre esses livros, a obra sobre Padre Cícero de Juazeiro⁵³ se destaca pelo serviço popular desenvolvido no nordeste, semelhante ao de Comblin.

No ano de 1992, aconteceu a Conferência de Santo Domingo (CELAM IV), esta ocorreu na República Dominicana, país caribenho, entre 12 e 28 de outubro do referido ano, sob o papado de João Paulo II. Esse evento realizou-se com o tema “Nova evangelização, Promoção humana, Cultura cristã” e o lema: “Jesus Cristo ontem, hoje e sempre” (CELAM, 2005, p.585). A ideia central da conferência de Santo Domingo está na “Nova Evangelização”, que é entendida na verdadeira dimensão da promoção humana, em resposta à delicada e difícil situação em que se encontram os países latino-americanos (CELAM, 2005, 645).

Treze anos haviam se passado desde a Conferência de Puebla - CELAM III; nesse tempo o contexto sociopolítico mostrava o rompimento das fronteiras comerciais, especialmente pela globalização, e o enfraquecimento do Estado com a solidificação das políticas neoliberais. Assim, a exclusão daqueles que não têm acesso ao saber se dá de forma abrupta, pois vive-se uma sociedade do conhecimento, na qual as exigências possuem padrões globais, determinados pelos países mais ricos, dominadores, sem levar em consideração,

⁵² Cf. PINOCHET, 1974, p.42

⁵³ Dados sobre a biografia de Pe. Cícero Romão Batista, pode ser encontrada na coleção biografias, Comblin (2001).

muitas vezes, a condição social dos países pobres que não têm acesso a esse conhecimento exigido para se fazer parte dessa “aldeia global”.

Quanto ao contexto eclesial, “a Igreja da América Latina teve pouca liberdade de expressão. Foi em parte, uma experiência traumatizante”(LIBANIO, 2007, p.32). Houve uma ruptura com Medellín, renunciou-se o método VER-JULGAR-AGIR, e desviou-se o ponto central do âmbito crítico-social para o cultural, enfraquecendo o impacto da opção pelos pobres e pela libertação.

A expressão “Nova Evangelização” proposta pelo CELAM IV continha certa imprecisão, segundo Libanio, uma vez que “significava a diminuição da dimensão libertadora e o reforço do aspecto espiritualista, midiático, e da exterioridade de personagens da Igreja - como Madre Teresa de Calcutá, Chiara Lubich”(LIBANIO, 2007, p.34).

O termo “libertação” passou a ser nominado de “promoção humana”, a qual estava ligada à “nova evangelização”, com a finalidade de ampliar e desenvolver a cultura da história. E como se pode observar, pouco enfoque foi dado à Educação, como ocorreu na Conferência de Medellín, fato que se nota no parágrafo [4.1-4.31] (CELAM, 2005, p.113-124). Outro fato relevante para esta pesquisa, que trabalha à luz do pensamento de José Comblin o tema da libertação, diz respeito à pouca ênfase dada ao reconhecimento dos teólogos da TdL por meio de seus trabalhos teóricos e práticos.

O CELAM IV abordou também a questão dos leigos ao afirmar que: “todos os leigos sejam protagonistas da Nova Evangelização, da promoção humana e da cultura cristã. É necessário a constante a promoção do laicato, livre de todo clericalismo” (CELAM, 2005, p. 679). Na verdade se tratava de um assunto já bastante discutido por Comblin, o qual defendia que o futuro da Igreja estava na atuação eficaz dos leigos⁵⁴.

No Documento de Santo Domingo, apresentam-se os ministérios assumidos pelos leigos e se reconhece o seu grande valor. Dá-lhes todo o apoio e insiste na formação:

Hoje, como sinais dos tempos, vemos, um grande número de leigos comprometidos com a Igreja que exercem diversos ministérios, serviços e funções nas comunidades eclesiais de base ou atividades nos movimentos eclesiais. Cresce sempre mais a consciência de sua responsabilidade no mundo e na missão ‘ad gentes’(no meio do

⁵⁴ Esses foram e continuam sendo muito importantes para o desenvolvimento da educação libertadora, da qual se tratará com mais acuidade no próximo capítulo

povo). Os pobres evangelizam os pobres. Os fiéis leigos comprometidos manifestam uma sentida necessidade de formação e espiritualidade (COMBLIN, 2008, 115).

No ano de 1992 José Comblin escreveu e publicou dez artigos (anexo A-10), dentre eles um em especial sobre a Conferência de Santo Domingo, o qual se intitula de *Desafios y Opciones para la Iglesia católica en Santo Domingo*; esse é o segundo na lista dos referidos artigos.

Entre o ano de 1993 e 2006 - ano que antecedia a Conferência de Aparecida -, Comblin escreveu e publicou mais quinze livros (anexo B-9) e cento e vinte e oito artigos (anexo A-11). Destes, a obra com o título “*Padre Ibiapina*” expõe a admiração e o respeito que o Padre José Comblin tinha pelo trabalho de cunho popular, principalmente, o de José Antonio de Maria Ibiapina, assunto que se abordará com mais profundidade no capítulo dois.

Das publicações do período de 1993-2006, detalhar-se-ão os livros “*Vocação para Liberdade*” (COMBLIN,1998) e “*Cristãos Rumo ao Século XXI: nova caminhada de libertação*”(COMBLIN, 2004). Evidencia-se que o exame de todas as suas obras é relevante para a presente investigação, uma vez que a mesma está usando como referencial teórico a sua bibliografia sob o viés da libertação.

Nessas obras, a proposta de liberdade está vinculada à compaixão e à responsabilidade pelo outro. Essa é a liberdade a que o discípulo de Jesus é vocacionado, segundo Comblin (COMBLIN, 1998, p. 40). Logo, para o referido teólogo, a liberdade é uma vocação que se conquista; implica tempo e dedicação. É trabalho de construção, que contribui para o bem do outro. Sem isso, não existe liberdade.

Nessa expectativa de liberdade, “ninguém torna o outro livre, mas lhe permite conquistar a sua liberdade” (COMBLIN, 2004, p.88). Quando essa torna o indivíduo independente de todos, não satisfaz, pois a liberdade habita na disposição de abrir um diálogo entre iguais com os outros, logo, uma pessoa não é livre se é inabilitada de se relacionar com os outros, de aceitar os desafios e riscos.

[...] O destino do ser humano não é o de ficar só. Construir a humanidade é construir uma rede de relações, é fazer com que um ser humano se ligue a outros por laços inumeráveis. A liberdade consiste em criar uma convivência aberta para os outros sempre mais distantes. Liberdade não é escolher entre o sim e o não. É fazer algo novo, fazer com que exista algo humano que ainda não exista.

Liberdade é lutar contra as estruturas estabelecidas que oferece segurança, vencer o medo da novidade, vencer as barreiras entre os seres humanos, vencer a prudência e a timidez, experimentar o ainda não conhecido (COMBLIN, 2004, p. 95)

Assim, o compromisso e a responsabilidade com o outro é vital para que a liberdade aconteça. Nessa expectativa, abordar-se-á sucintamente a concepção de libertação vinculada ao desenvolvimento da vida social e eclesial. A partir de Comblin, entende-se que a libertação não se restringe à experiência interior do ser humano, mas também à social. Isso significa que a libertação cristã abrange a “libertação econômica, social e política, embora seja claro que tudo tem início na libertação da pessoa da sua própria impotência e incapacidade” (COMBLIN, 1998, p.49). Diante dessa forma perspicaz de pensar, Comblin contribuiu expressivamente para a Conferência de Aparecida.

A Conferência de Aparecida (CELAM V) realizou-se na cidade de Aparecida, no Brasil, entre os dias 13 e 31 de maio de 2007 – 52 anos após a fundação do CELAM I, que ocorreu no Rio de Janeiro em 1955. Seu lema era “Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida”, e o lema: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6). Apesar de ter sido convocada pelo papa João Paulo II, no dia vinte e sete de maio de 2003, o qual veio a falecer antes do evento se concretizar (LIBANIO, 2007, p.42), o CELAM V aconteceu durante o papado de Bento XVI, o qual fez a abertura solene.

Para José Comblin, o projeto do CELAM V, foi bastante ousado, pois buscou uma inversão radical do sistema eclesial, onde a pastoral da Igreja estava voltada para preservação da herança histórica. Toda a formação dos clérigos tem esse eixo central. No entanto, a referida conferência propôs que a pastoral da Igreja tenha seu olhar voltado integralmente para a missão. Essa concepção abrangerá todo o século XXI. Para isso, é necessário uma mudança abrupta na formação das futuras gerações sacerdotais, pois conduzir toda a Igreja a ser missionária é uma incumbência colossal.

Segundo Comblin, os franciscanos, os dominicanos, as carmelitas, os beneditinos, os agostinianos, entre outros, assumiram a missão no continente latino-americano; no entanto, a sua forma de missão era totalmente inadequada ao contexto social, uma vez que dedicaram suas atividades mais na área rural, quando na verdade 80% da população já se encontravam na área urbana (COMBLIN, 2007, p. 171).

O desafio está em fazer com que o clérigo deixe de ser administrador das paróquias e retorne a sua vocação sacerdotal, que vai ao encontro do outro e caminhe com ele. Por isso, para Comblin, Dom Hélder P. Câmara era um arquétipo, pois era missionário, caminhava com o povo, envolvia-se com ele, despertava as aptidões, as vocações das pessoas da comunidade cristã, especialmente, para as obras missionárias.

Observa-se um contraste entre a Conferência de Medellín, Puebla e Aparecida, pois na primeira estavam assessorando aqueles que viriam a ser os teólogos de suma importância na conjuntura da Teologia da Libertação, tais como: Hugo Assmann, José Comblin, Jon Sobrino Gustavo Gutierrez, José Miguez Bonino, entre outros. Na segunda, já sinalizava uma mudança que visava a um sistema eclesial conservador, pois todos os nomes propostos, os quais faziam parte da TdL, para assessorar a referida conferência, foram simplesmente eliminados.

Em Aparecida, o trabalho dos teólogos da TdL resumiu-se a dar auxílio a algum participante da assembleia que o buscasse para tal, pois eram tidos como suspeitos de marxistas e anti-institucionais (LIBANIO, 2007, p.89). Mas cabe salientar que Aparecida decidiu retomar o esquema VER-JULGAR-AGIR, fato que pode ser constatado nos parágrafos [19, 391-398] do documento CELAM V. E o semblante dos pobres é entendido como a representação fiel do rosto de Jesus Cristo. Dois aspectos que abrangem uma extensa dimensão são: alegria e dor das vítimas de um aparelho sociopolítico e econômico que rejeita, ou seja, exclui os pobres [146].

Os parágrafos [12, 32, 65, 178 e 396] tratam da opção pelos pobres. Faz-se o paralelo entre as comunidades dos primeiros cristãos e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), o qual é embasado no segundo livro dos Atos dos Apóstolos, parágrafos [178-179]. Já as Paróquias recebem a proposta de formarem-se a partir de “redes de comunidade” [372].

A libertação, por sua vez, surge pouquíssimas vezes, e passa a ser nominada nos parágrafos [146 e 359], de “promoção humana integral e autêntica libertação cristã” (LIBANIO, 2007, p. 101 – 125). Nesse ano de 2007, seguindo sua perspicácia, o dinâmico Comblin escreveu e publicou mais treze artigos (anexo- A-12). Dentre eles, três diziam respeito diretamente à Conferência de Aparecida: “*O papel histórico de Aparecida*”, “*O*

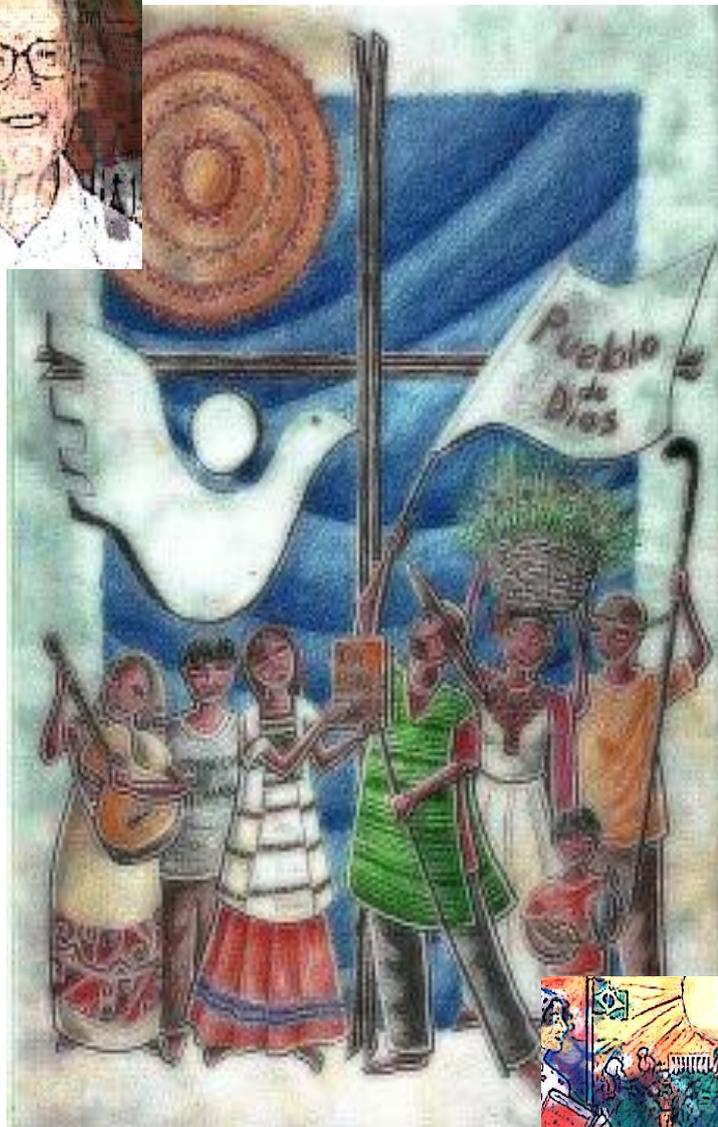
projeto de Aparecida” e “Enfrentando os Desafios Sociais, Econômicos, Políticos e Religiosos na V Conferência Episcopal Latino-americana em Aparecida, Brasil, 2007”. Também redigiu e publicou nesse ano a obra “*A vida: em busca da liberdade*” (COMBLIN, 2007), que trata de algumas questões, também discutidas no CELAM V. Entre elas, pode-se citar a questão das CEBs,

O sistema clerical está condenado pela história e somente sobreviverão às comunidades de cristãos que assumirem juntas uma parte da missão, grupos suficientemente homogêneos na maneira de enxergar esta missão. Haverá variedade, mas todas darão resposta à necessidade de relações iguais, fraternais e solidárias. As comunidades de Bases poderão voltar a sugerir muitas coisas, embora os tempos tenham mudado [...]. Os fundadores das CEBs sentiam-se desbravadores de novas condições de vida e esta participação na obra redenção da humanidade, tornava-os felizes. *Aí está a vida. A vida é liberdade* (COMBLIN, 2007, p. 73-74).

Assim, nesse capítulo, foram expostos de uma forma sucinta e contextualizada os fatos histórico-sociais, político-econômicos, sobretudo os eclesiásticos no contexto Católico Romano que ajudaram no nascimento de uma teologia genuína da América Latina - Teologia da Libertação. E concomitantemente buscou-se situar a biobibliografia do teólogo José Comblin a alguns antecedentes históricos, que de certa forma constituíram o processo da origem da TdL e sua relação com a Educação Popular posteriormente. Esse assunto será abordado especificamente no próximo capítulo.

As concepções erigidas buscarão contribuir para a construção da resposta à pergunta desta investigação: Qual a relação entre o processo de libertação e a educação popular no pensamento de Comblin?

CAPÍTULO 2.
EDUCAÇÃO POPULAR E TEOLOGIA NO
PENSAMENTO DE COMBLIN



Viver é agir, produzir, mudar o mundo em que estamos mergulhados, uma vez que essa ação nos torna criadores, autores de nós mesmos (Comblin, 2007, p.57).

Esta parte da pesquisa buscará apresentar a origem e a conceitualização da Educação Popular (EP) na América Latina e no Brasil. Além disso, desdobrará alguns elementos da experiência educativa e cultural desenvolvida a partir dessa temática.

A apreensão das implicações e dos fundamentos da EP no pensamento de Comblin sobre a libertação e a liberdade tem como finalidade contribuir para uma compreensão do tema ‘Libertação’, já que o teólogo teve a sua história de vida, no que diz respeito ao seu trabalho eclesial e teológico, focado nas diretrizes da TdL e no seu trabalho educacional junto ao povo, utilizando-se do método proposto por Paulo Freire (GADOTTI, 1996, p. 731)⁵⁵.

Além disso, José Comblin também é considerado um dos fundadores da TdL na década de 60, época em que a Educação Popular estava em seu auge e tinha como elemento central de trabalho o método de ensino proposto por Paulo Freire, que esteve muito próximo da ala progressista da Igreja Católica. Aqui se faz relevante citar Dom Hélder Câmara,⁵⁶ que além de companheiro e amigo de trabalho de José Comblin, também era de Paulo Freire. As concepções erigidas buscarão contribuir para a construção da resposta à pergunta desta investigação: Qual a relação entre o processo de libertação e a educação popular no pensamento de Comblin?

2.1 Educação Popular na América Latina e Brasil: um breve contexto histórico

⁵⁵ Cf. A conferência de Medellín, 1968, propõe “uma pedagogia baseada em discernimento de sinais dos tempos” 164, [10.13] in 161 [10. 4]. Documentos do CELAM: Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo. São Paulo, Paulus, 2005.

⁵⁶ No documentário de Dom Hélder, encontra-se relatos dessa época em que ele lutou pela causa da implantação da Educação Popular. GLÓRIA, Andréa. *Dom Helder Câmara: O Santo Rebelde*. Direção de Erika Bauer. Brasil, Cor Filmes, 2004. Documentário, 74 min, color. Son. Também para aqueles que desejam se inteirar do momento histórico dessa época que instigava e apoiava a Educação Popular, cita-se os documentários “Jânio a 24 Quadros” e “Jango”, ambos relatam a vida dos respectivos presidentes e o contexto sociopolítico que o país se encontrava, PEREIRA, L. A; THOMAS F. *Jânio a 24 Quadros*. Direção de Luís Alberto Pereira. Brasil, 1981. Documentário, 84 min. col. Son. In

A partir do final da década de cinquenta e início da de sessenta, as práticas educativas nos meios populares tiveram um amplo impulso devido ao contexto sociopolítico e econômico da época. No decorrer desse período novas pedagogias nacionais foram estabelecidas por meio de reformas educativas cujo objetivo era instituir mão de obra aperfeiçoada, maior integração da população na economia e garantia da hegemonia capitalista, sem necessariamente explicitar uma preocupação com a transformação das estruturas sociais.

Nesse contexto, as atividades de promoção humana distinguiram-se pelo investimento nas reformas educativas, as quais estavam vinculadas as primeiras agências de Educação de Adultos (ligadas à ONU e à UNESCO). Dentro desse universo, ganha destaque as contribuições do pedagogo Paulo Freire, primeiro no Brasil, depois no Chile, e em seguida no resto da América Latina. Este diz sobre a Educação Popular,

Educação Popular ganha uma força maior a partir de várias razões, Comento algumas: penso naquele estilo de fazer política que era próprio ao populismo. Nesse estilo de fazer política as massas e os movimentos populares “aparecem”; coloquei entre aspas esse “aparecem”, e nós sabemos por que: os grupos e movimentos populares entravam em cena de forma tutelada e vigiada. No entanto, havia muita gente que trabalhava muito sério essa participação de movimentos ou grupos populares (FREIRE & NOGUEIRA, 2005, p. 16).

Em meio a essa conjuntura de experiência educativa, a América Latina se depara com o surgimento de um novo movimento político, cultural e pedagógico representado pelo brasileiro Paulo Freire, como citado logo acima, de quem se farão referências junto ao trabalho do padre e teólogo José Comblin em prol da libertação do povo por meio da Educação Popular. No entanto, neste momento buscar-se-á apontar e conjugar as atuações de cristãos e não cristãos em torno da Educação Popular.

O educador Paulo Freire tornou-se uma das principais referências no século XX para se compreender a Educação Popular - sua compreensão era de que “a educação popular é entendida como o esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares” (FREIRE & NOGUEIRA, 2005, p. 19). Tal qual Johann Heinrich Pestalozzi⁵⁷, em meados dos

⁵⁷ Para aqueles que desejam saber mais sobre a vida e a obra de Pestalozzi, podem encontrar na obra de Dora Incontri (1997).

séculos XVIII e XIX, tornou-se uma das principais menções para se entender Educação Popular no Ocidente.

Devido às proximidades ideológicas apesar das distinções entre os séculos, compreende-se como importante mencioná-lo nesta pesquisa. “Pestalozzi deu o exemplo de uma grande dedicação à causa da Educação Popular e fundou o Instituto, em Iverdon⁵⁸, que se tornou o objeto da curiosidade dos professores do mundo inteiro”(INCONTRI, 1997, p.126).

A formação popular podia ter maior eficácia, atingindo um número apreciável das crianças mais pobres, dando-lhes educação completa, se essas crianças não fossem retiradas do seu meio, mas se tornassem, ao contrário, por meio da educação, muito mais atadas a ele (INCONTRI, 1997, p.140).

Pestalozzi, como Freire, não exercitava um ensino passivo, uma educação bancária⁵⁹, mas estimulava a aprendizagem a partir da averiguação do educando dentro de sua realidade. Ou seja, o educador jamais expõe o conteúdo finalizado, mas instiga o educando a construir seu conhecimento, a buscar sua autonomia, a desenvolver sua criticidade, sua reflexão dentro de seu contexto. Pestalozzi dizia: “Procedei do conhecido para o desconhecido, do particular para o geral, do concreto para o abstrato, do mais simples para o mais complicado” (INCONTRI, 1997, p.130). Enfocava dessa maneira o aluno e a sua própria realidade. Freire dizia que o educador necessitava “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção” (FREIRE, 1996, p. 47).

Nessa perspectiva, o teólogo latino-americano Julio de Santana diz que para ele não se pode entender o impacto de um Cristianismo de libertação nos setores populares sem considerar a contribuição de Paulo Freire. Ele ainda defende a tese de que “cabe falar de Educação Popular como lugar teológico” (PREISWERK, 1997, p.18). Para o teólogo Clodovis Boff, a contribuição de Paulo Freire para o processo de libertação dos oprimidos

⁵⁸O Instituto de Iverdon (1805-1825) foi criado por Pestalozzi e se tornou um dos mais célebres institutos pedagógicos da Europa, do início do séc. XIX. Localizado na cidade suíça de mesmo nome, ao lado do Lago Neuchâtel, recebeu estudantes de toda a Europa (INCONTRI, 1997, p. 164).

⁵⁹ Educação Bancária: “O saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais de ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro.” FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. p. 57.

por meio da educação, especialmente a popular, é fato concreto e atingiu várias fronteiras. O referido teólogo diz,

A ideia de Educação Popular vem infalivelmente associada ao nome de Paulo Freire. Não porque Paulo Freire tenha “inventado” não sei que “teoria” ou “método” de educação. Nada mais falso e nada mais contrário ao pensamento do próprio Paulo Freire. Mas não há dúvida de que este tem mérito histórico de ter sido o que melhor interpretou e com mais felicidade formulou uma verdadeira “pedagogia do oprimido”, uma autêntica “educação libertadora” que se busca praticar em diferentes áreas do trabalho popular [...]. Paulo Freire representa socialmente, no sentido preciso e mais forte do termo, esse novo modo de aproximação do povo oprimido (BOFF *apud* FREIRE & NOGUEIRA, 2005 p.03).

O teólogo Matthias Preiswerk⁶⁰, pedagogo suíço, por meio de sua investigação, permite enfatizar várias etapas ao definir a Educação Popular na América Latina. Entre elas, a hermenêutica, ou seja, não somente “ver” a realidade, mas interpretá-la de forma analítica, sobrepujando a consciência ingênua do senso comum e culminando numa ação transformadora da realidade por parte daqueles que participam de seus processos.

Não obstante, não basta saber entrar na realidade (“aprender a aprender”), analisá-la (“aprender a analisar”), interpretá-la (“aprender a interpretar”). Nos processos de Educação Popular é sumamente necessário saber comunicar (“aprender a comunicar”).[...] Deve culminar em uma ação transformadora da realidade por parte daqueles que participam em seus processos, tanto os chamados “educadores como os “educando”. Isto é, a Educação Popular deve conduzir-nos a um “aprender a transformar” (PREISWERK, 1997, p. 20).

Preiswerk cita também Carlos Rodrigues Brandão⁶¹ como pesquisador relevante no campo da Educação Popular. Segundo Preiswerk, para Brandão, a EP tem raiz mais antropológica do que histórica, na passagem do saber dentro dos grupos étnicos e sociais que viviam relações comunitárias prévias à separação e à especialização do trabalho. Somente após esse processo é que se dá a divisão entre o saber popular e o erudito.

⁶⁰ Mais informações sobre sua biografia e seu trabalho podem ser encontradas em: (PREISWERK,1997)

⁶¹ A biografia de Carlos Rodrigues Brandão pode ser encontrada em: (BRANDÃO, 2006)

A produção de um saber popular se dá, pois, em direção oposta àquela que muitos imaginam ser a verdadeira. Não existiu primeiro um saber científico tecnológico, artístico ou religioso “sábio e erudito” que, levado a escravos, servos, camponeses e pequenos artesãos, tornou-se, empobrecido, um “saber do povo”. Houve primeiro um saber de todos que, separado e interdito, tornou-se “sábio e erudito”; o saber legítimo que pronuncia a verdade e que, por ocasião estabelece como “popular” o saber do consenso de onde se originou. A diferença fundamental entre um e outro não está tanto em graus de qualidade. Está no fato de que um “erudito”, tornou-se uma forma própria, centralizada e legítima de conhecimento associado a diferentes instâncias de poder, enquanto o outro, “popular”, restou difuso – não centralizado em uma agência de especialistas ou em um pólo separado de poder – no interior da vida subalterna da sociedade (BRANDÃO, 1984, p. 25).

Sobre a Educação Popular, Brandão indica três tendências para a definição do tema:

1) a Educação Popular é em si mesma um movimento de trabalho pedagógico que se dirige ao povo como instrumento de conscientização; 2) a Educação Popular realiza-se como um trabalho pedagógico de convergências entre educadores e movimentos populares, detendo estes últimos a razão da prática e, os primeiros, uma prática de serviço, sem sentido em si mesma; 3) a Educação Popular é aquela que o próprio povo realiza quando pensa o seu trabalho político – em qualquer nível ou modo em que ele seja realizado, de um grupo de mulheres a uma frente armada de luta – constrói o seu próprio conhecimento (BRANDÃO, 1984, p. 74).

A Educação Popular, segundo Preiswerk(1997, p.20), também é entendida como uma das “formas de militância”, na qual se batalha com a palavra. Esta, não se reproduz na fala dos outros, mas naquela que desvenda a realidade, que a reconstrói, que a modifica. Paulo Freire também compartilha desse olhar,

Na verdade, se dizer a palavra é transformar o mundo, se dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas um direito dos homens, ninguém pode dizer sozinho a palavra [...]. Dizer a palavra significa, por isso mesmo, um encontro de homens. Este encontro que não pode realizar-se no ar, mas tão-somente no mundo que deve ser transformado, é o diálogo em que a realidade concreta aparece como mediadora dos homens que dialogam (FREIRE, 1987, p. 15).

No contexto brasileiro, muitos estudiosos se interessaram pelo tema de Educação Popular e sua definição. Segundo Fernando de Azevedo, o embrião da Educação Popular no Brasil se deu com o trabalho pedagógico dos primeiros missionários Jesuítas, os quais ensinavam a mestiços, brancos e indígenas.

Atraindo os meninos índios às suas casas ou indo-lhes ao encontro nas aldeias; associando numa mesma comunidade escolar, filhos de nativos e de reinóis – brancos, índios e mestiços – e procurando na educação dos filhos conquistar e reeducar os pais, os jesuítas não estavam servindo apenas à obra da catequese, mas lançavam as bases da Educação Popular (AZEVEDO apud BRANDÃO, 1984 p. 28).

Já para Carlos Rodrigues Brandão, o primeiro ensaio de educação com as classes populares, a que se deu o nome de educação de base, educação libertadora, e mais tarde Educação Popular, originou-se no interior de movimentos da sociedade civil, algumas vezes ligados a setores do governo, pois “surge então como um movimento de educadores, que trazem, para o seu âmbito de trabalho profissionais e militantes, teorias e práticas do que então se chamou cultura Popular” (BRANDÃO, 1984, p.66). Dessa maneira, para Brandão, o ambiente estratégico que funda a Educação Popular é o dos movimentos e centros de cultura popular, movimentos de educação de base (MEB) e ação popular.

Nesse contexto, o termo “cultura Popular” recebeu um novo significado, marcadamente ideológico e político. Os educadores populares acreditavam estar praticando uma pedagogia que tornava a educação um ato motivadamente político, conscientizador, no qual se buscava a mobilização do povo em direção à sua libertação política e econômica.

Para se entender de maneira mais proficiente essa proposta de educação de cunho libertador, é importante trazer à luz a experiência que marcou a Educação Popular no Brasil, qual seja, o episódio da “Revolução de Angicos”, o qual aconteceu no Estado do Rio Grande do Norte, onde se deu uma experiência desbravadora e ousada no começo dos anos 60.

A nova didática promovida pelo Círculo de Cultura evidenciou que em 40 horas um grupo de pessoas, pobres, oprimidas e esquecidas pela sociedade, no interior do Nordeste, puderam ser alfabetizados por meio de “temas geradores”, ou seja, por textos que faziam parte do contexto de vida do respectivo grupo, por palavras ao invés de letras. “A leitura do mundo precede sempre da palavra e a leitura desta, implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1983, p.22).

Essa experiência revolucionária no ensino brasileiro se expandiu para a América Latina e para os demais continentes, especialmente nos lugares onde a presença dos desfavorecidos e oprimidos tinha maior relevância.

Por Angicos passaram observadores e especialistas em educação nacionais e internacionais, enviados especiais de jornais e revistas brasileiras, correspondentes da América Latina, dos Estados Unidos, da Europa, da União Soviética, do Japão, do Egito, de Israel e, dentre estes, notáveis jornalistas do New York Times, do Time Magazine, do Herald Tribune, do Sunday Times, do Le monde, do United e da Associates Press, sem que a pacata cidade, à beira do rio Pataxó, perdesse a sua calma (LYRA, 1996 contracapa).⁶²

Quando se deu a implantação da ditadura militar, em abril de 1964 - o Brasil contava com mais de 20 mil Círculos de Cultura - os quais duraram aproximadamente duas décadas. Nesse mesmo contexto a Juventude Universitária Católica foi destruída e o Movimento de Educação de Base foi desconfigurado num processo contínuo. Mas a tese de uma educação como ferramenta de prática revolucionária e de transformação, de instituir a prioridade de justiça, igualdade e solidariedade, persistiu entre todos os que participavam e lutavam por esse trabalho – especialmente os cristãos.

Em algumas comunidades de nossos sertões, de nossas cidades esparramadas entre o trabalho e o medo, começava a surgir aquilo que, logo depois, viemos a chamar de “outra forma de ser Igreja” [...] valia para católicos e também para evangélicos, irmanados agora em um mesmo projeto humano de construção do futuro. [...] um lugar de agente consciente e condutor de uma nova história, animava, como um “novo sopro do Espírito”, a todos aqueles que começaram a criar entre nós ao mesmo tempo: os círculos bíblicos, as igrejas do evangelho, as comunidades eclesiais de base e a teologia da libertação [...]. Muitos deles haviam aprendido a balbuciar pela primeira vez estas palavras e a pensar em volta do fogo, o seu significado, junto ao que então, aqui e ali, já se chamava: Educação Popular (BRANDÃO *apud* PREISWERK, 1997, p.11-12).

No próximo subcapítulo apresentar-se-ão os pressupostos filosóficos e as tendências pedagógicas da Educação Popular, e o que temos por enquanto é um breve contexto histórico da Educação Popular na América Latina e Brasil.

⁶² Cf. Centro de Formação Irmã Araújo (CEFURIA). *A Revolução de Angicos*. Direção de Geraldo Prioli. Brasil, 1997. Documentário, 10min.

2.2 Educação Popular: Pressupostos Filosóficos

A pedagogia não se limita a uma filosofia, e sua dimensão ou importância política não fica confinada pelas leis da economia. Ao dirigente político cabe uma grande tarefa educativa: tem que conhecer a cultura dos setores populares e transformar a doutrina do partido em elemento de diálogo com estes (PREISWERK, 1997, p.34).

Esse é o pensamento do teólogo Matthias Preiswerk ao se posicionar quanto aos fundamentos filosóficos da Educação Popular. No Brasil, especialmente, quando se faz referência a Educação Popular no ambiente de pesquisas científicas, comumente se denomina Paulo Freire como um dos primeiros autores a ser mencionado. E de fato suas contribuições no campo da pedagogia, principalmente na Educação Popular, foram importantíssimas e alcançaram o mundo.

Contudo, é relevante citar um filósofo brasileiro da década de cinquenta, chamando Ernani Maria Fiori,⁶³ o qual já havia iniciado e disseminado os primeiros fundamentos de uma educação libertária focando a autonomia do conhecimento popular. Fiori partia do pressuposto de que somente uma educação libertadora é capaz de dar a possibilidade de o sujeito gerar seu próprio conhecimento, tal qual Paulo Freire.

A concepção de liberdade é a matriz que dá sentido a uma educação que não pode ser efetiva e eficaz senão na medida em que os educandos nela tomem parte de maneira livre e crítica [...]. Todo aprendizado deve estar intimamente associado à tomada de consciência de uma situação real vivida pelo aluno (FREIRE, 2001, p.49).

Paulo Freire e Ernani M. Fiori se conheceram no início da década de sessenta. Em 1967, no ápice da ditadura militar, ambos estavam exilados no Chile, e Fiori então escreveu o prefácio do livro “Pedagogia do Oprimido”(FREIRE, 1987), segundo a solicitação do amigo Paulo Freire, ao qual colaborou de maneira intensa nos trabalhos relacionados à Educação Popular.

⁶³ Ernani Maria Fiori foi conhecido em toda América Latina através de seminários e palestras. Em 1963, aderiu à Ação Popular (AP) e durante a ditadura militar de 1964, exilou-se no Chile e no Peru. Nesse período, foi acusado de práticas subversivas contra a ideologia do governo. FIORI, Ernani Maria. *Textos Escolhidos: Metafísica e História*. Em: < revistas.uniube.br/index.php/anais/article/download/389/411 > acessado em: 22/06/2012

Segundo Fiori(1991), as bases filosóficas do seu trabalho em Educação Popular tiveram influência dos pensamentos de Hegel, Kant, Marx, Heidegger e Santo Agostinho. Essas importantes figuras forneceram-lhe subsídios para a formação de seu próprio pensamento, desenvolvendo dessa forma, trabalhos de conscientização e Educação Popular, compartilhados com Paulo Freire, principalmente na época do exílio.

Ernani foi militante na luta pela liberdade e autonomia do povo e acreditou profundamente na capacidade filosófica do brasileiro a despeito de crenças pré-concebidas que contestavam essa capacidade. Para ele, “o filósofo, mais do que ninguém, tem a importantíssima missão de desmistificar a consciência humana” (FIORI, 1991, p.168).

As fontes filosóficas que Paulo Freire, um dos principais ícones da Educação Popular brasileira, tem como base o pensamento de Tristão de Atayde, o personalismo de Emanuel Mounier, o pensamento de Jacques Maritain, o existencialismo de Kierkegaard, o neomarxismo de Eric Fromm e a educação como política de Gramsci. Estas são algumas das fontes que Freire usou para nutrir a base antropológica e cosmológica de seu pensamento. Ressalte-se antes de tudo que Freire é cristão, nota-se porém que seu Cristianismo se fundamenta numa teologia libertadora, a qual pode ser observada em seu livro “*Pedagogia do Oprimido*”, na qual ele realiza uma abordagem dialética da realidade, cujos determinantes se acham nos fatores econômicos, políticos e sociais.

O pensamento de Paulo Freire está [...], embebido nas mais autênticas filosofias que tiveram o homem como centro, isto é, aquelas que têm o mesmo objetivo dele. Ele não é, pois, uma “antologia” como se poderia concluir intempestivamente. Seu pensamento baseado no neotomismo, no humanismo, no personalismo, no existencialismo e no neomarxismo é uma síntese pessoal, mas tão pessoal e objetiva que, no ato mesmo de ser síntese, já se constitui num sistema doutrinário com fundamentação, objetivos e métodos específicos enquanto, retomando essas filosofias, cujo objetivo central é o homem, ele as repensou dentro das exigências da realidade sua e com a qual se encontrava comprometido e as traduziu para uma linha de filosofia prática (JORGE, 1979, p. 21-22).

No postulado de Freire, Tristão de Atayde tem especial proeminência, pois fora crítico, pensador, professor e que, após a sua conversão em 1928, se tornou um líder católico e uma das maiores figuras intelectuais do Brasil. Foi pela influência de Tristão de Atayde que Freire chegou ao neotomismo maritainista: “...às vezes, é claríssima a presença de Maritain no pensamento de Freire, como por exemplo, quando ele diz que não se pode pensar em educação sem antes pensar no homem.” (JORGE, 1979, p. 18).

O personalismo de Emanuel Mounier influenciou o pensamento de Freire especialmente no que diz respeito à busca pelo direito da dignidade da pessoa como pedra angular de sua vida. Tal qual Monier, Freire lutou contra a coisificação do sujeito e a sua alienação pelos opressores. Do mesmo modo, pode-se notar aspectos da filosofia existencialista, pois esta está presente nas percepções acerca da existência e do caráter histórico do sujeito. Também se observa que Freire tem uma inquietação análoga a do filósofo dinamarquês de Kierkegaard, na qual o homem é destacado no seu existir cotidiano, na sua realidade presente. Logo, para o pensamento freireano, a existência concreta do sujeito diz respeito a uma filosofia prática, por isso é possível intuir que Freire também bebe no pensamento de Gabriel Marcel, de que o sujeito existe no mundo e com o mundo.

Na concepção antropológica de Freire, sua reflexão se parece a Heidegger, ao sugerir que o sujeito é um ser que indaga, que se questiona pelo seu próprio ser. Dessa maneira, percebe-se que o alicerce ideológico freirano que contribuiu para o desenvolvimento da metodologia para a libertação do sujeito oprimido, se deu na doutrina dialógica que encontrou elementos na de Karl Jaspers, o qual acredita que o isolamento significa a destruição do indivíduo, por isso luta acirradamente pela comunicação entre esses (JORGE, 1979, p. 20).

Eric Fromm e seu preceito se fazem presente na gênese ideológica de Freire, pelo fato de Fromm combater e lutar contra a alienação e a massificação do sujeito. Nesse sentido, o pensamento de Karl Marx ecoa nas reflexões e nos pensamentos de Freire devido à sua busca incessante pela compreensão da situação de pobreza, desigualdade e de injustiça social.

Marx realizou uma fenomenologia concreta das relações econômicas de seu tempo, e seu método tem profunda vigência na atualidade, embora não se possam aplicar os mesmos esquemas hoje, de forma estereotipada. Além disso, orientou o sentido da filosofia para a ação como guia da prática e realçou o sentido dialético de toda a realidade. Nesse aspecto, Freire segue a linha traçada por Marx, tanto ao fazer o retrato do oprimido como ao encarar a realidade da práxis como o verdadeiro caminho da libertação do homem (TORRES, 1981, p. 50).

Outra corrente ideológica que influenciou de modo relevante Paulo Freire foi o pensamento de Antonio Gramsci, que buscou pensar na educação a partir de sua realidade e de sua própria conjuntura histórica, levando o sujeito a entender política como uma ação

prática, gerada por meio do conhecimento no interior da sociedade civil. Dentro dessa perspectiva, logo o sujeito deixa de constituir-se como um simples imitador das composições sociais dominantes - sujeito passivo, e antagonicamente se transforma em um sujeito ativo na formação de um novo arquétipo de sociedade.

Para Freire, a educação não se refere simplesmente às preocupações pedagógicas, mas também às questões políticas, ou seja, a um pensamento político-pedagógico em que a transformação se dá por meio da alteridade, levando o alfabetizando a transformar-se em um sujeito autônomo, em um agente revolucionário.

A educação libertadora não pode ser a que busca libertar os educandos de quadros negros para oferecer-lhes projetores. Pelo contrário, é a que se propõe como prática social, a contribuir para a libertação das classes dominadas. Por isto mesmo é uma educação política (FREIRE, 1981, p110).

2.2.1 Educação Popular: Tendências Pedagógicas

A pedagogia tradicional, com uma tendência idealista-liberal⁶⁴, no transcorrer do século XVIII e XIX – época em que Pestalozzi defendeu suas teses pedagógicas que muito contribuíram para a metodologia de Paulo Freire – e parte do século XX, tinha o objetivo de usar a instrução como meio para o desenvolvimento social:

O objetivo explícito era integrar as classes pobres da nação ao novo Estado, em criar cidadãos por meio de ações escolarizadas ou não, como o serviço militar [...] Dentro da construção da hegemonia liberal, a educação laica obrigatória e pública é então sinônima de Educação Popular (PREIWERK, 1997, p. 31).

No século XX as correntes pedagógicas liberais estão mais ligadas aos movimentos sociais reformistas ou revolucionários, distinguindo-se das pedagogias libertadoras, ambas com tendência realista-progressista. José Comblin iniciou sua formação escolar no ano de

⁶⁴Na pedagogia, o idealismo-liberal representa correntes de formação educacionais voltadas para as questões de cunho intelectual e tecnicista.

1929. Em suas palavras: “quando eu tinha seis anos, tinha que ir à escola em uma cidade vizinha, por isso eu caminhava 5 km para ir e 5 km para voltar” (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011, p.56). Nessa época a educação na Bélgica sofria influência das bases pedagógicas da ‘Escola Nova’, a qual tinha nascido da ‘Escola Elementar’ de Pestalozzi.



Foto: José Comblin - seis anos de idade

Paulo Freire tinha esse educador como um referencial teórico na construção da educação. Pestalozzi propunha uma metodologia de ensino que visava a uma formação global por meio de uma “educação integral (intelectual, moral, física); educação ativa; educação prática, sendo obrigatórios os trabalhos manuais; exercício de autonomia” (ARANHA, 1989, p. 206). Essas foram as primeiras referências de Comblin em sua educação escolar, e é possível observar que esses alicerces educacionais permearam a sua vida constantemente, em especial, no desenvolvimento de seu trabalho eclesial.

As correntes pedagógicas liberais na América Latina, sobretudo a partir dos anos sessenta, colocaram a ênfase da concepção de educação ao não formal, à crítica e às relações do homem com seu meio. A segunda transformou o educando no sentido libertário e autogestionário, como configuração de oposição ao Estado. E a terceira, que se deu no fim

dos anos 70, via o educando como parte integrante do todo social, preparando-o para a participação ativa na sociedade (LIBANIO, 2005, p. 149).

A Educação Popular, por sua vez, tem seus alicerces na corrente pedagógica libertadora, que segundo Gadotti (1988), ultrapassa as fronteiras da pedagogia, colocando-se também no campo da economia, da política e das ciências sociais, tal qual a Educação Popular. Nesse sentido, Streck (2006, p. 10) sugere que a “Educação Popular procurou ser uma prática político-pedagógica de formação do público a partir de um lugar que se identificava com quem estava de fora ou por baixo na escala social, dependendo das teorias explicativas do popular”.

A educação libertadora toma como ponto de partida o pensar do povo. O conteúdo programático é feito a partir da situação concreta, presente, existencial. A situação posta – invariavelmente desfavorável – deverá ser problematizada e apresentada como um desafio com temas para serem superados por meio da reflexão e ação (práxis). Os temas geradores são o próprio pensar do povo, que não se dá num vazio, mas nas pessoas, na relação entre elas e delas, e delas com o mundo. A investigação das temáticas significativas é feita em diálogo e é objeto de reflexão coletiva, num processo de investigação cada vez mais profunda, num “ir e vir” buscando aproximação com a totalidade – econômica, política, social (FREIRE, 1980, p.101-103).

Da mesma forma, Libanio (2005) afirma que aprender é uma ação de conhecimento da realidade concreta, definida, isto é, da conjuntura autêntica vivida pelo educando, a qual tem sentido somente se decorre de uma aproximação analítica dessa realidade. Logo, o conhecimento que o educando transfere é representado numa réplica, diante da condição de opressão que o mesmo se conscientiza pelo processo de entendimento, reflexão e crítica. Por esse olhar, Freire diz:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com sua transformação; o segundo em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 1987, p. 44).

A seguir se tratará da questão da Educação Popular e sua relação com a Igreja Profética, no viés da TdL, que luta a serviço dos desfavorecidos, buscando sua libertação por meio de ações concretas sóciopolítica-econômica.

2.3 Educação Popular e a Igreja Profética

A Igreja Católica da América Latina, principalmente a partir do Concílio Vaticano II, destacou-se pelo seu desempenho diligente no campo da educação popular. Lutando pelos projetos de libertação dos oprimidos por meio de uma atuação educativa e profética – fatores que possibilitaram a ação eclesial a partir de uma imersão na realidade concreta e contextualizada, de foco sócio-histórico e político.

Segundo Dussel (1999), muitos movimentos pastorais e sociopolíticos, principalmente juvenis, como as juventudes católicas camponesas, operárias, estudantis, universitária, movimento estudantil cristão protestante (JAC, JOC, JEC, JUC, FUMEC), estimularam e avigoraram os projetos de libertação dos oprimidos, os quais são entendidos à luz dos conceitos e definições sobre ‘Educação Libertadora’ já abordada neste capítulo e que tinha como uma de suas principais ferramentas a Educação Popular.

Paulo Freire aborda esse assunto propondo que as Igrejas da América Latina se diferenciam em dois aspectos centrais: modernizantes e tradicionais. As primeiras são aquelas que escolheram uma educação libertadora. As tradicionais são as que ainda estão imersas na metodologia de alienação das classes sociais. Essas ainda não compreenderam que humanizar é libertar, e que libertar é transformar integralmente o ser humano. Segundo Freire,

A sociedade que se experimenta numa revolução permanente não pode prescindir da permanência da visão profética utópica⁶⁵ e esperançosa de seu povo, sem a qual se estagnar e já não se revolucionará. Da mesma forma nenhuma Igreja poderá ser realmente profética enquanto seja “refúgio das massas” ou agência de modernização e de conservantismo. A Igreja profética não “refugia” as massas populares oprimidas, alienando-as mais ainda, com discursos falsamente denunciadores, porque simplesmente blábláblantes. Convida-as, pelo contrário, a um novo Êxodo. A Igreja profética não é tampouco a que, modernizando-se, conserva, “estabiliza-se”, adapta-se. Cristo não foi conservador. A Igreja profética, tal qual

⁶⁵ Segundo Jung Mo Sung, uma das principais contribuições de Hinkelammert é a sua idéia de “razão utópica”. Para ele, o conceito utópico - como mercado perfeito do capitalismo ou planejamento perfeito do socialismo soviético, ou Reino de Deus do cristianismo que faz opção pelos pobres - é uma condição para se conhecer a realidade e intervir nela. Só se pode conhecer o que a realidade social é, na medida em que se conhece também o que ela não é. Só se pode atuar socialmente tendo em vista um modelo social perfeito – utopia - que serve como horizonte, a ser alcançado ou aproximado (SUNG, 2002, p. 87) Cf. (HINKELAMMERT, 2002).

Ele, tem de ser andarilha, viageira constante, morrendo sempre e sempre renascendo (FREIRE, 2007, 146).

No Brasil, se produziu uma radicalização dos setores, especialmente do grupo liderado por Dom Hélder Câmara, o qual tinha como principal assessor, o padre belga Joseph Comblin. Assim, deu-se curso ao processo de conscientização das classes populares, estreitamente ligado ao Movimento de Educação de Base (MEB), situando como o seu eixo o conceito de “conscientização”, que não foi desenvolvido por Paulo Freire, segundo o mesmo afirma.

[...] Acredita-se geralmente que sou autor deste estranho vocábulo conscientização por ser este o conceito central de minhas idéias sobre educação. Na realidade foi criado por uma equipe de professores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros por volta do ano 1964. Pode-se citar entre eles o filósofo Álvaro Pinto e o professor Guerreiro. Ao ouvir pela primeira vez a palavra conscientização, percebi imediatamente a profundidade do seu significado [...]. Desde então, esta palavra forma parte de meu vocabulário. Mas foi Hélder Câmara quem se encarregou de difundi-la e traduzi-la para o inglês e para o francês (FREIRE, 2007, p. 29).

Ainda segundo Preiswerk (1997, p. 10), a Igreja foi ousada ao entregar na mão de um grupo de leigos, boa parte recém saída da Ação Católica, a responsabilidade de realizar a alfabetização de adultos, por meio de uma educação conscientizadora.

Esses grupos constituídos por leigos construíram uma extensa ‘ação popular de base’ demandando participação na vida da Igreja e na história sócio-política do país, ou seja, transformando-se em sujeitos ativos e protagonistas diante da realidade concreta, que os conduzia a conhecerem, a sentirem toda situação de miséria do contexto socioeconômico e político em que as pessoas estavam subjugadas.

Dessa maneira, esse grupo de leigos insurgiu com repulsa ético-religiosa, fato que os levaram a lutar perante a tamanha injustiça social. Assim, o Movimento de Educação de Base, entre outros, contou com a adesão e militância dos leigos, a maioria de cristãos, como uma forma de reclamar um direito, a saber, o da liberdade e humanização do seu semelhante. Para Rubem Alves (1999), os movimentos de base expressam o suspiro, as dores, as aspirações dos oprimidos que desejam libertação e transformação social. José Comblin apoiou e defendeu a iniciativa de Dom Hélder Câmara quanto ao incentivo aos leigos nessa época, bem como até o final de sua vida.

No entanto, no auge dos movimentos de base, principalmente dos MEBs, em prol da conscientização e libertação do indivíduo, os defensores do contexto político de ditadura militar buscaram pôr um fim a essas atividades, dadas as características ‘subversivas’ que elas apresentavam. Porém, os militantes da educação que conduziam a “conscientização” continuaram trabalhando. Essa ação estava estreitamente ligada ao processo de renovação do Concílio Vaticano II, com a manifesta intenção de adequar a Igreja aos desafios da modernidade, entre elas, a industrialização e urbanização.

De certa forma, o Concílio decidiu internamente impulsionar certa descentralização na tomada de decisões e conferir maior responsabilidade aos arcebispos, clérigos e laicos, tornando-se, assim, suporte ao ecumenismo, fato que significava o reconhecimento de uma sociedade pluralista e a legitimidade do secularismo e das ideologias de esquerda. Propôs-se então uma intenção inicial de diálogo “marxista-cristão”, contribuindo para a formação e solidificação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)⁶⁶, que empregavam elementos ideológicos propostos pela educação libertadora de Paulo Freire. Matthias Preiswerk, ao mencionar as implicações da Educação Popular no que diz respeito, em especial, ao pensamento de Freire, diz,

Sua originalidade consiste em articular uma prática educativa transformadora com a síntese filosófica de diversas famílias ideológicas. Seu pensamento flexível soube adaptar-se e radicalizar-se à medida que as práticas inspiradas em sua teoria foram se politizando [...]. O pensamento globalizante de Freire oferece oportunidades para a reflexão intelectual latino - americana: Sintetiza e reinterpreta problemas clássicos e atualiza sua pertinência para os movimentos sociais (PREISWERK, 1997, p.39).

A Educação Popular, por sua vez, como já foi mencionado anteriormente, teve ampla ressonância na Igreja, e após uma forte adesão por parte dos educadores cristãos e progressistas, grande parte desse apoio se baseou na identificação dos alicerces ideológicos entre a Teologia da Libertação e a Educação Popular, pois ambas se “encontram no mesmo terreno e às vezes com os mesmos atores”(PREISWERK, 1997, p.24).

Nessa perspectiva, segundo Gabriel Priolli, o professor Paulo Freire posicionava-se como cristão e revolucionário, e afirmava que foi como “camarada de Cristo que se

⁶⁶ O Filme o Anel de Tucum, mostra alguns eventos das CEBs e pessoas importantes para a Educação Popular do país, tais como José Oscar Beozzo, Dom Pedro Casaldaliga, entre outros, e de como os militantes das CEBs eram vistas pela classe dominante. GODINHO, M. I; GUIMARÃES, J. G.W; BERNING, C. *O Anel de Tucum*. Direção de Conrado Berning. Brasil, Verbo Filmes, 1994. Filme, 106 min. color. Son.

aproximou dos favelados, desde os tempos de educador iniciante” (PRIOLLI, 1997). O educador entendia que a identidade de ‘ser cristão’ estava ligada a ‘ser revolucionário’:

Ser cristão não significa necessariamente ser reacionário, como ser revolucionário não implica ser ‘demoníaco’. Ser revolucionário significa estar contra a opressão, contra a exploração, em favor da libertação das classes oprimidas, em termos concretos e não em termos idealistas (FREIRE, 1981, p. 91).

Leonardo Boff, comentando a visão de Paulo Freire o sobre o seu método de ensino popular, sugere que:

A teologia da libertação afirma: a libertação dos oprimidos ou se faz a partir dos oprimidos mesmos junto com seus aliados, conscientes de sua própria força e dignidade, ou não se fará nunca. A importância de Paulo Freire foi de ter mostrado que o oprimido jamais é somente oprimido. É também um criador de cultura e um sujeito histórico, que quando conscientizado e organizado, pode transformar a sociedade. A Teologia da Libertação ao fazer a opção pelos pobres contra a sua pobreza assume com a visão de Paulo Freire. O processo de libertação implica fundamentalmente uma pedagogia. A libertação se dá no processo de extrojeção do opressor que carregamos dentro e na constituição da pessoa livre e libertadora, capaz de relações geradoras de participação e de solidariedade. A teologia da libertação é um discurso analítico, porque junto com o discurso religioso incorpora em sua constituição também o sintético e pedagógico. Por isso Paulo Freire, desde o início, foi e é considerado um dos pais fundadores da teologia da libertação (GADOTTI, 1996, p.497).

A Educação Popular é mais do que uma simples representação do saber popular, assim como a teologia é mais do que a socialização do conhecimento religioso, pois existe uma interação entre estes distintos atores e ela se dá por meio das aproximações ideológicas. Lembre-se que essas se dão no campo da Teologia da Libertação, representante da ala cristã progressista. A esse respeito Júlio de Santa Ana comenta que “grupos cristãos progressistas procuravam oferecer sua contribuição para o processo de transformação social por meio de projetos educativos que favoreceram as classes populares. Inevitavelmente, a dimensão teológica irrompeu no desenvolvimento dessas iniciativas” (PREISWERK, 1997, p.18).

Uma vez que a investigação neste subcapítulo procurou apresentar os pontos de confluência entre a Educação Popular e a Igreja Profética, a seguir serão apresentados os aspectos da Educação Cristã e sua relação com a Educação Popular.

2.3.1 Educação Popular e Educação Cristã

A relação entre ‘Educação e Religião’⁶⁷ é um tema discutido e pesquisado por muitos cientistas da religião, dentre os quais se encontra, por exemplo, Jung Mo Sung – que desenvolve linhas de pesquisa sobre a ‘Espiritualidade e Educação para Liberdade’ e ‘Religião e Superação da Exclusão Social’– e Matthias Preiswerk, suíço, radicado na Bolívia,

As diferentes práticas educacionais - dentro da Igreja, da escola ou dos movimentos populares -, sua capacidade de transmitir e de recriar os conteúdos da fé, transformam a organização [...]. A educação cristã, entendida como esse conjunto de práticas educacionais, torna-se uma ponte decisiva entre a teologia prática e a teologia em geral. De fato não se trata simplesmente da transmissão de algumas verdades que a teologia sistemática houvesse definido, e sim da criação da mensagem cristã dentro de situações sempre novas (PREISWERK, 1995, p. 285).

E dentre essas situações sempre novas, está a experiência constante na sociedade com todas as suas implicações sociopolíticoeconômicas. Assim a Educação Popular desenvolve sua cátedra de conscientizar e libertar o sujeito. Segundo Jung Mo Sung⁶⁸, “quando os ensinamentos não modificam a expectativa, a esperança, não há mudança na pessoa, na cultura é preciso ter um processo pedagógico nessa mudança!”. Do mesmo modo, José Comblin afirma,

Não se educa simplesmente por meio de ideias, de lições ou de reflexões intelectuais, assim pensavam os otimistas modernos: bastava libertar a mente dos educandos das ilusões e dos erros, dos preconceitos, das tradições religiosas, culturais, sociais, dos costumes e das autoridades tradicionais. Uma vez liberta, a mente levaria a uma conduta livre. Sabemos que não basta ensinar, porque das idéias não segue automaticamente o agir [...]. Por conseguinte, a educação consiste em levar os educandos para o agir. Aprendem agindo muito mais do que pelas doutrinas (COMBLIN, 1998, p. 8)

⁶⁷ Grupo de pesquisa na área de Religião e Educação, coordenado pelo Professor Dr. Jung Mo Sung. Linha de pesquisa: ‘Espiritualidade e Educação para Liberdade’ e ‘Religião e Superação da Exclusão Social’. Área de Concentração -Ciências Humanas e Direito: UMESP. Última atualização 13/02/2012. Em: < <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=7522710OB9RPY0> > Acessado em: 01/07/2012

⁶⁸ Aula ministrada no programa de pós-graduação *stricto sensu*, da Universidade Metodista de São Paulo, no curso de Cultura, Religião e Processos Educativos, no dia 14/06/2011.

Pode-se observar que esse conceito de Comblin sobre educação está centrado no agir do sujeito, tal qual é a proposta de Paulo Freire. A mesma reflexão faz parte dos alicerces pedagógicos da Educação Popular.

Para compreensão mais profícua da Educação Cristã e sua relação com a Educação Popular, o teólogo Matthias Preiswerk define Educação Cristã (EC) como “a práxis das igrejas e dos cristãos e nas distintas áreas da educação: Formal (escolar), não formal (Educação de Adultos e Educação Popular) e informal (familiar)” (PREISWERK, 1996, p.91). Para ele, a EC toma o valor prático como critério da verdade e tem o sujeito como centro. Recusando-se a “definir a Educação Cristã unicamente pelos seus laços institucionais ou confessionais” (PREISWERK, 1997, p. 337).

E ainda em seu livro “*Educação Popular e Teologia da Libertação*”, o mesmo teólogo aborda, três aspectos da Educação Cristã: catequese, ensino religioso e formação teológica; além disso, estabelece a sua relação com a Educação Popular.

Por catequese entendo a prática específica das comunidades cristãs, cuja meta é a formação e consolidação da fé de seus adeptos ou de seus futuros membros. O termo catequese é substituído pela expressão geral “educação cristã” ou, mais especificamente, de “escola dominical”. Ensino religioso [...], são atividades educativas realizadas geralmente nas escolas, e que buscam transmitir informações e conteúdos religiosos à margem de uma decisão de fé [...]. Educação Teológica é uma preparação que permitirá aos diferentes setores da comunidade eclesial enfrentar as questões teológicas que se colocam em sua prática libertadora (PREISWERK, 1997, p. 337-380).

A partir desse viés da práxis educativa libertadora, Preiswerk chama a atenção para as implicações de cunho pessoal, ou seja, características que podem ser geradas na identidade de cada cristão comprometido com a Educação Popular. Ele diz,

Cristãos comprometidos com a Educação Popular refletirão sobre sua identidade e darão conta dela aos outros atores da experiência educativa [...]. Cristãos comprometidos com a Educação Popular explicitarão sua identidade a partir de sua própria prática educativa dentro do movimento popular e das instituições eclesiais com as quais estão vinculados [...]. A identidade cristã é uma identidade eclesial. Cristãos comprometidos com a Educação Popular integrarão ou, se for o caso, constituirão comunidades eclesiais, nas quais todos os atores que desejarem, poderão refletir sobre seu compromisso, confrontá-lo com a Palavra de Deus e celebrar sua fé (PREISWERK, 1997, p. 374-376).

Após fazer uma inter-relação concisa das concepções de Educação Popular e Educação Cristã e a relação entre as mesmas, a seguir se abordará a concepção teórica e prática do projeto pedagógico libertador de José Comblin.

2.4 Educação Popular: Projeto Pedagógico Libertador *Combliniano*

Ao retornar ao Brasil, Comblin empregou a experiência do Seminário Rural junto a um grupo que se chamava Teologia da Enxada. Este grupo havia sido estruturado por ele no final da década de 60, antes de ser exilado. Com ajuda de Dom José Pires, de João Pessoa, Paraíba, fundou em 1981 o Seminário Rural do Avarzeado, na cidade de Pilões, Paraíba, o qual mais tarde denominou-se Centro de Formação Missionária, situado em Serra Redonda/PB. Esse centro visava educar, formar e preparar sacerdotes e missionários populares para a evangelização com um método apropriado, capaz de entender a relevância de sua respectiva cultura do campo. E desse período em diante Comblin passou a dar primazia à constituição de lideranças populares⁶⁹.

⁶⁹ Em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/41803-dados-biograficos-de-jose-comblin->> Acessado em: 12/06/2012



Foto: Casa de Comblin em Serra Redonda/PB

Outros militantes da Educação Popular, em outras regiões do país, também desenvolviam trabalhos análogos aos de Comblin, como, por exemplo, a metodologia nominada “teologia pé-no-chão”, idealizada por Clodovis Boff⁷⁰. Esta se caracteriza por trabalhos que se desenvolvem adjacentes ao povo, usando temas geradores que são trazidos à luz pelo próprio povo e em sua linguagem popular, promovendo reflexões da fé sobre o dia a dia. A publicação dessa metodologia se deu sob o título “*Teologia pé-no-chão*”, no ano de 1984, e destacou-se por sua visão libertadora da fé realizada junto ao povo.

Pé no chão significa, em primeiro lugar, uma teologia que caminha com os pés e não com a cabeça. De uma teologia chão, terrosa. Mas sempre grávida dos germes de todo o chão fecundo... Pé no chão, em seguida, porque esta teologia se faz primeiro com os pés. Trata-se aqui de um pensar teológico que entra pelos pés,

⁷⁰ A teologia pé-no-chão foi desenvolvida por Clodovis Boff, quando ele desenvolvia um trabalho no Estado do Acre. O mesmo diz que ambos os trabalhos se assemelham devido fazerem parte do mesmo caldo cultural, da mesma práxis teológica popular. Diz o mesmo, numa conversa informal na Universidade Católica do Paraná (PUC/PR), no dia 14/06/2012, ‘que foi a partir do momento de convívio com Dom Hélder, e sua paixão, seu amor e sua missão para com os desfavorecidos que Comblin se integrou de maneira mas profunda e ampla ao trabalho com os pobres’, confirmando as palavras ditas por Comblin em sua entrevista.

penetra por todo o corpo e sobe até a cabeça. Pois há coisas que só captam indo até lá e vendo (BOFF, 1984, p.12).

José Comblin não era pedagogo de formação, no entanto desenvolveu vários projetos pedagógicos – isso pode se justificar pela distinção que Enrique Dussel faz entre “a pedagogia e o pedagógico, este diz respeito à parte da filosofia que pensa a relação face a face do pai-filho, mestre-discípulo, e aquela é a ciência do ensinamento ou aprendizado” (DUSSEL, 1977, p. 153).

No Estado de Pernambuco, após o Seminário Regional do Nordeste em Camaragibe/PE, um dos maiores da América Latina, ter sido fechado em 1967, somente com dois anos de funcionamento, Comblin desenvolveu também uma metodologia pedagógica específica.

Enfim, foi quando se fechou Camaragibe, o Seminário Regional, então houve dois grupos de seminaristas, nove no total, que disseram “Nós queremos fazer nossa formação no campo, no meio dos camponeses, não no Seminário”. Formaram dois grupos, um em Itabaiana, na Paraíba e outro no interior de Pernambuco em Tacaimbó, perto de Caruaru. Então foram, e agora? E o estudo, como fazer? Aí vieram buscar-me e disseram: “-Não é possível estudar teologia morando e trabalhando no campo”. Aí eu disse “Bom, possível é, não será a mesma teologia, naturalmente, mas é possível estudar teologia” (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011, p.81).

Então os estudantes e seus mestres dividiram-se nos bairros de Olinda, Recife e interior de Pernambuco, dando início, dessa maneira, ao mais radical experimento do mundo em matéria de formação seminarística. Nessa conjuntura, Comblin, ainda antes de ser exilado, elaborou uma metodologia própria para esse grupo de seminaristas.

Com sua perspicácia aguçada no que diz respeito à leitura da realidade, ele criticava a formação dos sacerdotes católicos defendendo a ideia de que eles precisavam ter contato com o povo em suas casas, nas praças, nos hospitais, ou seja, de uma teologia voltada *para* o povo. E assim preparou um método pedagógico para um grupo de seminaristas que desejavam ter uma formação voltada ao povo, especialmente com o povo do campo, a fim de que pudessem exercer um ministério de forma profícua e transformadora. Por isso Comblin defendia um novo modelo de formação sacerdotal.

Esse modelo atual não tem futuro. Não tem nenhum futuro. Primeiro porque se escolhe pessoas muito jovens e então tira do seu ambiente e os coloca numa casa. Para quem tem uma personalidade forte tudo bem, e quem não tem, o que aprende aí? Primeiro uma vida muito preguiçosa, eles têm três aulas na parte da manhã, à tarde se supõe que estudam, mas a imensa maioria não tem capacidade de estudar por si mesmo. Então se trancam lá no seu quarto e vão “estudar”. Não sabem o que é estudar, nunca aprenderam a estudar, no colégio não se aprende isso. De tal modo, que muitos ficam dormindo, andando no jardim, aprendem a perder tempo, na idade em que muitos jovens trabalham o dia todo e ainda estudam à noite, eles vivem numa vida privilegiada. Privilegiada, mas medíocre. Aí como que se prepara para ser testemunha, profeta no mundo (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011, p.60).

Pode-se constatar por meio de sua entrevista uma crítica realizada de maneira enfática e até um pouco ácida à formação sacerdotal da Igreja Católica. Comblin acredita que essa se dá devido à instituição ainda não ter rompido totalmente com a Igreja oriunda de uma sociedade rural.

A preparação dos futuros sacerdotes, profetas da sociedade contemporânea, necessita de maior envolvimento com a comunidade, com a realidade cotidiana dela, ao invés de continuar com uma formação baseada numa sociedade rural, onde as pessoas da comunidade se encontravam geralmente nos finais de semana para celebrar e confraternizar-se entre elas. Na sociedade atual, a maioria da população vive na área urbana. Sobre esse assunto de formação sacerdotal, diz Comblin em sua entrevista:

Que preparação é essa? Depois, no final de semana, mandam para as paróquias. Mas o que acontece? O seminarista chega na paróquia, -ah, uma personalidade. Ele não sabe nada, não fez nada, não mostrou nada, mas já é acolhido como uma. Aí você vai falar para as catequistas, elas dizem: “-Ah, quem vai ensinar? Eles não sabem nada”. Mas, já ali se toma a consciência de que é importante, quando na realidade não sabem nada, quer dizer, cria uma ilusão à personalidade. Tem alguns que são suficientemente inteligentes para perceber isso, mas muitos se deixam envolver e quando chegam a se ordenar já são pessoas importantes, se acham importantes, pensam que podem falar com autoridade. Ali no conselho de leigos eles têm autoridade, ninguém pode contestar, ele é a pessoa que sabe. E o que é que ele sabe? Sabe alguma teologia vaga, indeterminada, que não se relaciona com a cultura, que não é comprovada. Então, eu digo sempre: no final de semana, porque é que não manda jogar futebol ali com os filhos de operários, com jovens desempregados? Aí poderiam conhecer famílias, conhecer gente, entrar na casa deles, enfim, participar da vida e ver como que é o mundo, como que é a humanidade realmente. Aí, é claro que vão perceber a sua incapacidade. Começa com isso, tem que aprender a conversar, aprender a criar amizade, intimidade, de tal modo que os jovens também falem com eles, se interessem e assim por diante. Ou então por que não vai ao hospital e conversar ali com eles? (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011, p.61).

Devido a essa visão de formação sacerdotal que Comblin desaprovava, o trabalho se voltou diligentemente para a implantação, desenvolvimento e aplicação de um método pedagógico que promovesse e viabilizasse o encontro da educação acadêmica com a educação popular, e para isso foi construído um método pedagógico que tinha como epicentro o intercâmbio e a análise de informações entre o ensinamento popular e o acadêmico.

Esse método teológico-educacional, desenvolvido num projeto pedagógico específico, foi implantado na área rural do Nordeste, onde as práticas e as bases teóricas da Educação Popular eram visíveis. Comblin aceitou o desafio de desenvolver um método próprio para os seminaristas que desejavam trabalhar na área rural, estando ciente de que a maior parte da população da sociedade contemporânea vive na área urbana.

Assim, devido ao desejo de colocar em prática a sua visão de formação sacerdotal, que visava uma maior integração entre os seminaristas e o cotidiano das pessoas, ou seja, uma prática constante entre o ensinamento acadêmico e o popular, o qual deveria estender-se à área urbana também, o trabalho iniciou-se. Era o ano de 1969, e disso resultou mais tarde a nominada ‘Teologia da Enxada’⁷¹. Tal projeto foi impulsionado, em especial, pela Conferência de Medellín (1968), onde a Igreja se posicionou preferencialmente pelos pobres e assinalou a opção por princípios que constituíam a Educação Popular na perspectiva da conscientização e libertação, na qual o educando fosse sujeito do processo.

No CELAM II, especialmente, a Educação teve lugar privilegiado. Essa foi abordada como fator fundamental para o desenvolvimento da América Latina. Propôs-se uma educação libertadora de cunho humanista cristão, que conscientiza o sujeito socialmente.

A educação latino-americana, numa palavra, é chamada a dar uma resposta ao repto do presente e do futuro em nosso continente. Somente assim será capaz de libertar nossos homens das servidões culturais, sociais, econômicas e políticas que se opõem ao nosso desenvolvimento. Quando falamos assim não perdemos de vista a dimensão sobrenatural que se inscreve no próprio desenvolvimento, o qual condiciona a plenitude da vida cristã (CELAM, 2005, p.116)

O arcebispo Dom Hélder Câmara foi um incentivador, apoiador e promotor desse ousado projeto pedagógico. Em sua entrevista é possível observar mais uma vez um dos

⁷¹ A publicação do ousado projeto pedagógico de Comblin se deu somente em 1977 Cf. (COMBLIN, 1977).

traços de sua personalidade: ‘a simplicidade. Quando indagado sobre a origem do termo ‘teologia da enxada’, Comblin diz: “ali alguém chamou isso de Teologia da Enxada, alguém de fora, não foi nenhum deles. Acho que era no sentido pejorativo ‘teologia da enxada’” (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011, p.82).

Analisando como foi elaborado o método pedagógico desenvolvido por José Comblin, a fim de que os referidos seminaristas tivessem a experiência cotidiana do entrelaçamento entre o conhecimento acadêmico e o popular, mesmo na área rural e com os sertanejos que aí habitavam, pode-se observar a semelhança com método de Freire e de Cardijn. Diz Hoonart,

A teologia da enxada é um método pedagógico que excede de longe as experiências concretas com seminaristas. Hoje se assemelha ao método Paulo Freire aplicado à formação de agentes de pastoral, como se pode verificar em seis ‘escolas missionárias’, espalhadas por cinco estados nordestinos: Bahia, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Piauí. Trata-se de uma experiência que merece ser mais bem divulgada, inclusive junto a políticos responsáveis pela educação. Muitos deles (mesmo os da esquerda) não parecem perceber a relevância do método na educação e pensam que basta conseguir verbas para as instituições educacionais existentes. Seria bom se eles se aprofundassem na metodologia exemplarmente praticada por figuras como José Cardijn, Paulo Freire e José Comblin⁷².

É importante lembrar neste momento que ao trabalhar na Juventude Operária Católica (JOC) na Bélgica e antes de vir para o Brasil, como foi exposto no primeiro capítulo, Comblin aplicou na formação dos jovens operários a metodologia balizada no método ‘ver, julgar, agir’. Ele não usava o termo ‘temas geradores’, mas a concepção é análoga e a luta era também por equidade, transformação social, libertação dos dominadores e oprimidos. Diz Comblin:

O fundador da Juventude Operária Católica que trabalhou em Bruxelas, justamente, era filho de operário, porque ali se sentia muito mais a oposição das classes. No campo, a maioria era de pequenos proprietários, não dava para viver muito bem, mas, não tinham o sentimento de ser maltratados, ser dominados, isso apareceu no mundo operário. Naquele tempo, havia colegas meus que estavam no mundo operário [...]. E os operários foram logo entrando no mundo socialista, então ali se produziu esse confronto permanente. A maioria era de camponeses conservadores e sempre votava nos mais conservadores, e os operários, que eram minoria é que queriam justiça, transformação social e assim por diante (COMBLIN *apud* PEREIRA 2011, p.66).

Assim, quando Comblin passou a dedicar-se ao projeto pedagógico em 1969, que daria origem à ‘teologia da enxada’, soube articular com muita eficácia o que Freire chamava de ‘temas geradores’: a casa, a comunidade local, a terra, o trabalho, a refeição, o corpo, a festa; e o método de Cardijn ‘VER-JULGAR-AGIR’’, também conhecido como método da

⁷² Eduardo Hoonart. *Em*: < <http://www.adital.com.br/site/noticia> > Acessado em:05/07/2012

Ação Católica (COMBLIN, 1977, p.09). Nessa perspectiva, a seguir se abordará com maior acuidade a Educação Popular fazendo-se uma aproximação entre as metodologias pedagógicas desenvolvidas por Comblin e Freire.

2.5 Educação Popular: Aproximação no pensamento de José Comblin e Paulo Freire

No primeiro momento deste capítulo, buscou-se apresentar as gêneses ideológicas de Comblin e Freire. Neste subcapítulo, buscar-se-á apresentar as coincidências no modo de pensar de cada um.

O trabalho desenvolvido por José Comblin como pedagogo pode ser considerado mais relevante do que seu trabalho como teólogo. Segundo Eduardo Hoornaert⁷³ - historiador, padre casado, residente em Recife/PE, e que colaborou por muitos anos na elaboração de uma história do cristianismo na América Latina e no Caribe, - há uma relação profunda entre o método de Comblin e a metodologia freireana do aprender a partir do que se convencionou de ‘temas geradores’.

Todos dizem que a educação escolar não corresponde aos desafios da vida atual, mas poucos dizem com clareza como remediar a essa situação. É aqui que entra Paulo Freire. Ele diz com toda clareza: a educação tem de partir de ‘temas geradores’. As situações vividas no dia-a-dia geram a reflexão e desse modo originam a educação. Quem nasceu e se criou numa casa de taipa reflete o que isso significa na sociedade em que vivemos, e o mesmo se dá com quem se criou num apartamento de luxo. Em outras palavras, a casa (o apartamento), a rua, o bairro, o trabalho, o dinheiro, o corpo, o sexo, a festa etc. são temas geradores de educação. Da realidade se chega à reflexão, que por sua vez gera a ação⁷⁴.

⁷³Eduardo Hoornaert. Em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia>> Acessado em:07/07/2012. Cf.: Semana Teológica em Homenagem ao Pe. José Comblin (26 a 29/10/2012). Universidade Federal da Paraíba. Nesse evento, no qual eu estava presente na cidade de João Pessoa, também foi lançado um documentário de “Dom Fragoso”, o qual era amigo de causa e de afetividade de José Comblin. O referido documentário trata da história biográfica João Fragoso no meio do povo pobre de Crateús. Instituto Dom Fragoso. Dom Fragoso. Direção: Francis VALE. Documentário, Brasil, 2011, 72 minutos. Pode ser adquirido no Instituto Dom Fragoso, em Crateús-CE. Para aqueles que desejam entrar em contato com Francis Vale, o qual está articulando um documentário sobre a vida de José Comblin, podem escrever para o e-mail: francisvale@hotmail.com (estava repetido) delete.

Outra característica relevante que se pode notar ao ler a obra *Pedagogia do Oprimido*⁷⁵ de Paulo Freire, diz respeito à natureza religiosa de sua gênese ideológica social e educacional. Diz John L. Elias:

Freire coloca, em primeiro lugar, uma nova base teológica para a educação religiosa, casando sua filosofia da educação com a teologia da libertação as quais foram desenvolvidas primeiramente por teólogos latino-americanos. Essa base teológica realça a dimensão social e política da educação (ELIAS apud FREIRE, 1996, p.608).

Ainda para Luiz Carlos Susin, existe uma afinidade metodológica entre Comblin e Freire, porém, o primeiro por sua vez “não foi um filósofo da educação, mas um evangelizador, que desenvolveu uma metodologia de evangelização e de formação de evangelizadores que tinha os mesmos *insights* da pedagogia de Paulo Freire” (SUSIN apud HOORNAERT, 2012, p. 176).

Observa-se então que Paulo Freire e José Comblin, respectivamente, compartilhavam de semelhante visão de mundo, compartilhavam do mesmo ‘caldo cultural’. Esse fato provavelmente determinou as semelhanças metodológicas dos pensamentos. Existem pelo menos dois pontos principais de confluência. O primeiro está na escolha do objeto de estudo – sujeito da história –, determinante das propostas. Em se tratando do relacionamento – mestre e aprendiz – tanto Freire quanto Comblin defendiam a quebra da hierarquização desse paradigma, nenhum dos dois personagens deve ser proprietário exclusivo do conhecimento, mas que deve existir um diálogo e uma troca constante das informações, de saberes. Outra afinidade também pode ser observada no que diz respeito às lutas pela transformação social e à confiança no mesmo sujeito coletivo.

Na teoria freireana o termo ‘Utopia’ significa: “a dialética entre o ato de denúncia do mundo que se desumaniza e o anúncio do mundo que se humaniza” (GADOTTI, 1996, p. 732), e é usado para designar essa aspiração de transformação social. Freire acreditava que a libertação ocorre por meio de um processo de conscientização do povo. José Comblin compartilhava da mesma teoria, porém, não utilizava o mesmo termo. A proposta

⁷⁵ A obra *Pedagogia do Oprimido* foi importante para o trabalho de Paulo Freire desenvolvido junto à Ação Católica especialmente, pois a publicação dessa, poucos meses depois da Conferência de Medellín, a qual teve como ícone marcante a preferência pelos pobres (FREIRE, 1970, pp.184).

combliniana teve uma abordagem especial: a atuação do Espírito Santo no mundo: “o Espírito produz liberdade, palavra, ação, comunidade e vida” (COMBLIN, 1988, p. 85). Comblin diz ainda que:

Mais especificamente na história o Espírito é criador de liberdade. Desperta a palavra dos pobres. Com ele os pobres começam a agir neste mundo. Os mesmos pobres são os portadores das esperanças de novas comunidades. Numa sociedade que destruiu as comunidades tradicionais, o Espírito promove formas de comunidades voluntárias e não opressoras. Por todos estes canais o Espírito cria vida e conduz a história para a vida nesta terra e na terra dos ressuscitados. Tudo o que fez e ainda faz na Igreja, está sendo feito em vista desta ação transformadora do mundo, pela libertação dos pobres e oprimidos (COMBLIN, 1988, p. 102).

Ainda nessa mesma perspectiva de confluências, ressalta-se a recusa do academicismo que ambos nutriam. Freire decidiu dedicar-se de forma parcial às aulas na Universidade Federal de Pernambuco para doar-se às atividades no movimento leigo da Igreja Católica nos anos cinquenta e início de sessenta e aos outros movimentos, como o Movimento de Cultura Popular (MPC), por exemplo. Ele desejava ter contato com os desfavorecidos e almejava colocar em prática os conhecimentos acadêmicos, envolver-se com a prática cotidiana da educação conscientizadora, libertadora e apresentar à academia como se dava a prática da teoria por ela oferecida.

Nessa época, a política do país “foi denominada como ‘emergência do povo’, pelos defensores de um autêntico modelo de desenvolvimento para o país. Eles se reuniam no ISEB” (GADOTTI, 1996, p. 153). E Paulo Freire fazia parte desse grupo de pensadores que almejavam um Brasil com uma identidade sócio-político-econômica genuína ao seu contexto cultural. Essa causa, o teólogo da TdL, José Comblin, também defendeu por meio de seu trabalho.

Dessa forma, no ano de 1969, José Comblin elaborou o método pedagógico que trabalhava com o conhecimento acadêmico e popular paralelamente. Diz ele em entrevista,

Então elaborei a metodologia, dividi toda a matéria em 60 temas: 15 sobre a cristologia, sobre o Cristo, 15 sobre o Espírito Santo, 15 sobre a sabedoria cristã, não moral, enfim, a maneira de agir e 15 sobre a Igreja. Seriam 4 anos, cada ano 15 temas. Aí elaborei um esquema para cada um desses temas. Sobre cada tema,

primeiro eles iriam conversar com famílias, conversar sobre o assunto. Por exemplo, se o assunto era – Jesus era profeta – então subdividia o assunto de tal maneira que tinham que fazer 8 sub-temas e visitar famílias para falar sobre esse assunto e ver o que eles tinham a dizer sobre o assunto. Quando voltavam para casa tinham que escrever tudo o que o povo falou nas palavras deles, não na interpretação do que entenderam, mas o que eles disseram para justamente aprender a linguagem do povo, como eles se expressam em matéria religiosa, para não usar palavras que não entendem. Pois bem, essa é a primeira parte (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011, p.81).

Aqui é possível perceber como o método pedagógico de Comblin e de Freire se assemelham, pois a primeira parte da proposta da metodologia é o levantamento dos ‘temas geradores’. Para Comblin, esses foram nominados de ‘inquérito’, os quais Freire trabalhou junto da educação católica popular desde a década de 60, tendo o apoio, especialmente, de Dom Hélder Câmara⁷⁶ como amigo e companheiro de causa. Nesse contexto, que germinava com intensidade a pedagogia revolucionária, surgiu a “Campanha de Pé no Chão”, que se caracteriza, principalmente, pela libertação dos oprimidos. Essa campanha, que foi arquitetada e edificada por Freire, encontrou espaço também na teologia popular devido ao seu modo de trabalho oral e/ou pelas pequenas anotações e registros.

Comblin então seguiu para a segunda parte, dando continuidade à elaboração de seu método pedagógico, o qual apresentava outro elemento similar com a metodologia proposta e implantada por Paulo Freire, a ‘problematização’, que Comblin chamou de “significados”. Assim, os ‘temas geradores’ foram colhidos na primeira parte, o “inquérito”, e analisados posteriormente. Aqui os alunos teriam de fazer uma análise entre o conhecimento acadêmico e o popular. Comblin relata em sua entrevista que:

A segunda parte eu tinha preparado um texto desenvolvendo esse tema com os fundamentos bíblicos. Agora vão estudar isso vendo todos os textos bíblicos, procurando comentar, procurando entender todos esses textos [...]. Vocês agora vão fazer a comparação entre o que o povo diz e o que está na doutrina cristã, na Bíblia, porque nessa comparação vocês vão ver o que o povo diz conscientemente

⁷⁶ Para aqueles que desejam ter mais informações científicas sobre a história biobibliográfica de Dom Helder Pessoa Câmara, podem entrar em contato o Professor Dr. Luiz Carlos Luz Marques, coordenador do curso de história da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), o qual organizou e coordenou, entre 2002 e 2009, o projeto internacional de publicação das Obras Completas de Dom Hélder Câmara, em nome do Instituto Dom Hélder Câmara do Recife. É ligado às seguintes instituições de pesquisa no exterior: Centro per l'Ecumenismo in Italia, Istituto per le Scienze Religiose di Bologna, Associazione Italiana per lo Studio della Santità, dei Culti e dell'Agiografia. Dedicar-se especialmente aos seguintes temas: Igreja católica, hagiografia crítica, Concílio Vaticano II, Dom Hélder Câmara, igrejas e movimentos religiosos no Brasil do século XX. Email:

e o que não aparece, quer dizer, na consciência deles (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011, p.82).

Na apreciação de Comblin, ao ‘significar’ os temas geradores, descobria-se que o povo não tinha consciência do que era ser cristão. Então deu seu parecer de como proceder diante dessa situação na construção de seu método pedagógico. Diz ele:

Na prática, o que aconteceu é que o povo não fazia a menor idéia da questão social, da influência do ser cristão, é trabalhar no mundo, é melhorar, é transformar, é lutar, isso simplesmente, cada tema era a mesma coisa. Então a conclusão era, se tem uma coisa que tem de insistir é justamente sobre aquilo que eles não sabem, o resto sabem, então tudo bem, continua isso (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011, p.82).

Na terceira parte, os seminaristas teriam que construir uma ação práxis por meio do ‘agir’. Essa ação integraria o conhecimento do povo e dos alunos. A qual Freire nomina de ‘plano de ação’, e tem por objetivo levar a conscientização daquele determinado público, considerando todas as suas implicações sóciopolítico-econômicas e religiosas.

E, finalmente, eles tinham, cada um, que fazer como que uma pregação sobre esse tema, escrever e falar com o povo sobre esse tema. Então, como tinha 15 temas por ano, praticamente eram três semanas, por cada tema, de discussão ou um pouco mais e ali depois de cada tema eu ia lá para revisar com eles o que tinham feito e preparar o próximo (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011, p.82).

O método desenvolvido por Comblin para trabalhar o conhecimento acadêmico e o popular continuou sendo desenvolvido, mesmo durante seu exílio. Quando regressou deu continuidade ao trabalho que havia semeado anos antes, porém, no início da década de 80, quando terminou o seu exílio no Chile, essa metodologia foi fermentada com a implantação de Seminários Rurais constituídos.

Diante do seu trabalho frutífero na área da Educação Popular, especialmente na região nordeste do Brasil, no dia 24 de abril de 2001, o padre José Comblin recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal da Paraíba (anexo-C) como reconhecimento do seu trabalho no campo da educação popular e o desenvolvimento de uma metodologia própria.⁷⁷

Ainda sobre a área da Educação Popular, além das aproximações ideológicas de Freire e Comblin, é notável também a proximidade que Padre José Comblin tinha quanto

⁷⁷ Em: < <http://www.ufpb.br/sods/consuni/resolu/2001/Runi200105.htm> > Acessado em: 13/07/2012.

aos aspectos práticos e de gênese ideológica com Padre Ibiapina – ressaltando que a práxis teórica desse também se assemelha à forma de pensar e trabalhar de Freire. No entanto ele desenvolveu a sua grande obra em época distinta de Comblin. Em suma, os dois nunca trabalharam juntos.

Ibiapina faleceu no século anterior ao nascimento de Comblin. No entanto, ele nutria admirável respeito pelo seu trabalho com os oprimidos, o qual é regado por ações concretas da Educação Popular. A dimensão dessa reverência foi de tal expressão que ‘Comblin escolheu, anos antes de morrer, ser sepultado junto à Ibiapina’⁷⁸, no santuário de Santa Sé, na cidade de Solânea, interior da Paraíba. Comblin diz: “Ibiapina não teve continuador. Teria sido impossível. Ele apareceu como um brilhante meteoro que ilumina o mundo durante alguns instantes e desaparece. No entanto, o seu testemunho permanece” (COMBLIN *apud* CARVALHO, 2008, p. 11-12).

O Padre Antonio Ibiapina foi sem dúvida o maior missionário do Nordeste. Seu método missionário caracterizou-se pela sua capacidade de organização e de convocação do povo. Soube despertar nos sertanejos energias que ninguém antes fora capaz de mobilizar [...]. Pe. Ibiapina iniciou sua missão com quase 50 anos de idade e durante 20 anos percorreu incansavelmente os sertões nordestinos. Foi ordenado aos 47 anos de idade e sua longa vida leiga teve influência decisiva na originalidade de seu método missionário (COMBLIN, 2008, p.111-112).⁷⁹

Comblin diz; “Padre Ibiapina quis evangelizar o Nordeste dentro da sua cultura religiosa tradicional, a partir da religião popular e com os recursos locais sem apelar para pessoas de fora”. Observa-se que seu trabalho estava intrinsecamente ligado ao contexto cultural do povo. Os serviços na área de educação, por exemplo, se davam a partir do povo, a fim de que eles desenvolvessem e cultivassem o sentimento de sujeitos livres e

⁷⁸ Neste ano de 2001, Padre José Comblin construiu um túmulo junto ao de Ibiapina, deixando o pedido aos seus companheiros, de que desejava ‘ser plantado’ junto a esse homem, que foi um arquétipo de trabalho, especialmente no Nordeste, para Comblin, Dito numa conversa informal com Mônica Muggler, na cidade de João Pessoa, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no dia 29.10.2011, ao final da *Semana Teológica em Homenagem ao Pe. José Comblin*, da qual participei, quando realizei um intercâmbio acadêmico.

⁷⁹ Cf. COMBLIN, José. *Padre Ibiapina*. Coleção Biografias. 1ª. Edição, São Paulo: Ed. Paulus, 2011. Também tive contato com o sacerdote Luiz T. de Carvalho, o qual também tem Ibiapina como seu arquétipo de serviço a outrem. Gentilmente me presenteou com sua obra: *A Missão de Ibiapina*. Cf. (CARVALHO, 2008)

autônomos, que pensam, que fazem parte do seu meio. Aspectos que se encontram no trabalho de Freire e Comblin.

O desenvolvimento do ‘serviço ao outro’ que Ibiapina realizou é notável, tinha como primazia a liberdade dos oprimidos por meio de ações concretas a partir do povo. Essas implicavam também em metodologias da Educação Popular. Além de seu trabalho ser desenvolvido com o mesmo viés de Comblin, também foi na mesma região do Brasil.

Ibiapina impactou a vida de José Comblin, que desenvolveu o seu trabalho fundamentado em algumas bases da TdL e da Educação Popular quando essas não eram nem discutidas na América Latina. O mesmo também não teve nenhuma formação européia que contribuísse para seu trabalho revolucionário social, político e eclesiástico. Esse fato pode remeter-nos ao ‘Agir do Espírito Santo no mundo’ em prol da liberdade do povo oprimido, fato que Comblin defendeu em algumas de suas obras.

Sobre o agir do Espírito Santo Comblin diz:

Toda ação faz parte de um jogo social e só tem sentido em relação à determinada sociedade. Cada ação nossa está ligada a milhões de ações dos outros e do mundo material (forças naturais) e social. Mas, ainda que ação dependa das forças naturais e sociais, ela é também uma criação nossa pela inspiração e pela força do Espírito de Deus. Assim “o agir do Espírito Santo de Deus está no agir dos homens – o Espírito não age por outros canais, não faz milagres exteriores”, age pelo ser humano (COMBLIN, 1988, p.231).

Neste capítulo, a pesquisa procurou fazer uma aproximação histórica sobre as fundamentações da Educação Popular e seus respectivos entrelaçamentos com a TdL. Essa se deu embasada nas obras referenciadas de Comblin e daqueles que dialogavam com ele.

CAPÍTULO 3.

LIBERTAÇÃO, LIBERDADE E EDUCAÇÃO

POPULAR



O destino do ser humano não é o de ficar só. Construir a humanidade é construir uma rede de relações, é fazer com que um ser humano se ligue a outros por laços inumeráveis. A liberdade consiste em criar uma convivência aberta para os outros sempre mais distantes. Liberdade não é escolher entre o sim e o não. É fazer algo novo, fazer com que exista algo humano que ainda não exista (Comblin, 2004,p.95).

O Padre José Comblin nos deixou raízes, asas e sonhos como herança.

Nos dois capítulos anteriores buscou-se estabelecer uma contextualização sóciopolítica-econômica e eclesial da América Latina, com enfoque especial para o Brasil – uma vez que a maior parte do trabalho de José Comblin em prol da libertação se deu no referido país. Além disso, buscou-se constituir o embasamento teórico dessa investigação, procurando mostrar o encontro e as aproximações teóricas e práticas da relação entre a Educação Popular e a TdL por meio da incidência das gêneses ideológicas, sobretudo, de José Comblin e Paulo Freire.

Este capítulo apresentará as interligações entre o contexto e os referenciais teóricos, para dessa forma erigir a resposta da pergunta que a presente pesquisa estabeleceu, a saber: ???

3.1 Libertação, Liberdade e Serviço

Para muitos a liberdade quer dizer ausência de regras, anarquia, ainda hoje em dia essa interpretação de liberdade tem seus adeptos. Por exemplo, nos códigos civis do Ocidente entende-se o direito de propriedade no sentido de liberdade de usar e abusar de certos bens: nessa idéia a liberdade consiste em excluir toda referência aos outros. No sentido cristão a liberdade é exatamente o contrário: ela é serviço ao próximo. O homem realmente livre é aquele que afirma e põe em prática o direito e a capacidade de servir à libertação dos outros (COMBLIN, 1985, p.237).

Na perspectiva de Comblin, libertação, liberdade e serviço estão entrelaçados. Dessa forma, esta parte da investigação buscará dialogar com cada termo, fazendo apontamentos e contextualizações relevantes para a compreensão mais profunda sobre a relação do processo de Libertação em Comblin e a Educação Popular.

3.1.1 Libertação

Partimos do pressuposto de que a interpretação de um termo é constituída pela história de suas conexões com a realidade, ou seja, uma libertação concreta, realizada com e

por seres humanos sujeitos da história. Nessa perspectiva, Comblin diz que “a Bíblia fala do destino de povos concretos; a sua libertação se refere a povos concretos e o povo de Deus tem um destino histórico concreto, material, bem visível e socialmente vivido por pessoas inteiras” (COMBLIN, 2009, p.113).

Para Libâneo, “o termo ‘libertação’, ao ser assumido pela teologia, não sofre processo de restrição – transposição de uma significação geral para uma particular -, nem de extensão – transposição de uma significação geral para uma particular -, mas de verdadeiro deslocamento” (LIBANIO, 1987, p.138). Isso pelo fato de que não se parte de uma concepção vaga e extensa do termo libertação para posteriormente restringi-la ao campo da teologia ou de um sentido restrito que se expande, mas da transição de um determinado campo bem definido para outro. Comblin completa essa perspectiva dizendo que a libertação bíblica “se encarna em condições concretas e se encontra com problemas da libertação racial, libertação da mulher, libertação das nações oprimidas pelos impérios ou libertação dos trabalhadores oprimidos pelos detentores do capital” (COMBLIN, 2009, p.113).

Seguindo esta reflexão, Libanio diz que: “o termo libertação estruturalmente diz respeito a um movimento entre dois polos: opressão e liberdade”(LIBANIO, 1987, p. 146). Esse deslocamento pode ser observado quando o indivíduo que desfaz as barreiras de seus medos, de suas coibições interiores, que extingue os preconceitos para buscar e encontrar a libertação, muitas vezes, paralisa-se diante dos limites impostos pelas estruturas sociais.

Isso se dá principalmente com as classes populares, com os pobres – “Jesus conquistou a liberdade porque venceu o medo” (COMBLIN, 1985, p.228). E são essas camadas empobrecidas que indicarão de maneira transparente a opressão das estruturas. Assim, entende-se que o conceito de libertação migra do campo hermenêutico da subjetividade para o campo da objetividade – realidade opressora da estrutura social, fruto de decisões e interesses políticos.

Desse modo, a dimensão da libertação do indivíduo se dará na mesma proporção que esse desvenda as configurações de opressão. Essa maneira de pensar “libertação” vincula-se

à destruição da imposição da “cultura do silêncio” (FREIRE, 2001, p.74)⁸⁰, estendendo-se à análise das causas da dependência, da opressão, da pobreza, do analfabetismo e da injustiça.

Além disso, Comblin propõe uma libertação individual, a qual, acima de tudo, requer uma atitude da pessoa. Para ele,

Uma pessoa descobre o caminho da libertação quando começa a dizer: não. A negação do mundo real, das suas forças e solicitações, uma negação consciente oposta a todas as tendências inconscientes ou semiconscientes é o início da libertação. Há inevitavelmente na libertação pessoal um momento de negação e retração em que o indivíduo se recolhe de certo modo em si próprio, separando-se de todo o resto. Há um momento de silêncio, de suspensão de todos os desejos e de todas as percepções, um momento de “retiro” como diz a linguagem tradicional da espiritualidade (COMBLIN, 1985, p. 228).

Assim sendo, a libertação está vinculada ao desenvolvimento da vida social, do mundo real, concreto, que se vive todos os dias, e suas implicações sociopolíticoeconômicas e eclesiástica. Isso significa que a libertação cristã abrange a “libertação econômica, social e política, embora seja claro que tudo tem início na libertação da pessoa da sua própria impotência e incapacidade” (COMBLIN, 1998, p. 49). Para Ignacio Ellacuría, “a libertação é um processo de ‘ajuste’ consigo mesmo, enquanto busca livrar-se das cadeias interiores e exteriores” (Ellacuría, 1990, p. 418)⁸¹, construindo, desta forma, uma libertação integral. Nessa mesma perspectiva, Leonardo Boof e Clodovis Boof (1979, p. 42-46) dizem que a libertação integral inclui o pecado, além das decorrências sociais, políticas e econômicas. Para Comblin,

Se a libertação não for assumida por pessoas, não há transformação induzida da parte de fora que possa ter efeito. Uma libertação integral exige um processo pelo qual cada pessoa se liberta a si mesma e desfaz todos os laços que a mantém presa do passado, para construir os laços de uma sociedade livre (COMBLIN, 1988, p. 160)⁸².

⁸⁰ Cf. Para Paulo Freire, somente quando o povo de uma sociedade dependente rompe essa “cultura do silêncio” e conquista o direito da palavra, pode deixar de ser silenciosa, dominada, em relação sociedade dominadora, opressora (FREIRE, 2001, p.76).

⁸¹ Para aqueles que desejam conhecer um pouco da biografia e do trabalho de Ellacuría podem visitar o *site*: < http://www.centroellacuria.org/ignacio_ellacuria.html > acessado em 18/07/2012

⁸² Para quem desejar se aprofundar na conceitualização de ‘libertação integral’ pode buscar nos documentos de Puebla, nos parágrafos [141], [321], [475], [480], [696], [895], [1134], que podem ser encontrados no compêndio (CELAM, 2005).

Logo, “não há libertação da humanidade sem trabalho de libertação do indivíduo chamado a vencer o medo, a submissão e todas as resistências e pressões externas e internas[...] e nenhuma estrutura exterior pode dispensar essa responsabilidade pessoal” (COMBLIN, 1985 p 270).

Comblin diz que “os pobres podem ser ativos, tomar uma atitude, não simplesmente receptivos em receber ajuda, mas colaboradores ativos de sua libertação, de seu melhoramento[...] Mas o clero prefere o movimento carismático, é mais rápido e mais fácil, é só bater palmas, cantar e pronto!” (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011, p.81).

O teólogo ainda sintetiza que, “a libertação tem uma finalidade: tornar-se mais livre, dar-se a si próprio uma personalidade realmente mais livre. A liberdade é o seu próprio fim” (COMBLIN, 1998, p. 238). Devemos ressaltar que essa liberdade tem parâmetros distintos daqueles apresentados pela sociedade pós-moderna, que propõe uma liberdade privada de altruísmo, onde o sujeito é escravo de seus ‘desejos consumistas, miméticos’⁸³ quando pensa que está exercendo sua liberdade.

3.1.2 Liberdade

Desde o século XIV aparecem sucessivamente muitos desvios do conceito de liberdade. No entanto, desde então, todas as novas aspirações sociais e culturais, as novas fases da cultura ocidental, até a modernidade e a pós-modernidade, todos propõem a liberdade como valor supremo [...] Mudaram o conteúdo da liberdade, mas guardaram do Cristianismo que o valor supremo do ser humano é a liberdade e que o primeiro princípio da educação é a formação para a liberdade [...] Porém, como diz ainda São Paulo, a liberdade não se alcança satisfazendo aos desejos da carne, mas atuando no serviço mútuo voluntário (COMBLIN, 1998, p. 7).

A liberdade não é congênita, não aparece naturalmente, é um dom de Deus, é uma vocação que se busca com calma e persistência durante a vida toda. Desde o nascimento, o ser humano vive um conflito, qual seja, quer o bem, mas faz o mal! A liberdade do ponto de vista de Comblin está no agir, “ela se constrói no decorrer da vida no meio das

⁸³ Para aqueles que desejam ter mais conhecimento sobre o assunto, uma indicação é o capítulo "Desejo Mimético, Exclusão Social e Cristianismo" (SUNG, 1998, p. 46-72).

oportunidades, dentro das vicissitudes de uma existência humana terrestre” (COMBLIN, 1998, p. 238). Contudo “não é qualquer agir, a mensagem cristã é muito clara, o que desperta o ser humano como pessoa, por conseguinte como liberdade, é o Outro” (COMBLIN, 1998, p. 243).

No Concílio Vaticano II, a declaração sobre a liberdade religiosa *Dignitatis Humanae* foi um dos documentos que mais gerou discussão, mas por fim o documento foi confirmado e a palavra liberdade passou a receber um significado positivo, pois anteriormente à Revolução Francesa o documento eclesial utilizava a palavra liberdade na direção de condenação. Para José Comblin, a “adoção da palavra liberdade foi decisiva, pois inaugurou uma nova época” (COMBLIN *apud* LORCHEIDER, 2005)⁸⁴ na Igreja. E também com a declaração da liberdade religiosa foi possível o desenvolvimento do ecumenismo, que também fazia parte do trabalho de Comblin. Segundo Sebastião Gameleira Soares, bispo anglicano da diocese de Recife, sobre Comblin,

O que se deve dizer é que foi, como gente e como intelectual e pedagogo (como educador), uma pessoa radicalmente ecumênica. O foco de todo o seu trabalho intelectual e pedagógico não era a instituição eclesiástica, mas sim a relevância do Cristianismo na vida das pessoas e na sociedade em geral. Estava presente onde o Cristianismo estivesse querendo recuperar-se como fermento de animação de uma sociedade nova e onde pessoas de quaisquer procedências estivessem dispostas a lutar pela justiça. Não é por acaso que recebia convites de seminários e faculdades protestantes e, nos últimos anos, reunia periodicamente em sua casa um grupo de pastores protestantes para reflexão e debates. Sua atitude ecumênica tem tudo a ver com o que hoje se chama de "Ecumenismo de Base", ou a partir da vida do povo. Porque tocava justamente nos problemas que a todo mundo interessam, os problemas do dia a dia da vida e que não perguntam primeiro por confissões de fé, mas por soluções de fé (SOARES, 2011)⁸⁵.

Comblin tinha a liberdade como o cerne de todos os seus trabalhos, lutava pela liberdade dos seres humanos, independentemente de sua raça, do seu credo, de sua instituição. E essa liberdade, com perspectiva no servir ao outro, tornava seu ‘trabalho ecumênico’, fundamentado no amor e não em leis, regras, hábitos e necessidades egoístas.

⁸⁴ COMBLIN, José. As sete palavras - chaves do Concílio do Vaticano II *apud* LORCHEIDER, Aloísio. Vaticano II: 40 anos depois. São Paulo: Paulus, 2005

⁸⁵Em: <http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=S&cod=55358> Acessado em: 23/07/2012. Cf. (HOORNAERT, 2012, p. 93-96)

O amor exige que a pessoa não busque seu próprio interesse, mas leve em conta o interesse de outros. Trata-se, não de ceder a uma lei, mas de ceder a outra pessoa, por amor à pessoa, não por amor a uma lei. Pois antes de tudo é preciso buscar o entendimento com o outro, não afastá-lo da comunidade. Antes de mais nada é preciso construir (COMBLIN, 2009, p. 46).

Logo se observa que a proposta de liberdade está vinculada à compaixão, à responsabilidade pelo outro, o que impele o ser humano a ter uma ação junto da comunidade. Pode-se tomar como exemplo a parábola do samaritano, pois o sacerdote e o levita, ambos viviam sob ‘escravidão’ das leis, no entanto, o samaritano, não sendo ‘escravo’ mostrou que era livre: deixou tudo e cuidou do assaltado. Essa é a liberdade proposta: o envolver-se com o outro, servindo-o por amor. Essa é uma vocação que se conquista, implica tempo e dedicação. É trabalho de construção que contribui para o bem do outro. Sem isso não há liberdade plena, mas escravidão. Esta, no conceito de Comblin, diz respeito a toda forma de escravidão: “dependência do poder do rei, do poder das leis, do templo, dos escribas, dos sacerdotes e até do estrangeiro, sem esquecer o poder do dinheiro” (COMBLIN, 1998, p. 45).

Desta forma, não há liberdade a não ser na aceitação e na promoção da liberdade do outro, particularmente do que é mais fraco, mais indefeso. A liberdade começa quando se leva em conta a presença de outro e se assume uma atitude de serviço ao outro. Então, provocam-se uma circulação e um intercâmbio que abre espaço para ações. Sem isso não há espaço e tudo fica condicionado, exatamente como o andamento de uma empresa ou de qualquer instituição lucrativa: o lucro manda no andamento de tudo e não há espaço para uma criação pessoal, para uma verdadeira ação humana. Por isso, não há liberdade a não ser na opção pela libertação dos outros, enquanto pessoas muito concretas e visíveis (COMBLIN, 1988, p. 181).

Outra questão importante é o fato de que a liberdade que torna o indivíduo independente de todos – liberdade proposta pela pós-modernidade – não o satisfaz, pois a liberdade habita na disposição de abrir um diálogo entre iguais com os outros. Logo, uma pessoa não é livre se é inabilitada de se relacionar com os outros, de aceitar os desafios e riscos. Comblin diz:

O destino do ser humano não é o de ficar só. Construir a humanidade é construir uma rede de relações, é fazer com que um ser humano se ligue a outros por laços inumeráveis. A liberdade consiste em criar uma convivência aberta para os outros sempre mais distantes. Liberdade não é escolher entre o sim e o não. É fazer algo novo, fazer com que exista algo humano que ainda não exista. Liberdade é lutar contra as estruturas estabelecidas que oferecem segurança, vencer o medo da novidade, vencer as barreiras entre os seres humanos, vencer a prudência e a timidez, experimentar o ainda não conhecido (COMBLIN, 2004, p. 95).

Logo, o compromisso e a responsabilidade com o Outro é vital para que a liberdade aconteça. Esse Outro se refere ao diferente - o estrangeiro, o pobre, o escravo -, o qual pode tornar-se uma dificuldade na vida do sujeito, pois pode suscitar o exclusivismo, o pensar somente em si, no seu próprio bem-estar, fechando-se ao Outro. Segundo Comblin,

A chegada do Outro é justamente problema e desafio. É justamente o que vai desafiar a liberdade. Quem se fecha ao Outro é por medo, por incapacidade de mudar, falta de imaginação, egoísmo, isto é, medo de ter de se incomodar. O outro desperta o egoísmo. Antes da vinda do Outro não há egoísmo, mas apenas egocentrismo inconsciente [...]. A chegada do outro deve despertar o amor. O amor será a aceitação, abertura, e, portanto, leva a uma reconstrução da vida. Uma vez que se tem de abrir espaço para o Outro, tudo muda. O Outro incomoda necessariamente. Se não incomoda, é porque ainda não foi reconhecido e aceito tal como é (COMBLIN, 1998, p. 244).

Assim sendo, a aceitação do Outro contribuirá para esse “tornar-se alguém, uma pessoa, fazer-se uma personalidade mediante luta, trabalho, atividade”. Segundo Comblin (1998, p.238), essa decisão em ajudar o Outro está vinculada ao amor, o qual representa o serviço ao próximo. Esse serviço diz respeito a criar e organizar condições que dão abertura a caminhos para libertar o sujeito. Nessa perspectiva, Freire se expressou incansavelmente, tal qual Comblin: “Ninguém pode libertar os outros. Porém pode ajudar” (COMBLIN, 1998, p. 245). Nesta expectativa Comblin ainda afirma:

A liberdade consiste em construir a vida, e assim construir a si mesmo e construir a sociedade humana. Liberdade não consiste em ser feito por outros, mas em ser feito por si mesmo. Liberdade não quer dizer poder fazer qualquer coisa, de acordo com a espontaneidade dos desejos, mas é agir para construir (COMBLIN, 2005, p. 20).

Ernesto Cardenal⁸⁶, sacerdote e poeta nicaraguense, escreveu o “*Salmo do Homem que vê a realidade e não se cala*”. Nele, de certa forma, se ilustra, o pensamento de Comblin e dos autores que dialogam com ele sobre o sofrimento do oprimido, o envolver-se com o

⁸⁶ Para aqueles que desejam conhecer um da biografia e do trabalho de Ernesto Cardenal, podem ler o artigo *Casaldáliga se solidariza com Ernesto Cardenal*. Em.: < <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-arquivadas/16453-casaldaliga-se-solidariza-com-ernesto-cardenal-que-e-processado-na-nicaragua> > Acessado em: 20/07/2012.). Cf. Em: < <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/c/cardenal.htm> > Acessado em: 20/07/2012. E também àqueles se interessam pela Arte da Libertação a obra *Teologia e MPB* de Carlos Eduardo Calvani, publicado pela Loyola em 2002. E o livro *Antologia Poética* de Ernesto Cardenal, publicado pela Ed. Salamandra em 1979. É uma sugestão!

outro, as ações injustas de uma sociedade perversa com o indivíduo que a serve, e ainda da alegria e da justiça, bem como da autonomia que o sujeito encontra no transcendente.

SALMO DO HOMEM QUE VÊ A REALIDADE E NÃO SE CALA

Ouve, Senhor, estes versos que te rezo

Ao contemplar a realidade em que vivo.

Maldito seja o sistema que não deixa sonhar os poetas

Nem permite dizer a verdade a quem pensa.

Serão seus dias de luto e de lamento,

Porque matou no Homem o mais digno.

Maldito o sistema que não pratica a justiça

E persegue e tortura e encarcera a quem anuncia.

Terá que justificar sua conduta ante a história

E não encontrará nenhuma palavra de defesa.

Maldito seja o sistema que só procura a aparência de grandeza

Quando estão morrendo de fome os homens nas suas fronteiras;

Do mesmo modo que progrediu cairá,

Porque construiu seus alicerces

Sobre corpos vivos e sangues inocentes.

Maldito o sistema que tenta matar no homem a dimensão de transcendência

E coloca no seu lugar o “deus dinheiro”, o “deus sexo”, e “deus progresso”,

Destruir-se-á por dentro irremissivelmente,

Porque o coração do homem foi bem feito

E ninguém pode matar em nós

Esta sede de infinito que nos queima.

Feliz será, porém,

O homem que bebe água na fonte da praça junto ao povo,

Não terá motivos para se envergonhar de nada,

Nem terá que baixar seus olhos
Ante qualquer homem honesto.

Feliz o homem que a força de interiorizar
Se fez livre por dentro
E não se importa já com a denúncia dos fortes,
Serão seus dias como o trigo da terra.
Cheios de sol e esperança partilhada
E o seguirão os povos da terra.

Feliz o homem que não assiste a reuniões importantes
Nem acredita nos discursos do governo;
Feliz o homem que assim pensa,
Porque terá sempre tranquila a sua consciência.
Mesmo que sofra a incompreensão e até o desprezo.
(Ernesto Cardenal)

O poema adverte contra as injustiças, os deuses do capitalismo, a opressão dos homens, bem como apresenta a felicidade diante da autenticidade, da honestidade, da coragem daqueles são “livres por dentro”, que não têm medo de falar, não têm medo das incompreensões e até do desprezo, pois é um sujeito com liberdade, primeiramente interna e posteriormente externa, gerando a partir desta liberdade o agir na sociedade, o ser autônomo, o integrar o Outro, o servir ao Outro.

3.1.3 Serviço

A partir da perspectiva de que a liberdade é inerente à libertação, o agir é a sua realização. Este envolve o servir ao outro, o desenvolver ações em prol do seu semelhante. Contudo, isso não significa ser escravo do outro, não é meramente fazer o desejo discricionário, arbitrário dele. Mas é auxiliá-lo a ser livre naquela vontade que não nasce de

um anseio egoísta e sim da vocação do ser humano. O termo “serviço”, nessa perspectiva, é o ato de estar a serviço da vocação para a liberdade de outrem, e também de um diálogo constante para que não haja imposição ou domínio de nenhuma das partes, para que um não escravize o outro no exercício do servir.

A liberdade consiste em abrir diálogo com as “outras” pessoas, ainda não incluídas na convivência social. Nessa nova relação de amor há algo próprio, único. O ser humano não age como prisioneiro das estruturas sociais ou culturais, não age somente porque é conveniente agir assim. Cria o novo. [...] O serviço que o amor pratica tende a criar liberdade do outro [...] Servir-se mutuamente é ajudar a ser livre (COMBLIN, 2004, p. 89).

Assim, pode-se entender porque aqueles como Jesus Cristo, que praticavam o exercício da liberdade por meio do serviço a outrem, têm vida pública. Pois “o serviço projeta a pessoa humana na vida pública, ao envolver-se comunitariamente. Esse é o lugar em que a liberdade nasce e se desenvolve” (COMBLIN, 1998, p. 238). E essa liberdade demanda serviço devido ao fato de os “seres humanos serem corporais e repletos de necessidades materiais” (COMBLIN, 2004, p. 89). Isso significa que a liberdade implica em serviço recíproco e não apenas em convívio ou diálogo, pois sem serviço não existe amor genuíno.

Comblin também chama a atenção sobre o processo de libertação para o agir do Espírito Santo, o qual se revela na experiência de ação, liberdade, palavra, comunidade e vida.

O Espírito Santo é a força dada aos que não tem força. Conduz a luta pela emancipação e pela plena realização do povo dos oprimidos. O Espírito age na história e por meio da história. Não se substitui a ela, mas penetra nela por meio dos homens e das mulheres que são os seus portadores (COMBLIN, 1988, 228).

Por meio da ação do Espírito Santo⁸⁷ o ser humano é impelido a servir ao outro por amor, a lutar pela liberdade do outro. Essa forma de pensar que Comblin defendia pode ser considerada relevante para se entender o porquê de, além teólogo e padre, ele ser considerado pedagogo também. Ele tinha na educação, principalmente na educação popular, um meio

⁸⁷ Os atributos do Espírito dizem respeito a movimento - o Espírito é amor, é dom, é vida. Cf. (COMBLIN, 1998)

efetivo de orientar e despertar o Outro, oprimido, à libertação. Sebastião Gameleira Soares⁸⁸ explica porque Comblin é considerado um pedagogo da seguinte forma:

Viveu da tarefa de formular pensamentos e teoria, suas aulas eram "monótonas", isto é, sua voz tinha sempre o mesmo tom, só as seguia quem era capaz de se encantar pelo conteúdo e não dependia tanto de "recursos didáticos", e ao mesmo tempo foi um dos maiores pedagogos que temos conhecido por sua capacidade de inspirar e suscitar iniciativas e comunicar às pessoas a perspectiva de se tornarem autônomas no pensamento e na ação. Foi "pedagogo", isto é, Guia para a descoberta da Verdade.

Todavia, muitas vezes essa liberdade é entendida pela sociedade capitalista como luta de maior espaço na vida privada. Leva muitos indivíduos a compreenderem que são livres somente no momento em que podem dedicar-se às atividades de lazer reservado, como artes, esportes, tempo com a família, e nesta forma de pensar pós-moderna a liberdade que inclui serviço em prol do outrem não encontra espaço.

A ideia de serviço é alheia aos nossos contemporâneos, porque a cultura oficial postula que todos os indivíduos são iguais, todos são auto-suficientes e, por conseguinte, podem e devem resolver seus próprios problemas sem ajuda de ninguém. Essa é a doutrina dominante no mundo ocidental (COMBLIN, 1998, p. 311).

Desse modo, Comblin aborda a dificuldade que o sujeito pós-moderno tem de compreender a ideia de serviço por este olhar de compaixão, de amor a outrem. Tecendo a investigação, por meio de diálogo entre as diversas obras referendadas, observa-se claramente o porquê de Comblin ter-se envolvido e ter trabalhado em prol de várias frentes da Educação Popular, tais como o Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST)⁸⁹, por

⁸⁸SOARES, Sebastião A. Gameleira & CAPPIO, Luiz Flavio. Comblin: pedagogo, profeta e santo. Em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=55358> > Acessado em: 22/07/2012

Quanto à questão de suas aulas serem monótonas e de só seguir quem se encantava pelo conteúdo, Clodovis Boff, ex-aluno do programa de doutorado em Louvain – Bélgica, afirma a informação numa conversa informal na Universidade Católica do Paraná (PUC/PR) no dia 14/06/2012.

⁸⁹ Sugestão de leitura : MORISSAWA, Mitsue. *A História da Luta pela Terra e o MST*. Editora Expressão Popular, 2006, p.256.

Também encontra-se disponível a Videoteca Virtual Gregório Bezerra organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra em parceria com o projeto Armazém Memória tem como proposta disponibilizar filmes e vídeos sobre a questão agrária brasileira, visando qualificar no conjunto da sociedade o

exemplo, causa que Comblin defendeu de forma contínua, por meio de contribuições científicas e de ações junto aos companheiros (COMBLIN *apud* SUSIN, 2001, p.379).

Logo abaixo transcrevemos a sua última mensagem aos companheiros de luta, como ele nominava, enviada em 22 de dezembro de 2010, cerca de três meses antes de sua morte. Ele escreve com certo ‘enredo poético realista’⁹⁰ a sua mensagem, desejando “Boas Lutas para 2011”⁹¹:

ESTIMADOS COMPANHEIROS E COMPANHEIRAS

A humanidade é um longo processo de procura do ser humano,
a caminhada da humanidade em
busca de si mesma.

Não é um processo de continuidade, porque há
o fenômeno das gerações e porque a história é
um combate entre as forças que avançam e as
forças que resistem.

A história é luta.
Cada geração tem obrigação
de fazer a luta, a sua luta.
(Pe. José Comblin, teólogo)

Observa-se a arte em forma de poesia, pois é assim que Comblin buscou transmitir muitas vezes as suas mensagens. O importante ao teólogo era fazer-se entendido. A linguagem também contribui para libertar.

debate sobre a reforma agrária no Brasil. Em: < <http://www.armazemmemoria.com.br/cdroms/videotecas/MST/index.htm>> Acessado em: 31/07/2012.

⁹⁰ Para aqueles que se interessam por este assunto as obras de Pedro Lyra, é uma opção.

⁹¹ COMBLIN, José. Boas Lutas em 2011. Em: < <http://www.mst.org.br/cartao-de-natal-2010-e-ano-novo-do-mst-2011> > Acessado em: 31/07/2012

A linguagem torna possível não só a elevação sobre as injunções que vêm do mundo, onde a linguagem está situada, mas também a liberdade em relação aos nomes que damos às coisas. Com a liberdade do meio ambiente se dá também a capacidade lingüística livre do homem enquanto tal e, com isso, o fundamento para a multiplicidade histórica da linguagem humana em relação ao único mundo: exatamente porque o homem é capaz sempre de se elevar acima de seu meio ambiente sempre contingente e explicitar isso linguisticamente, é dada a ele a liberdade no exercício de sua capacidade de falar. Só o homem, portanto, é capaz de se elevar ao mundo, enquanto animal só tem meio ambiente. Isso não significa para o homem um deixar o meio ambiente, mas ser capaz de ter uma posição diferenciada em relação a ele, ou seja, em comportamento livre, distanciado. Linguagem tem a ver com liberdade também no sentido das diferentes possibilidades de dizer a mesma coisa (OLIVEIRA, 1996, p. 237- 238).

Nesse aspecto, sua bibliografia demonstrou como ele conseguia transitar entre vários ambientes distintos, expressando-se de forma poética, criativa, ou sendo crítico acirrado e expondo seu pensamento à sociedade, às autoridades, não se calando diante das injustiças e batalhando pela liberdade dos seres humanos. Quando questionado, por exemplo, em uma entrevista sobre a reforma agrária como projeto de um desenvolvimento sustentável, Comblin disse que: “a reforma agrária está abandonada. Ela pressupõe uma reforma na sociedade, pois não basta a terra. É preciso reeducar os camponeses, para que possam produzir coisas que tenham mais valor” (COMBLIN, 2007) ⁹².

3.2 Educação Popular: Consciência do Mundo e de si mesmo

A Educação Popular é composta por um extenso ambiente constitutivo que acolhe distintos movimentos sociais populares, dentre os seus diversos conhecimentos comunitários e a partir do olhar de seus protagonistas. A EP se edifica dentro de uma dialética com a sociedade e suas implicações no que diz respeito à libertação do oprimido na perspectiva combliniana. Principalmente com relação aos seus objetivos comuns, como a batalha pela mudança social e a posição do sujeito como ator principal, protagonista desta transformação que acarreta a libertação pessoal, comunitária e por fim, social. Isto se dá por

⁹² Em: < <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/8485-as-oligarquias-controlam-a-democracia-na-america-latina-esta-e-a-questao-central-entrevista-especial-com-jose-comblin> > Acessado em: 02/08/2012

meio da conscientização do mundo e de si mesmo, ao invés de uma educação que cega o sujeito, promovendo a legitimação e perpetuação da classe dominante, das injustiças, da ‘escravidão sem algemas visíveis’. Segundo Comblin,

Hoje reaparecem, na América Latina, métodos de educação que propõem a volta à obediência cega. Trata-se da educação pela destruição da própria vontade por meio da imposição cega da vontade arbitrária de pessoas humanas [...], que atribuem à Deus as suas arbitrariedades (COMBLIN, 1998, p.8).

As experiências com as várias frentes de trabalho que a Educação Popular proporcionou a José Comblin revelaram que a educação contemporânea passa por uma crise de autoridade – esta “não vem por decreto, porque alguém foi ‘nomeado’. Nem a nomeação sem a eleição conferem autoridade a alguém. Ela existe ou não. À semelhança do carisma, alguém tem ou não autoridade” (COMBLIN, 1998, p.10). Assim, esse colapso no que diz respeito à autoridade na educação atual pode contribuir para a demagogia.

Em minha experiência recente junto às comunidades de base, ao clero, aos movimentos, às pastorais, e a formação de líderes[...], deduzo uma constante: quase ninguém quer exercer a autoridade[...], os pobres têm medo de exercer a autoridade. Têm medo do julgamento dos outros. Não querem ser criticados e contestados. Cedem diante de qualquer crítica [...]. A abdicação da autoridade tem como consequência a demagogia (COMBLIN, 1998, p.9).

O teólogo Comblin também chama a atenção no campo da Educação Popular para as reações dos sujeitos diante dos novos conhecimentos, os quais devem proporcionar conscientização e libertação a eles. Porém, muitas vezes observa-se que a distância cultural que há entre os educandos e os educadores fazem com que a EP encontre dificuldades de realizar sua primazia, a libertação do sujeito. E para esta se realizar com plenitude é necessário, sobretudo, trabalhar a ‘partir do outro’, de sua realidade – tal como Freire também propôs.

3.2.1 Educação Popular: Liberdade e Autonomia

O processo de libertação na Educação Popular que busca transformar o sujeito dominado em um sujeito autônomo em seus pensamentos por meio da conscientização, pode estar comprometido. Sobre este assunto Comblin diz:

Diante dos educadores ainda permanecem fechados por timidez ou vergonha, mas entre eles tornam-se mais ousados. Agora intervém a distância cultural. Primeiramente os agentes de pastoral de cultura burguesa (sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos *simili*-sacerdotes ou religiosas) culpam-se pela sua cultura de maior prestígio. Dado o sentimento de culpa, tendem a exagerar as vicissitudes e as capacidades do “povo”. Ficam maravilhados pela simplicidade e pela boa vontade dos alunos. Interpretam a disponibilidade, a aceitação sem reserva dos alunos como sinais de sabedoria popular. Interpretam a timidez e a falta de expressividade como virtude de discrição e humildade. Por isso depositam nos alunos as melhores esperanças. Logo alimentam expectativas irreais, projetam sobre os alunos todas as suas aspirações. Acham que esses alunos farão um dia tudo aquilo que eles próprios não conseguiram fazer [...]. Anunciam a aurora da Igreja do povo [...]. Os educadores pensam as suas expectativas dentro da sua própria cultura. O resultado vem numa cultura diferente, sendo geralmente inferior ao que se esperava (COMBLIN, 1998, p. 11).

Perante esse olhar de Comblin entende-se a relevância do educador em compreender as implicações que o meio cultural tem sobre as respostas que os educandos darão diante do conhecimento⁹³, pois todos trazem uma carga cultural dentro de si que não pode ser ignorada, mas trabalhada. A metodologia de Freire propõe trabalhar essa questão por meio de ‘temas geradores’, metodologia também explicitada por Comblin no desenvolvimento do método ‘Teologia da Enxada’, nominada como ‘inquerito’, como foi visto no capítulo dois. Também nota-se no referido método que Comblin perspicazmente trabalhou a inculturação no processo de aprendizagem, buscando promover uma Educação Popular que contribua para a liberdade e autonomia do sujeito.

Sua grande novidade foi à realização prática de uma formação inculturada de seminaristas, que pudessem ser preparados para atuarem em seu contexto de origem com base de conhecimento sólido desse contexto e das características antropológicas do homem pobre do Nordeste construídos a partir da convivência com o povo. É uma formação de seminaristas que se retro-alimenta na experiência vivida junto da comunidade, ao mesmo tempo em que a forma (SOUZA, 2012, p.16).⁹⁴

⁹³ Sobre este assunto, sou testemunha de que os ‘temas geradores’, o ensinar ‘a partir do outro’, são ferramentas muito eficazes para a transformação do sujeito. No ano de 2009, trabalhei no maior assentamento do Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST) da América Latina, que fica no interior do Paraná. Eu tinha uma carga de conhecimento muito maior daqueles educandos, porém do que me adiantava, se eu não transmitisse o conhecimento a partir da realidade deles? Foi a partir deste momento que comecei a entender que a Educação Popular é uma ‘arte’, pois instiga a criatividade, a sensibilidade, a denúncia, o questionamento, a reflexão. Vive todas estas fases, e legítimo que a EP pode ser considerada uma Arte!

⁹⁴SOUZA, Alzirinha. *Teologia da Enxada: Evangelização inculturada e inculturante*. Ciberteologia Revista de Teologia & Cultura .Edição nº 38 – Ano VIII – Abril/Maio/Junho 2012, p.16 – ISSN: 1809-2888. Em: < <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/index.php/artigos/teologia-da-enxada-evangelizacao-inculturada-e-inculturante/>> acessado em: 22/07/2012

Seguindo a gênese teórica de Comblin e suas implicações sobre o processo de libertação e a Educação Popular, ressalta-se que a liberdade e a autonomia do sujeito – por meio da conscientização do mundo e de si mesmo – pode estar comprometida e correr o risco de servir meramente de reprodutora de conhecimentos, especialmente quando dá maior enfoque à teoria, servindo dessa maneira à classe dominante, quando está para servir a classe dos dominados, ou seja, dos oprimidos por tais⁹⁵.

Por isso Comblin, em seu artigo “*Perplexidade de Quem Educa: A educação cristã forma para a liberdade?*”, defende a ideia de que a educação, como um todo, necessita aplicar mais tempo à atividades práticas, ou seja, à aprendizagem do agir, ao invés de se acomodar com conhecimentos meramente intelectuais⁹⁶. Comblin sugere um ano ou mais de dedicação ao ‘serviço cívico e social’ efetivo e completo, a fim de que ele contribua para humanização e conscientização da sociedade (COMBLIN, 1998, p.12). Essa prática defendida por Comblin é adotada pelo sistema educacional em Cuba⁹⁷, com a ressalva de que o serviço

⁹⁵O filme “Como Água para Chocolate” mostra ao fazer uma análise antropológica, o poder dos valores culturais que se apresentam numa tradição familiar, ou seja, da carga cultural que cada um carrega dentro de si. O conceito de liberdade aparece no filme como uma forma de rompimento com essas tradições familiares, isto é, com os valores culturais estabelecidos. Esta reflexão se deu pela Professora cubana, Diretora do Centro de investigações Psicológicas e Sociológicas de Cuba/Universidade de Havana, Doutora Ana Célia Perera, numa palestra proferida no dia 13/09/2011 para o Grupo de pós-graduação em Ciências da Religião Universidade Metodista de São Paulo. Palestra que estive presente com o objetivo de enriquecer a presente pesquisa, disponibilizando do maior número de informações possíveis aos futuros leitores. Em: <<http://www.yasni.com.br/ext.php?url=http%3A%2F%2Fwww.metodista.br%2Fposreligiao%2Fnoticias%2Frepal-convida-para-palestra-sobre-religiao-em-cuba&name=Celia+Perera&cat=other&showads=1>> Acessado em: 24/07/2012.

Para aqueles que desejam assistir ao filme a referência do mesmo é: ARAU, Afonso. *Como Água Para Chocolate*. Direção: Alfonso Arau. México, filme, idioma espanhol, drama, 113min.

⁹⁶Para pensar sobre a parte prática do agir dentro do contexto de libertação - o filme “A Pousada da sexta Felicidade”, relata a história verídica Gladys Aylward, mulher que dedicou a sua vida a fazer o bem pelos outros. Trabalhava como empregada doméstica na Inglaterra, quando viajou para a China. Basicamente desenvolveu todo seu trabalho pelo seu conhecimento prático, e sobretudo no amor em ‘Servir ao Outro’. História que nos faz refletir sobre pensamento de Comblin, quando é crítico feroz da educação pós-moderna, onde a intelectualidade é muito valorizada, e voltada para a vida econômica, essencialmente, no entanto a prática deixa a desejar. MARK, Robson. *A Morada da Sexta Felicidade* (The Inn Of The Sixth Happiness). Direção de Mark Robson. E.U.A., 20th Century Fox, 1958, drama, 158 min. Esse filme foi adaptado do Best Seller “The Small Woman”, de Alan Burgess, 1957. Traduzido para o português e publicado pela editora Vida no ano de 1970 sob o título “Apenas Uma Pequena Mulher”.

⁹⁷ Informações adquiridas dentro do contexto educacional cubano, onde fui trabalhar como Educadora Popular, no ano de 2008, na área de sociologia e religião. Tendo assim a oportunidade de entrar em contato com o sistema educacional do referido país, e com as opiniões das pessoas sobre este método de ‘serviço social’ que o aparelho educacional aplica obrigatoriamente a todo cidadão cubano, sob condição de multa, caso não cumpra um ano de ‘serviço social’ ao Estado. Vi o projeto como positivo para a formação dos cidadãos!

social dentro da estrutura educacional deste país tem muitas outras implicações sociopolíticoeconômicas, embora tenha também sua semelhança com a proposta de Comblin, no sentido de humanizar e conscientizar a sociedade e os sujeitos que a constituem.⁹⁸

3.3 Educação Popular e Universidade

A partir do pressuposto de que a EP procura contribuir para a transformação do sujeito dominado em um sujeito livre, autônomo, consciente de si e da sociedade em que vive suas decorrências, buscar-se-á compreender como se dá o diálogo entre a ‘Educação Universitária e a Educação Popular’. Para Leonardo Boff, o conhecimento universitário e o popular ainda trilham caminhos paralelos, cooperando para legitimação dominante: “não houve ainda um encontro denso entre a universidade e a sociedade, fazendo uma aliança entre a inteligência acadêmica e a miséria popular. São mundos que caminham paralelos” (BOFF, 2011).⁹⁹

À luz do pensamento de Comblin, esse panorama se dá devido à iniquidade dos dominadores sobre os dominados, dos ricos sobre os pobres, dos que têm conhecimento sobre os que não o têm. A iniquidade é vista como ‘normal’.

O pecado deixou de existir na cultura ocidental atual. Os países privilegiados não percebem a culpa que têm na opressão das massas do Terceiro Mundo. Nos países do Terceiro Mundo, o projeto das elites dominantes é a imitação dos países ricos – que escravizam o resto do mundo e as suas próprias massas. O que elas querem é impor a todos a mesma dominação sofrida pelas massas do mundo atual. Querem colaborar com a dominação. As elites acham-se justas porque querem dar aos povos a situação que já é deles, transformando-a em libertação. A libertação consiste em impor a todos o modelo de opressão que há no mundo atual (COMBLIN, 2005, p. 36).

Entende-se que esse contexto se dá na sociedade contemporânea devido à universidade ser fruto da sociedade mercadológica, tecnicista, narcisista e que tem na

⁹⁸ No Portal de Educação de Cuba, encontram-se as definições e justificativas da importância dos serviços cívicos e sociais. Em: http://www.cubaeduca.cu/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=93> Acessado em: 03/08/2012.

⁹⁹BOFF, Leonardo. Um Desafio a Inteligencia Acadêmica: Adital – Agencia de Informação Frei Tito para América Latina, 08 de abr. 2011. Disponível em: < http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=N&cod=55364> acessado em: 26/07/2012.

educação uma de suas principais ferramentas de legitimação de domínio econômico. Assim, é na educação que encontramos os reflexos mais visíveis da economia, política e religião¹⁰⁰.

Nessa perspectiva, Leonardo Boff ainda afirma: “a inteligência acadêmica possui uma dívida social enorme para com os pobres e marginalizados. Em grande parte, as universidades representam macroaparelhos de reprodução da sociedade discricionária e fábricas formadoras de quadros para o funcionamento do sistema imperante (Boff, 2011)”¹⁰¹. As universidades brasileiras, especialmente, têm uma cultura de “trabalho coletivo construído”¹⁰² muito tênue na sociedade. Assim, as atividades científicas, muitas vezes, ficam reduzidas ao círculo acadêmico, contribuindo para a distância entre o mundo acadêmico e o popular.

Nesse aspecto, Comblin é uma interrogação para alguns – pois vivia paralelamente com indivíduos pobres da área rural e urbana, e com os universitários, pesquisadores, cientistas e professores de vários países. Produziu desde textos acadêmicos até poemas, paródias e metáforas que viabilizassem a aprendizagem daqueles que não tinham conhecimento para compreender um determinado tema na linguagem acadêmica. É um exemplo a ser seguido por outros que compreenderam a forma pedagógica do teólogo, que propiciava a ponte entre Educação Popular e acadêmica com muita eficácia.

Ele é um dos melhores representantes [...], opera a troca de saberes, vale dizer, toma a sério o saber popular, “de experiências feitas”, banhada de suor e sangue mas rica em sabedoria e articula-o com o saber acadêmico, crítico e comprometido com as transformações sociais. Essa troca enriquece a uns e a outros. O intelectual repassa ao povo um saber que o ajuda avançar e o povo obriga o intelectual a

¹⁰⁰ O filme “Quanto Vale ou é por Quilo?”¹⁰⁰, do cineasta paranaense, Sergio Bianchi, ilustra essa sociedade mercadológica e as implicações que a envolvem de maneira, apresentando uma reflexão crítica, sobre o direito do sujeito, bem como o seu valor dentro do sistema capitalista. Patrick Leblanc e Luís Alberto Pereira. Quanto Vale ou é por Quilo? Direção de Sergio Bianchi. Brasil, 2005, drama, 104 min.

¹⁰¹BOFF, Leonardo. Um Desafio a Inteligencia Acadêmica: Adital – Agencia de Informação Frei Tito para América Latina, 08 de abr. 2011. Disponível em: < http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=N&cod=55364> acessado em: 26/07/2012.

¹⁰²Aula ministrada pelo Professor Dr. Elydio dos Santos Neto, no curso Docência do Ensino Superior – programa de pós-graduação em Ciências da Religião, no dia 01/03/2011. O documentário “Um Grão de Areia” relata questões de democracia na educação, influência da economia e da política na mesma, da privação do sujeito ter autonomia e liberdade para pensar e agir. Freidberg, Jill. Granito de Arena. Direção de Jill Freidberg, México, 2005, documentário, 61 min.

pensar os problemas candentes e se enraizar no processo histórico (BOFF, 2011).¹⁰³

Na “Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI”¹⁰⁴ existe uma forma de fazer universidade na qual há espaço para a diversidade cultural, para a comunidade, para a formação do sujeito autônomo, crítico, ético e responsável pelo Outro. Em especial nesta investigação, o artigo segundo¹⁰⁵ e o nono¹⁰⁶ são relevantes, pois se observa a proposta do ‘Direito a Educação’ e como ele deve desenvolver-se.

Essa configuração de universidade e de conhecimentos científicos promoveria a libertação e a autonomia do sujeito, contudo, essa não se realiza de forma concreta, pois segundo Comblin (2008, p.7), “a educação moderna e pós-moderna é puramente orientada para a vida econômica”. Sendo assim, não distingue entre a diferença e a desigualdade, ou seja, a diferença é natural, nos faz único, nos legitima como livres, mas a desigualdade é fruto da injustiça, da ganância, do egoísmo capitalista, o qual promove uma liberdade individualista¹⁰⁷.

E Comblin também ressalta o fato de o posicionamento da Igreja quanto ao cientificismo imbuído de valores alicerçados para uma economia que oprime o sujeito, e que a partir da Revolução Francesa excluiu o Cristianismo ou qualquer outro credo de suas

¹⁰³BOFF, Leonardo. Um Desafio a Inteligencia Acadêmica: Adital – Agencia de Informação Frei Tito para América Latina, 08 de abr. 2011. Disponível em: < http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=N&cod=55364> acessado em: 27/07/2012.

¹⁰⁴ Direitos Humanos: Direito a Educação - Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação, 1998. Em: < <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educa%C3%A7%C3%A3o/declaracao-mundial-sobre-educacao-superior-no-seculo-xxi-visao-e-acao.html> > Acessado em: 04/08/2012

¹⁰⁵ Artigo segundo Completo. Em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educa%C3%A7%C3%A3o/declaracao-mundial-sobre-educacao-superior-no-seculo-xxi-visao-e-acao.html> > Acessado em: 30/07/2012

¹⁰⁶ Artigo nono completo. Em: < <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educa%C3%A7%C3%A3o/declaracao-mundial-sobre-educacao-superior-no-seculo-xxi-visao-e-acao.html> > Acessado em: 30/07/2012

¹⁰⁷Sugestão para entender com profundidade as questões políticas e a educação, é o documentário “A revolução dos Pingüins” direção de Jaime Díaz Lavanchy, 2007, 85min.

bases científicas. Assim, diz Comblin: “A base da modernidade foi o movimento científico: dele depende tudo. Ora, o movimento científico não encontrou resistência importante na Igreja até o século XIX como o darwinismo” (COMBLIN, 1986, p. 247).

A educação, especialmente a universitária, está cada vez mais imersa no cientificismo técnico, voltada ao mercado econômico.

O discurso moderno tem três temas principais: a razão, a felicidade e a liberdade. Na modernidade tudo gira ao redor desses três temas. Pode-se dizer: os três são bíblicos e cristãos. Pois é, contudo, os três foram e são apresentados como tipicamente modernos, alheios à tradição cristã, até oposto a ela. Nesse mal entendido está todo o drama da modernidade face ao cristianismo [...]. O discurso moderno da razão propõe às ciências um fim total, a renovação da condição humana total. O que lhes é proposto como fim, é de certo modo a própria salvação da condição humana (COMBLIN, 1986, p. 205-207).

Desta forma, observa-se à luz do pensamento combliniano que a universidade tecnicista contribui para a desumanização e desajuste social e emocional do sujeito quando coloca a ciência como o ‘fim de tudo’, a solução de tudo, não dando espaço, por exemplo, para educação comunitária humanizadora. Esta, segundo Jair Militão, é entendida como,

Um instrumento de preparação da população para formas de organização e luta que visam à libertação de regimes desumanos, arbitrários, antipopulares e opressivos. Em países colonizados, nos quais os movimentos de libertação buscaram a descolonização cultural, a Educação Comunitária tornou-se importantíssima [...]. É considerada uma necessidade inerente ao ser humano; em todos os momentos e fases de sua vida; daí entender-se essa educação como um processo permanente que deve estar na vida de cada pessoa (MILITÃO, 2003, p. 28 -31).

Paulo Freire também diz que o ser humano vive na sociedade contemporânea em constante luta por sua humanização, complementando dessa forma o pensamento de Militão ao afirmar que a educação comunitária é inerente ao indivíduo.

Enquanto animal é essencialmente um ser de acomodação e do ajustamento, o homem o é da integração. A sua grande luta vem sendo, através dos tempos, a de superar os fatores que o fazem acomodado ou ajustado. É a luta por sua humanização, ameaçada constantemente pela opressão que o esmaga, quase sempre sendo feita – e isso é o mais doloroso – em nome de sua própria libertação [...]. A desumanização, que não se verifica, apenas, nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, no que a roubam, é a distorção da vocação do ser (FREIRE, 1979, p. 29-30).

Diante desse contexto, nota-se que a universidade, ao invés de contribuir para o desenvolvimento de um sujeito livre e que possa atuar na comunidade, compartilhar seus conhecimentos, desenvolver sua criatividade, sua vocação, muitas vezes tem colaborado para a alienação do sujeito.

Assim, o trabalho da Educação Popular junto à universidade é uma questão também sóciopolítico-econômica. Comblin desenvolveu um belo trabalho junto à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), buscando, especialmente, desenvolver a integração constante entre conhecimento científico e conhecimento popular por meio do Núcleo de Cidadania de Direitos Humanos UFPB. Comblin trabalhou intensamente com as questões de Direitos Humanos (DH) em prol dos desfavorecidos, e estabeleceu uma crítica à Igreja Católica quanto a esse assunto,

A Igreja Católica permaneceu quase alérgica ao tema dos direitos humanos durante quase dois séculos. Dois foram os motivos: primeiro a Revolução Francesa publicou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão que se dirigia não somente contra o absolutismo dos reis, mas também contra os direitos de tutela que a Igreja reivindicava na sociedade, e aos quais ela somente renunciou publicamente no Concílio Vaticano II (COMBLIN, 1985, p. 63).

Além disso, Comblin se embrenhava em diversas situações de ordem política, econômica, social, eclesial, entre outras, que se apresentavam contrárias aos mais fracos. Por exemplo, algumas de suas lutas por questões a respeito da reforma agrária, do meio ambiente, do preconceito racial, da corrupção política e da “anistia”¹⁰⁸ daqueles que foram lesados pela ditadura militar, entre os quais encontrava-se ele próprio.

¹⁰⁸ Comblin solicitou ao Estado sua anistia no dia 26 de novembro de 2010, sob o valor de R\$ 336.577,50, referentes a reparos econômicos causados pelas injustiças da Ditadura Militar, encorajando assim a todos que se encontraram em situações semelhantes a lutarem pela equidade. Assim a relatora descreve seu pedido “Anistia. Perseguição e banimento. Compelido ao afastamento das atividades de sacerdote e professor. Rompimento de vínculo laboral. Motivação exclusivamente política demonstrada. Declaração da condição de anistiado político e reparação econômica de caráter indenizatório em prestação mensal, permanente e continuada.”(anexo H).Lembre-se que somente em 2010, Comblin teve retirado de seus documentos a condição de deportado em 1972.

Essas frentes de trabalho eram desenvolvidas entre o meio universitário e o popular, buscando incessantemente libertar o Outro. Lembremos que Comblin era um defensor dos Direitos Humanos, mas especialmente dos indivíduos oprimidos, e usava desses direitos para lutar pelo processo de libertação dos seres humanos. Como exemplo, temos a grande expressividade que alcançou as suas atividades junto ao núcleo de Direitos Humanos da UFPB. Comblin diz:

Os direitos humanos são a bandeira mais representativa do modelo de sociedade ocidental contra o modelo comunista [...]. Na América Latina, a ideologia liberal, conquistou a sociedade e o Estado no decorrer da segunda metade do século XIX e deixou a lembrança de grandes frustrações. Pois a proclamação dos direitos formais não impediu que se mantivesse e se reforçasse a sociedade tradicional de desigualdade em que os direitos são reservados de fato a uma pequena minoria. As maiorias nem sequer chegam a inteirar-se dos seus supostos “direitos humanos”. Daí a denúncia do formalismo dos direitos humanos que foi muito comum nos movimentos transformadores [...]. Descobriram certo conteúdo nos direitos humanos e começaram a defendê-los não por pura tática, mas como elemento constitutivo da nova sociedade que queriam (COMBLIN, 1985, p. 64-65)¹⁰⁹.

Na perspectiva de utilizar os direitos humanos para a singular finalidade de contribuir para o processo de libertação do sujeito, ao invés de transformá-los em regras de conduta, direitos legitimados e chancelados como universais, de origem europeia para todos os continentes, Enrique Dussel chama a atenção sobre a origem dos direitos humanos, a qual se deu desde o antigo Egito. Diz ele:

No Antigo Egito, 5.000 anos atrás, no Livro dos Mortos já é possível encontrar o deus Osíris julgando os atos da humanidade. Como ele os julga? Bom é aquele que “dá pão ao faminto, dá de beber ao sedento, roupa ao desnudo e barca (ou abrigo) ao peregrino”. Trinta séculos depois, diz Dussel, o criador do Cristianismo toma como critério de conduta o cuidado com essas quatro necessidades da corporalidade humana. Também o rei Hamurabi, da Babilônia, 3.700 anos antes de nós, legislou sobre a necessidade de se fazer justiça à “viúva, ao órfão e ao pobre”, numa concepção de direito que vai muito além do Direito Romano. Sua lei prevê direitos não apenas para aqueles que estão no sistema, mas também para os que estão fora dele.¹¹⁰

¹⁰⁹ Cf. Os direitos da pessoa reconhecidos pela Igreja seguiram o padrão da Declaração dos Direitos Humanos proclamados pelas Organizações das Nações Unidas (ONU) em 1948. COMBLIN, José. *Antropologia Cristã: Série III: A libertação na história*. Petrópolis: Vozes, 1985. pp.63.

¹¹⁰ I Seminário Internacional de Educação em Direitos Humanos – Tema: Educação e Religião na América Latina: Memória, Justiça, Libertação, realizado na UMESP entre os dias 16 a 19 de agosto de 2010. Em: < <http://www.metodista.br/fateo/noticias/a-politica-e-os-novos-direitos-humanos-a-primeira-conferencia-do-professor-enrique-dussel-na-universidade-metodista/>> Acessado em: 02/08/2012. Na mesma conferência Enrique Dussel ressalta que até o século XVI, a Europa era a periferia do mundo. Citou como exemplo a Coreia, que tem aproximadamente 4800 anos de história, mas nós só “conhecemos a história da Europa”, mas

Assim, compreende-se de maneira mais profícua o modo como Comblin trabalhava com os Direitos Humanos, bem como a relevância da Educação Popular e a Universidade, pois é um meio de ela fazer ciência com mais equidade e servir ao povo por meio desta, ao invés de servir aos dominadores – capital estrangeiro, multinacionais, interesses políticos, entre outros.

3.3.1 Educação Popular e Arte

Há, entretanto, uma observação relevante a se fazer, a de que a Educação Popular vai além da conscientização racional; é uma arte que requer sensibilidade, que ultrapassa a razão, que busca desenvolver o altruísmo, a solidariedade espontânea de amor e de responsabilidade ao próximo. Por isso Comblin desenvolvia a ‘Arte da EP’ junto aos sertanejos da região nordeste do Brasil, por exemplo, que necessitavam de uma linguagem própria, de metáforas associadas ao seu cotidiano, às suas dinâmicas de vida, a fim de que a aprendizagem tivesse o resultado objetivado – a libertação sóciopolítico-econômica e religiosa.

Apesar de a Educação Popular ter alicerces teóricos e metodológicos bem fundamentados, ela é dinâmica, versátil e requer sensibilidade para perceber a necessidade de cada público, proporcionando novidades constantes. Para Juan Luís Segundo “a ‘novidade’ surge sempre de uma combinação de acaso e necessidade. Por definição, o acaso sozinho é incapaz de novidade” (1995, p.398). E, para Comblin, a novidade consiste na amizade humana, em criar algo novo, não necessariamente material, mas também social. Dando liberdade para o sujeito criar, produzir algo inédito, criado a partir do material que Deus põe à sua disposição.

pouco se sabe sobre a África, por exemplo, no entanto nesta havia civilizações antes de existir a Europa. (Estas anotações são transcrições que fiz de suas conferências durante o I Seminário Internacional em Direitos Humanos entre os dias 16 a 19/08/2010). Cf. DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. *En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2005. pp.55-70.

Na obra *A Esperança dos pobres vive* (COMBLIN, 2002, p.213-214), encontra-se um poema escrito por Agostinha Vieira de Mello¹¹¹ que expressa seu pensamento como imergido por suas emoções e criatividade através do poema. Pode-se denotar o viés de seu pensamento sobre o processo de libertação do Outro, do diferente, neste caso – “mulher”. Além disso, o poema traz muitas características do jeito peculiar de ser, próprio do Comblin e de como ele era visto pelos seus companheiros de trabalho.

APRESSADOR DE URGÊNCIA

Olheiro e aprendiz dos sinais dos tempos
 E das lutas mais queridas.
 Amante e servidos da dama liberdade,
 farejador e acolhedor do sopro do Espírito
 Crente do pobre-povo-de-Deus...

No trânsito da história
 nos antigos e novos rumos das ideias
 ele percebe mais, bem mais
 do que apenas sinais
 vermelhos, amarelos e verdes...
 Não se atém nem se retém
 aos postos institucionais
 Não empaca nos míopes avisos: Errado! Certo!
 de cúrias e incúrias.
 Vai seguindo
 indo e vindo
 com sua enxada teológica
 revolvendo teologias

¹¹¹ Agostinha Vieira de Melo, religiosa beneditina, uma das fundadoras do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), experiência com lideranças populares e comunidades eclesiais de base. Vive no meio popular em João Pessoa, há mais de 25 anos. Atuou como professora de Bíblia no CFM – Centro de Formação Missionária-, em Serra Redonda, nos anos 80 junto a Comblin. Disponível em <<http://www.cebi.org.br/institucional-historia.php>> acessado 03/08/2012.

cavando e desencavando eclesiologias
no campo, na cidade
com uma simplicidade já euro-nordestina
nas entranhas do Evangelho
Minha gratidão nordestina
cria audácias na imaginação...
Adivinho-o
crítico e amoroso,
sério e de fino humor;
de ouvido afiado
ao que é mais abafado
na dignidade dos pobres.
Movido pelo amor,
apressando as horas daquela urgência
que não permite esperar!

(Agostinha Vieira de Melo)

Dessa forma, pode-se dizer que a arte da Educação Popular está além do entendimento puramente racional, pois envolve a emoção. Segundo Hugo Assmann, quando se trabalha enfaticamente com o racional corre-se o risco de “um verdadeiro *apartheid* neuronal em relação ao potencial cognitivo dos aprendentes” (ASSMANN, 1998, p. 19).

Ainda considerando o agir racional e o além deste, que envolve sensibilidade, emoção, criatividade e afetividade no desenvolvimento das atividades na EP, Humberto Maturana comenta que:

Ao nos declararmos seres racionais, vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional. As emoções não são o que correntemente chamamos de sentimento. Do ponto de vista biológico, o que conotamos quando

falamos de emoções são predisposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação (MATURANA, 1998, p.15).

3.4 Educação Popular e o Centro de Formação Missionário

Desde o seu regresso do exílio no ano de 1980, José Comblin buscou focar grande parte de seu trabalho na formação de indivíduos que desejavam uma formação ‘acadêmica’ a partir de interações concretas com o povo, ou seja, desejavam um aprendizado com reflexões teóricas partindo do conhecimento da prática popular. É importante lembrar que a EP pode ser entendida como uma composição de um extenso ambiente que forma e acolhe os mais diferentes conhecimentos comunitários. Para tal, aplicava-se o método que ficou conhecido como a Teologia Enxada. Os indivíduos que desejavam tal concepção de educação eram titulados de “missionários leigos”. Comblin acreditou até o final de sua vida que o trabalho dos leigos era o futuro da Igreja.

Podemos multiplicar em todas as regiões grupos de leigos engajados. Esta é a nossa tarefa. Eu digo: Os leigos são pessoas perfeitamente humanizadas, desenvolvidas. Têm êxito em sua família, em suas carreiras e seus trabalhos profissionais. Porque esperar o bispo ou o pároco? Porque não atuar, formar uma associação, um grupo, em forma independente? O próprio Direito Canônico permite a formação de associações independentes do bispo, do pároco. Pode-se muito bem juntar quatro ou cinco pessoas para organizar um sistema de comunicação, de espiritualidade, de organização de presença na vida pública, na vida política, na vida social. Porque tanta timidez? Os leigos são tão capacitados no mundo, e na Igreja está faltando algo? Nada! Como é possível ser adultos na vida civil e crianças na vida religiosa?!¹¹²

Além disso, Comblin ressalta que quanto à posição da Igreja Católica no que diz respeito à formação dos leigos isto é algo tradicional e clerical.

¹¹²Pronunciamento, proferido em San Salvador, no dia 14 de março de 2010, na Universidade Centro-Americana em San Salvador. *Em:* < <http://www.adital.org.br/site/noticia> > Acessado em: 05/08/2012

A formação de leigos é muito mais importante atualmente, o problema é que esses leigos não recebem o status social, o que complica muito a vida. A formação tradicional, sacerdotal, eu abandonei isso já faz mais de 30 anos. É tão rígido o sistema e Roma está insistindo tanto em fazer controle de tudo que não pode funcionar. Acontece que, quando os leigos começam a abrir a cabeça, abrir os olhos, aprender a falar, eles entram em conflito com os sacerdotes, isso é muito freqüente. O sacerdote não gosta muito de leigos formados, porque não são tão obedientes (COMBLIN *apud* PEREIRA, 2011, p.62).

Diante desse contexto, quando Comblin voltou do exílio ele fundou o primeiro Centro de Formação Missionário (CFM), em Serra Redonda - Paraíba, no ano de 1981. Segundo depoimento dos assessores do CFM, as dificuldades no início do trabalho eram enormes, porém a alegria fazia parte constantemente do cotidiano dos alunos.

No início a vida era mais austera, faltava água e era abastecido por caminhões pipa. Os alunos faziam trabalhos em mutirões, como a limpeza de mato no terreno, a pintura do centro e consertos. Os passeios, as saídas e viagens de alunos de algumas dioceses eram feitas em pau-de-arara. Não havia ventiladores, chuveiros elétricos, TV. E muito menos, computadores, aparelhos de vídeo, CDs, DVDs, telefones celulares [...]. Mas a alegria era imensa, a solidariedade sempre presente.
113

Os CFMs são análogos a EP quanto à constituição da libertação, porém a metodologia de atuação varia segundo os pressupostos antropológicos, sociais, históricos, econômicos e políticos que orientam ambas. Os Centros de Formação Missionários tiveram a sua motivação fomentada predominantemente pela fé pessoal, que segundo Comblin,

Cria a liberdade da pessoa e a liberdade dos laços e da escravidão do pecado, tornando-a apta a dedicar tempo, energia e personalidade ao serviço do reino de Deus. A fé é a fonte permanente de força [...] A ciência e a inteligência por si só nunca conseguem mostrar e convencer de que a vida vale a pena ser vivida. E mais: para qualquer empreendimento, para fundar uma família, para criar uma empresa, para iniciar uma obra, precisa-se de fé [...] ninguém pode trabalhar se não tem fé na sociedade em que vive, pelo menos um mínimo de fé. Sem fé não se pode viver (COMBLIN, 1983, p. 80-81).

Assim, entende-se que os CFMs e a EP podem ter discursos singulares, entretanto, se identificam em prol da libertação do sujeito. Por exemplo, a EP aborda o sujeito coletivo, mais comumente por ‘classe popular’, enquanto para os CFMs o mesmo é habitualmente nominado de ‘povo’.

¹¹³ Em.: < <http://www.escolasmissionarias.org/p/historia.html> > Acessado em 05/08/2012

Dessa forma, a Educação Popular e os Centros de Formação Missionários se identificam no campo pedagógico e social, em especial, quanto ao processo de libertação do sujeito que envolve a luta por mudanças sociais, que tem o sujeito como seu ator principal e que busca construir o conhecimento a partir do seu espaço e de sua realidade cultural. Aqui se pode fazer uma analogia com a história de Jesus de Nazaré, que em sua natureza humana nasceu em Belém e foi criado em Nazaré, onde aprendeu desde a infância a sua própria cultura. Essa era a ideia de Comblin, de que o povo se conscientizasse e se libertasse a partir de um conhecimento que lhes fosse familiar, que fizesse parte do seu cotidiano.

Os CFMs foram e são entusiasmados com os valores ecumênicos, ampliando-se para uma fértil pluralização de experiências, onde se tem espaço para missionários leigos de ambos os sexos, casados ou solteiros, peregrinantes ou não.



Foto: Primeira turma formada no CFM de Serra Redonda/PB

Os Centros de Formação de Missionários seguiram crescendo, e então no ano de 1989 nasceu o segundo CFM, na cidade de Juazeiro-BA; em 1991 surgiu o terceiro CFM, primeiramente instalado na cidade Guarabira-PB, mas depois mudando-se para Santa Fé-PB, na casa de Caridade do padre Ibiapina; após dez anos esse Centro mudou-se novamente para Mogeiro –PB. No ano de 1996, fundou-se o quarto CFM, na cidade de Miracema do Tocantins. E em 2004, o quinto CFM foi constituído na cidade de Jatobá-PE; em 2006, o sétimo CFM foi construído na cidade de Esperantina-PI, e no de 2011, junto de José Comblin e a missionária Mônica Muggler, o oitavo CFM foi fundado na cidade de Barra-BA.

Na grade de disciplinas constam temas como, por exemplo, comunicação, planejamento, análise da situação social e política do Nordeste do Brasil, entre outros. O curso¹¹⁴ tem duração de quatro anos - dividido em duas partes. A primeira parte é ministrada durante um mês intensivo, tendo aulas em média de sete a nove horas por dia. A segunda parte se dá por meio do estudo na residência dos moradores da região, aplicando a metodologia desenvolvida por Comblin – esta visa preparar sujeitos conscientes e autônomos, que exercitem em sua plenitude a libertação de si próprios e do mundo, e que batalham pela liberdade do Outro, do diferente, do oprimido. Sob o método pedagógico que Comblin desenvolvia, Libanio afirma:

Usando a clássica distinção, embora simplificada, entre linha funcionalista e linha dialética no campo da análise da realidade, salta à vista que Comblin optou pela leitura dialética. De modo bem simples, ele, ao olhar para a realidade social e eclesial, ia fundo para perceber-lhe as contradições, os conflitos, as negatividades. Em seguida, apontava-os com dedo crítico. Não parava aí. Anunciava caminho alternativo (LIBANIO, 2011)¹¹⁵.

José Comblin também contribuiu para o desenvolvimento de uma literatura de cunho popular para os CFMs e que tinha o objetivo de auxiliar na formação dos discentes junto à leitura de outras obras e de suas respectivas práticas. Essa bibliografia diz respeito à coleção popular, “*A novidade de Jesus*”, “*Curso básico para animadores de comunidades de base*”,

¹¹⁴ Em.: < <http://www.escolasmissionarias.org/p/historia.html> >

¹¹⁵ Em.: < <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/41980-a-liberdade-crista-um-dos-nucleos-da-teologia-de-jose-comblin-entrevista-especial-com-joao-batista-libanio> > Acessado em: 08.08.2012.

“*Coleção Curso de formação cristã*” e o “*Curso popular de história da Igreja*” (anexo B-11).

Desde o início da investigação tem-se buscado fazer um paralelo de sua biobibliografia à sua práxis de trabalhos. Sob esse foco, Comblin escreveu e publicou dez artigos¹¹⁶ tratando de questões indígenas, ética, políticas, sociais e ambientais (anexo A-13). Também publicou o livro com o título “*A profecia na Igreja*”, ambos no ano de 2008 (anexo B-12).

Entre os anos de 2009 e 2010, foi publicada uma Coleção nominada *Espiritualidade*¹¹⁷. Esta é composta de oito obras de Comblin que haviam sido publicados anteriormente (anexo B-13). No ano de 2011 foi publicada a Coleção Biografia, em que duas obras de Comblin fazem parte da sua composição, *Padre Cícero de Juazeiro* e *Padre Ibiapina*, as quais já haviam sido antes publicadas também, porém não como coleção (anexo B-14).

Denota-se que além da fundação dos CFMs, Comblin seguiu envolvido com diversas atividades que tinham a libertação do sujeito como primazia, tais como publicação de literatura, participação em movimentos sociais, além da docência que exerceu continuamente no Brasil e no exterior na área urbana e ‘rural’. Tudo essas obras foram escritas no local onde morava, distante dos grandes centros do país, longe das grandes bibliotecas e das tecnologias pós-modernas. Segundo o seu comentário ao ser questionado sobre esse fato:

Eu poderia ensinar num seminário tradicional, mas não vejo muita saída por aí, porque lá só se repetem coisas já sabidas, e não adianta dedicar meus últimos anos de vida para repetir as coisas de sempre. Aqui pelo menos gozo de liberdade para criar o novo, coisas que podem ser de pouca importância a curto prazo, mas que poderão trazer elementos novos para tempos novos. No mundo rural, tem-se mais liberdade de buscar e experimentar como será o futuro. Se fosse na cidade, os vigários se sentiriam feridos nos seus direitos, pois alguém viria mexer no feudo deles. Porque o sistema clerical da Igreja Católica é um sistema medieval, que persevera pela rotina de um atavismo, mas não tem futuro. Forma uma classe que dispõe de todos os poderes, uma classe privilegiada, um verdadeiro sistema feudal.

¹¹⁶ Anexo A - 13

¹¹⁷ Anexo B - 13

Isso não pode ter futuro. Onde compensar isso? Onde gerar o futuro? Só num lugar onde este sistema feudo-clerical é tão fraco ou quase inexistente!¹¹⁸

Nessas palavras é possível caracterizar um pouco da sua forma de viver, prezando pela liberdade e criatividade para inovar e construir experiências singulares, sem deixar a crítica de lado, muitas vezes até ‘ácida’, como se pode notar na citação acima. Suas palavras – fossem escritas ou faladas - cortavam como um diamante; por isso para alguns ele era tido como pessimista, porém, para outros, como farol que iluminava a mente diante da nebulosidade. Frei Luiz Carlos Susin¹¹⁹, em entrevista, diz que José Comblin assemelhava-se a “uma metralhadora giratória, não era aleatória ou gratuita e sem fundamentos, nem provinha de críticas que superassem a esperança e a paciência. Provinha de uma visão de grande alcance e de uma liberdade sem ideologias”.

No ano de 2009 Comblin decidiu mudar do Estado da Paraíba para a Bahia - demonstrando mais uma vez que desejava estar onde a história estivesse acontecendo. A mudança ocorreu a convite de Dom Luiz Flávio Cappio¹²⁰, que lutava contra o projeto de transposição de águas do rio São Francisco. Comblin passou a viver na cidade de Barra, interior da Bahia, para acompanhar e auxiliar nessa luta em prol da libertação do outro. Nesse ambiente, inquieto e persistente, constituiu mais um Centro de Formação Missionário no ano de 2011, espaço onde poderia ensinar e instigar cada indivíduo para sua vocação: a liberdade, que implica a responsabilidade com o outro. Ressaltando-se que os CFMs são escolas que estão abertas para receber alunos de todas as comunidades de fé cristã.¹²¹

¹¹⁸ Entrevista dada por José Comblin a Agência Boa Imprensa (ABIM) janeiro de 1993. Em.: < <http://www.catolicismo.com.br/materia/materia.cfm/idmat/B0F9D145-3048-313C-2ED4ED41E74C3C35/mes/Janeiro1993> > Acessado em: 06/08/2012

¹¹⁹ SUSIN, Luiz Carlos. O método do mestre José Comblin. < http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3745&secao=356 > Acessado em: 06/08/2012

¹²⁰ Dom Luiz Flávio Cappio vive na Bahia, onde está à frente da diocese de Barra. Em 2005 e 2007 fez jejum em protesto contra o projeto do governo federal de transposição do rio São Francisco. Em 2008, a organização Pax Christi Internacional (Bélgica) lhe deu o prêmio da Paz do mesmo ano, por sua luta em defesa da vida na região do São Francisco. Em 2009, recebeu o Prêmio Kant de Cidadão do Mundo, da Fundação Kant (Alemanha). Em: Em: < <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/42118-comblin-pedagogo-profeta-e-santo-entrevista-especial-com-d-sebastiao-soares-e-d-luiz-cappio-> > Acessado em: 08.08.2012.

¹²¹ O critério para o aluno ser aceito, quanto ao seu credo, é que sua comunidade de fé apoie sua escolha de estar no CFM, não necessariamente que seja católica. Segundo informações do *site*. Em.: < <http://www.escolasmissionarias.org/p/criterios-de-participacao.html> > Acessado em: 09/08/2012

Na madrugada de 27 de março do ano de 2011, aos 88 anos, José Comblin faleceu de um ataque cardíaco, na cidade Simões Filho, região metropolitana de Salvador, onde havia se retirado para cuidados de saúde. Foi enterrado no Santuário do Padre Ibiapina, distrito de Santa Fé, município de Solânea e divisa com a cidade de Arara, no Estado da Paraíba. Assim ele desejou em vida, ficar ‘plantado’ junto ao Padre Ibiapina, pois ele o teve como grande exemplo.



Foto: Velamento do Padre José Comblin¹²²

Comblin lutou pela liberdade do ser humano, independente de seu credo, cor, raça ou classe social. E isso pode ser observado no seu próprio velamento, onde a foto mostra uma bandeira que cobria seu caixão que não representava nenhuma de suas nacionalidades, brasileira ou belga, mas a luta de um povo que é oprimido e rechaçado, o MST. Neste, ações de Educação Popular fazem parte de sua constituição constantemente.

¹²² Em: < <http://marcopasserini.blogspot.com.br/2012/03/jose-comblin.html> > Acessado em: 09.08.2012

Em sua última entrevista, dada a uma rádio do sul do Brasil alguns dias antes de morrer, Comblin afirma que não tinha medo da morte, mas de como morreria. Não gostaria de sofrer por meses, mas morrer rapidamente, sem dor, como aquelas pessoas que tem um ataque cardíaco, diz ele. Observamos que seu Deus atendeu sua oração prontamente, e o Padre José Comblin morreu como pedira em suas preces¹²³.

¹²³ Em: < <http://www.escolasmissionarias.org/2012/03/ultima-entrevista-do-pe-jose-comblin.html> > Acessado em: 10.08.2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta dissertação foi o de estudar a relação entre o processo de libertação e a Educação Popular no pensamento de José Comblin. Para tal, procurou-se uma aproximação entre a Educação Popular e o eixo fundamental do pensamento de Comblin: a vocação para liberdade. A Liberdade enquanto temática pensada a partir da perspectiva antropológica e social da libertação do ser humano, como vocação própria de cada indivíduo, bem como da implicação dessa liberdade que compreende a responsabilidade para com o outro, como dimensão essencial para o engajamento na luta pela mudança da sociedade. Comblin diz,

A liberdade é uma vocação. Como vocação, ela envolve o tempo e a vida. Não se alcança de uma vez para sempre. É tarefa, construção. Pode conhecer avanços e retrocessos. Será o fio condutor da existência com muitos episódios e, por conseguinte, na diversidade de momentos e situações [...]. A manifestação da liberdade é o serviço mútuo voluntário no amor [...], sem constrangimento, sem pressão, sem alienação da própria vontade (COMBLIN, 1998, p. 53).

O percurso para a concretização da proposta foi extenso e iniciou-se com uma biobibliografia de José Comblin e seu envolvimento com luta pela libertação. No primeiro capítulo tratou-se do contexto histórico-social e eclesial antecedente ao nascimento da Teologia da Libertação, por meio de momentos balizadores para a TdL, tais como as implicações pré e pós Concílio Vaticano II, que foi um marco revolucionário na Igreja Católica, viabilizando um admirável interstício para que a Igreja caminhasse ao encontro do

mundo, ao invés de se resguardar do mesmo, enclausurados em seus mundos eclesiais, como decorria há séculos.

Esse acontecimento permitiu um denso diálogo com a cultura moderna e depois abriu os caminhos para a opção pelos pobres, assumida, sobretudo, pela Igreja na América Latina. Contudo, Comblin faz uma crítica a uma tendência ascética ao Concílio Vaticano II, afirmando que este pertence à história e que somente o futuro dará a resposta concreta de sua relevância significativa para a Igreja Universal.

O futuro mostrará se foi apenas um episódio ou se constitui um acontecimento significativo. Tudo vai depender do rumo que a Igreja escolherá. A América Latina está no centro das expectativas, já que mais da metade dos católicos são latino-americanos. Na Europa já não há esperança: a decadência é irreversível. Ali pode ser concentrado o melhor museu do catolicismo, mas apenas um museu. Daqui a pouco virão centenas de milhões de chineses para visitá-lo. Não é muito provável que esse museu desperte neles a fé [...]. Na América Latina, se a Igreja se deixar envolver pelos ricos e for colocada a serviço da sua legitimação, tornar-se-á novamente, como na cristandade, a base da estrutura de opressão aos pobres. O futuro está em nossas mãos – se Roma não as atar (COMBLIN, 1998, p. 55).

A Conferência de Medellín, que se deu em 1968 e realizou-se sob a questão “A Igreja na presente transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano II”, teve a participação indireta de Comblin por meio de assessorias. Segundo Comblin, essa foi a conferência mais relevante para a temática da Educação e libertação. Nas palavras de Comblin,

A Igreja da América Latina, dadas as condições de pobreza e subdesenvolvimento do continente, sente a urgência de traduzir esse espírito de pobreza em gestos, atitudes e normas que a tornem um sinal mais lúcido e autêntico do Senhor. Por isso, Medellín tinha acentos proféticos: “Um surdo clamor nasce de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes chega de nenhuma par te” (14. Pobreza da Igreja, 2). A educação será uma “educação libertadora”, “isto é, que transforma o educando em sujeito de seu próprio desenvolvimento. A educação é efetivamente o meio-chave para libertar os povos de toda servidão”. Medellín não tinha medo da palavra “libertação” (COMBLIN, 2008, p. 8).

Também em Medellín se abordou explicitamente a relação da conscientização e da Educação, em que se podem observar traços semelhantes do pensamento de Comblin e Freire quanto à maneira de educar. Para Comblin,

Um tema importante entrou na dinâmica de libertação pacífica: o tema da conscientização, que veio de Paulo Freire e já estava bastante conhecido em todo o continente. Essa conscientização supõe que o fator principal de uma

libertação social é a consciência dos dominados. Se os povos deixam de ser ignorantes, medrosos, submissos passivamente, eles poderão ser os autores da sua libertação. A Igreja tem um papel importante nessa conscientização (COMBLIN, 2008, p.20).

O nascimento da TdL foi possível diante da construção de um método teológico de cunho crítico a partir e sobre a prática histórica de lutas por libertação, ou seja, a partir de um contexto real, que se dava por meio do envolvimento com o povo, com a sua história, partir do qual se fazia a teologia. E, assim, a TdL desenvolveu-se contribuindo de maneira especial para o campo da Educação Popular, ao mesmo tempo em que foi influenciada e se beneficiou das teorias e práticas desse campo da educação.

A Conferência de Bispos de Puebla, em 1979, teve como tema “Evangelização no presente e no Futuro da América Latina”. Para Comblin, a Conferência de Puebla aconteceu para suplantiar a de Medellín. Diz ele,

Medellín suscitou pouco a pouco muita oposição, primeiro nas elites sociais e entre os bispos e os sacerdotes ligados à aliança com essas elites. A Conferência de Puebla foi convocada para destruir Medellín, mas não conseguiu porque ainda havia um número importante de bispos que tinham estado em Medellín. No entanto, a campanha de oposição continuou. O Papa João Paulo II não concordava com a atitude pública de defesa dos direitos dos oprimidos. Queria ver a Igreja longe dos conflitos. Não podia manifestar claramente a sua oposição, mas os seus silêncios foram eloquentes e também a perseguição contra todos os bispos da linha de Medellín (COMBLIN, 2008).¹²⁴

A conferência de Santo Domingo, por sua vez, aconteceu sob o norte “Nova evangelização, Promoção humana, Cultura cristã”. Nesta conferência aboliu-se praticamente o método VER-JULGAR-AGIR, algo que Comblin havia utilizado no desenvolvimento de sua metodologia pedagógica até o final de sua vida. E, por fim, na Conferência de Aparecida, que teve como bussola “Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida”, tratou-se de retomar o método VER-JULGAR-AGIR, fato positivo para as igrejas comprometidas com lutas pelos pobres.

Assim, o primeiro capítulo teve como objetivo situar o contexto histórico-social, político-econômico e eclesial do pensamento de Comblin, principalmente sobre a temática Libertação, com o propósito de compreender de forma profícua o processo de Libertação e sua relação com a Educação Popular a partir de seu pensamento.

¹²⁴COMBLIN, José. A Herança de Medellín. Em.: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1881&secao=261> Acessado 12/08/2012.

Desse modo, por meio desse mapeamento biobibliográfico, concluiu-se que o referido teólogo esteve imbricado em temáticas de Libertação desde o início de seu caminho sacerdotal, porém, de formas distintas, como por exemplo, na Bélgica trabalhava com a JOC, e no Brasil se envolveu com causas de libertação em comunidades mais pobres. Esse seu envolvimento se deu a princípio por conta de sua inquietude e traço forte de sua personalidade de querer estar onde a história estivesse acontecendo, de estar inovando, criando, participando ativamente das transformações na sociedade.

Num segundo momento, Comblin deixou-se influenciar pelo amor e dedicação que Dom Hélder P. Câmara tinha pela causa dos oprimidos, por sua libertação sóciopolítico-econômica e eclesiástica. Então, observa-se que ele passou a lutar por semelhante causa com o mesmo enfoque do amigo e companheiro de trabalho, porém agora com mais proeminência e conhecimento de causa. E assim, nessa perspectiva, Comblin tornou-se um dos co-fundadores da Teologia da Libertação e, posteriormente, um militante da mesma.

No capítulo posterior, levantou-se brevemente o contexto histórico da Educação Popular na América Latina e no Brasil, seus pressupostos filosóficos, suas tendências pedagógicas, a analogia entre a EP e a Igreja Profética, bem como a relação da EP e a Educação Cristã. Ainda abordou-se a EP e o projeto pedagógico libertador combliniano, e a aproximação entre o pensamento de José Comblin e o de Paulo Freire.

Dando continuidade ao processo de investigação e a fim de concretizar a proposta da pesquisa, abordou-se a distinção entre os termos Libertação, Liberdade e Serviço, bem como o entrelaçamento dos mesmos. E ainda apresentou-se a Educação Popular e suas diversas perspectivas, tais como: Educação Popular e a consciência do mundo e de si mesmo, da liberdade e da autonomia, de sua afinidade com a universidade, a arte e, por fim, a relação entre os Centros de Formação missionários criados por José Comblin e a Educação Popular.

Nesse capítulo, estudamos a raiz da Educação Popular na América Latina e no Brasil, e seu estreito entrelaçamento com a TdL. Para isso foram expostas as experiências educativas e culturais surgidas a partir da EP, com o alvo de se entender suas implicações junto ao pensamento de libertação de Comblin. E, por fim, concluiu-se que Comblin se envolveu em ações educacionais voltadas à conscientização e à autonomia do sujeito como parte do processo de libertação, tal qual Paulo Freire o fez.

Comblin desenvolveu muitas práticas educativas e até um método próprio para trabalhar junto ao público da área rural, o qual ficou conhecido como Teologia da Enxada. Nesse método, fez-se uma ponte constante entre o saber popular e o saber da academia. Na elaboração desse método pedagógico, uma das suas molas propulsoras foi a crítica que Comblin fez quanto à formação dos futuros padres. Para Libanio,

Comblin, desde longa data, se mostrava crítico ao tipo de formação que se dava aos seminaristas. Para não permanecer na simples e cômoda posição crítica, ele encetou duas experiências alternativas. Uma orientou-se na criação de um seminário rural. Imaginou que neles se formaria um tipo de padre diferente. Rural, próximo de onde vinha e onde continuaria a trabalhar. Quem sabe casado. Nessa esperança, viu a experiência vicejar, mas também fenecer por razões institucionais. Iniciou o que virá a chamar-se “teologia da enxada” com seminaristas que elaboravam os temas bíblico-teológicos a partir a realidade rural (LIBANIO, 2011).¹²⁵

Esse tema ainda hoje é estudado pelas academias, tais como a Universidade Federal da Paraíba, que mantém um grupo de estudos científicos que se dedica a estudar as obras de Comblin e suas práticas no campo da Educação Popular; e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

No terceiro capítulo, expuseram-se as interligações entre o contexto e o referencial teórico que mostraram uma relação entre a EP e o processo de Libertação no pensamento de Comblin, bem como sua afinidade com os leigos e o ecumenismo. Insatisfeito com ações de espiritualidades vigentes, Comblin buscou apresentar outra proposta para os leigos, assim, constituiu antes de falecer oito centros de formação missionários (CFM).

Libanio afirma que diante da inquietude de Comblin ao sistema vigente, passou a “investir na formação de leigos. Não sintonizava com os novos movimentos de apostolado e espiritualidade atualmente vigentes, fundou outro tipo de movimento de missionários leigos no Nordeste” (LIBANIO, 2011).¹²⁶

Enfim, a relação da Educação Popular e a libertação no pensamento de José Comblin pode ser considerada uma relação de afinidade entre visão e método. O processo da educação

¹²⁵Em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3751&secao=356>. Acessado 12/08/2012

¹²⁶Em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3751&secao=356>. Acessado em: 12/08/2012

popular visa proporcionar a conscientização, a autonomia e a libertação do sujeito enquanto a prática pastoral de libertação busca o mesmo objetivo, porém tem a fé como instigadora para o desenvolvimento de ações que se dão no campo da Educação Popular. A Educação Popular não pressupõe a fé, mas a prática de libertação dos cristãos necessita e implica a Educação Popular.

Ao finalizar esta investigação, entende-se como relevante as palavras do seu amigo e companheiro de trabalho, frei Luiz Carlos Susin, que podem ser consideradas a síntese de quem foi Comblin neste mundo.

“Como um médico concentrado no diagnóstico, ele passava pelos diferentes níveis da realidade humana: internacional, nacional, e nossa, dos teólogos. E por diferentes regiões: a política, a economia, os movimentos sociais, as igrejas, e até nossos pequenos mundinhos de sacristia e academia. Apalpava onde estava a dor, o sintoma, e então disparava o diagnóstico; às vezes usava o bisturi para dar o retoque. E a gente saía meio doído, meio tonto, buscando localizar-se de novo, obrigando-nos a discutir, a pesar bem os argumentos, a retomar o fio da meada e alinhar melhor as nossas ideias. Algo se sabia de antemão: Comblin nos obrigava a pensar, até por uma questão de sobrevivência! Ele não inventava, ele fazia uma leitura dos acontecimentos, dos movimentos da história, e colocava sua leitura diante de nossos olhos: dava o que pensar” (SUSIN, 2011).¹²⁷

¹²⁷Em:<

http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3745&secao=356 > Acessado em 12 /08/2012

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. *Espiritualidade*. Campinas: Papirus, 2004.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da educação*. São Paulo: Moderna, 1989, p.288
- ARNO, Kayser. Terra: *Eco sagrado: teologia da libertação e educação popular*. São Leopoldo: CEBI, 2008.
- ASSMANN, Hugo & SUNG, Mo Sung. *Deus em nós: o reinado que acontece no amor solidário aos pobres*. São Paulo: Paulus, 2010.
- BOAVEANTURA, Kloppenburg. Pacto das Catacumbas da Igreja Serva e Pobre. Concílio Vaticano II, Vol. V, Quarta Sessão. Ed. Vozes, 1966, p. 526-528.
- BOFF, Clodovis. Teologia pé-no-chão. Petrópolis. Vozes, 1984.
- BOULOS Júnior, Alfredo. *História Sociedade e Cidadania*, São Paulo: FTD, 2009, p. 128.
- BRANDÃO, Carlos R. *A questão política da educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Educação Popular*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 86.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 2006, p.110
- CABRAL, Newton. *Onde está o povo, aí está a igreja?* História e Memórias do Seminário Regional do Nordeste II, do Instituto de Teologia do Recife e do Departamento de Pesquisa e Assessoria. Recife: Fasa, 2008, 402 p.

- CARNEIRO, Gisele. *Clube de troca: rompendo o silêncio, construindo outra história*. Curitiba: Editora Popular: CEFURIA, 2011, p. 160.
- CARVALHO, Ernando Luiz Teixeira de. *A missão Ibiapina*. Passo Fundo: Berthier, 2008.
- CEFURIA. *A Pedagogia de Paulo Freire: Uma Pedagogia Humanizadora*. 2ª. Edição. Curitiba: Popular, 2011, p.40
- CEPAT 20 anos? *Pesquisa, formação e assessoria*. Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores Centro Jesuíta de Cidadania e Ação Social - Curitiba, 2010, p. 57
- COMBLIN, José. *A força da palavra: "No princípio havia a palavra"*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- COMBLIN, José. *A Ideologia da Segurança Nacional: O poder militar na América Latina*. Rio de Janeiro, 1978.
- COMBLIN, José. *A liberdade Cristã*. São Paulo: Paulus, 2009.
- COMBLIN, José. *A Profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008a, p. 287.
- COMBLIN, José. *A vida: Em busca da liberdade*. São Paulo: Paulus, 2007a.
- COMBLIN, José. *Antropologia Cristã: Série III: A libertação na história*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- COMBLIN, José. *Cristãos rumo ao século XXI: nova caminhada de libertação*. São Paulo: Paulus, 1996.
- COMBLIN, José. *Curso Básico para Animadores de Comunidades de Base*. 6ª. Edição. São Paulo: Paulus, 2008b, p. 153.
- COMBLIN, José. *Educação e fé: os princípios da educação cristã*. São Paulo: Herder, 1962.
- COMBLIN, José. *El Proyecto Aparecida apud Renacer de una Esperanza* (livro digital). Fundación Ameríndia, 2007, ISBN: 978-958-8215-24-2
- COMBLIN, José. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Paulus, 2010a, p.116.
- COMBLIN, José. *Nação e Nacionalismo*. Duas cidades, 1965, p. 225
- COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a Libertação: Série II: O Deus que liberta se povo*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- COMBLIN, José. *O Espírito Santo e sua Missão: Breve curso de Teologia*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.

- COMBLIN, José. *O Neoliberalismo: Ideologia dominante na virada do século: Série III: Desafios da Cultura*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- COMBLIN, José. *O que é Verdade?* (Coleção Questões Fundamentais da Fé) São Paulo: Paulus, 2007b, p. 79.
- COMBLIN, José. *Os desafios da cidade no século XXI* (Coleção temas da atualidade).2ª. edição. São Paulo:Paulus, 2003, p.51.
- COMBLIN, José. *O povo de Deus*. 2º. ed. São Paulo: Paulus, 2002. p. 17-21.
- COMBLIN, José. *Padre Cícero de Juazeiro*. (Coleção Biografia). São Paulo: Paulus, 2011a, p.47.
- COMBLIN, José. *Padre Ibiapina*. (Coleção Biografia). São Paulo: Paulus, 2011b, p.63.
- COMBLIN, José. *Perplexidades de quem Educa: a educação cristã forma para liberdade?* Vida Pastoral, janeiro-fevereiro de 1998a, p. 7 -12.
- COMBLIN, José. *Quais os desafios dos temas teológicos atuais?* (Coleção Questões Fundamentais da Fé). São Paulo: Paulus, 2007c, p.79.
- COMBLIN, José. *Teologia da enxada: Uma experiência da igreja no Nordeste*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- COMBLIN, José. *Viver na Esperança*. São Paulo: Paulus, 2010b, p.111.
- COMBLIN, José. *Vocação para a Liberdade*. São Paulo: Paulus, 1998b, p.319.
- COMBY, Jean. *Para ler a História da Igreja: do século VX ao século XX*. Tradução: Maria Stela Gonçalves. São Paulo:Loyola, 2001, p.242
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. *Documentos do CELAM: Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo*. Tradução: Maria Paula Rodrigues. São Paulo, 2005, p. 878
- CUNHA, Luiz Antônio. *Escola Pública, escola particular e a democratização do ensino*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1996.
- FREIRE, Paulo & NOGUEIRA, Adriano. *Teoria e Prática em Educação Popular*. 8ª. Edição. Petrópolis: Vozes, p.69
- FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a liberdade: e outros escritos*. 12ª. Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2007a, p. 176.

- FREIRE, Paulo. *Conscientização: Teoria e Prática da Libertação: Uma introdução ao Pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Centauro, 2006, p. 116.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da Liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2007b, p. 150.
- FREIRE, Paulo. *Educar para transformar: Almanaque histórico*. São Paulo: Mercado Cultural, 2005a, p.32
- FREIRE, Paulo. *Educar para transformar: Guia do Professor*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, Petrobrás, 2005b, p.28.
- FURTADO, Peter. *1001 dias que abalaram o mundo*. Tradução: Fabiano Moraes. Rio de Janeiro. Sextante, 2009, p. 960.
- GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire: Uma bibliografia*. Brasília: UNESCO, 1996, p, 765.
- GADOTTI, Moacir. *Pensamento Pedagógico Brasileiro*. São Paulo: Ática, 1994. p.160
- GRAMSCI, A. *Dos cadernos do cárcere*. In: COUTINHO, C. N. Porto Alegre: LPM, 1981.
- GUTIÉRREZ, Gustavo, L. *Por que é tão difícil participar*. São Paulo: Paulus, 2004, p.62
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Em busca dos pobres de Jesus Cristo: O pensamento de Bartolomeu de Las Casas*. São Paulo: Paulus, 1995. p.618.
- HOORNAERT, Eduardo(org.). *Novos desafios para o cristianismo: a contribuição de José Comblin*. São Paulo: Paulus, 2012, p. 176. – Vários autores.
- INCONTRI, Dora. Pestalozzi: *Educação e ética: Pensamento e Ação no Magistério*. São Paulo: Scipione, 1997, p. 183.
- KAYSER, Arno & GEBARA, Ivone. *Teologia da Libertação e Educação Popular*. São Leopoldo, CEBI, 2008, 62p.
- KOHL, Manfred Waldemar. *Educação Teológica Transformadora*. Londrina: Descoberta, 2006.
- JORGE, J. Simões. *A ideologia de Paulo Freire*. São Paulo: Loyola, 1979.
- LIBANIO, João Batista. *Conferencias Gerais do Episcopado Latino-Americano: do Rio de Janeiro a Aparecida*. São Paulo. Paulus, 2007, p. 167
- LIBANIO, João Batista. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2009.

- LIBANIO, João Batista. *Evangelização e Libertação*. Petrópolis:Vozes, 2ª. Edição, 1976, p. 225
- LIBANIO, João Batista. *Teologia da Libertação: Roteiro Didático para um estudo*. São Paulo: Edições Loyola, 1987.
- LORSCHIEDER, A. *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2006.
- LUEDEMANN, Cecília da Silveira. *Anton Makarenko: Vida e Obra – A Pedagogia na Revolução*. 3ª.edição. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 432
- MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 183.
- MARIA, Joaquim, P. *Novos Paradigmas Pedagógicos: para uma filosofia da educação*. 3ª. Edição, São Paulo: Paulus, 2002, p. 139.
- MENDONÇA, Nelino Azevedo de. *Pedagogia da Humanização: A Pedagogia Humanista de Paulo Freire*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 167.
- MILITÃO, Jair. *Como fazer trabalho Comunitário*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 67
- MONDIN, B. *Os teólogos da Libertação*. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.
- PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação Popular e Educação de Adultos*. 2ª. edição São Paulo: Edições Loyola, 1983, p. 63.
- PEREIRA, Paulo César. *Pastoral Urbana: Uma abordagem a partir da obra do teólogo Joseph Comblin*. Dissertação, UNICAP, 2011. (Publicação P.436p)
- PONTUAL, Pedro, IRELAND, Timothy. *Educação Popular na América Latina: diálogos e perspectivas*. Brasília: Ministério da Educação: Unesco, 2009.
- PREISWERK, Matthias. *Educação popular e teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SADER Emir. *Enciclopédia Contemporânea América Latina e do Caribe*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- SAMPAIO, Plínio A. *Construindo o Poder Popular*. São Paulo: Paulus, 4ª.edição, 2008, p.63.
- SANTOS, Gevanilda. *Relações raciais e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Solo Negro, 2009, p. 94.

SCHNEIDER, Steven J. *1001 Filmes para ver antes de Morrer*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Sextante, 2008, 960p.

SILVA, Antonio Fernando Gouvêa. *A busca do tema gerador na práxis da educação popular*. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007, p. 208.

SJOGREN, Bob & ROBISON, Gerald. *A teologia do cachorro e do gato*. Camanducaia: Missões Horizontes, 2003, p. 214.

STRECK, Danilo. *Correntes Pedagógicas*. Vozes: Petrópolis, 1994.

SUNG, Jung Mo. *Cristianismo de Libertação: Espiritualidade e luta social*. São Paulo: Paulus, 2008.

SUNG, Jung Mo. *Sujeitos e sociedades Complexas: Para repensar os horizontes utópicos*. Vozes: Petrópolis, 2002.

TORRES, C. Alberto. *Leitura Crítica de Paulo Freire*. São Paulo: Loyola, 1981, p.181.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2007, p. 238

Sites

www.cebi.org.br

www.direitoshumanos.usp.br

www.yasni.com.br

www.kairosnostambemsomosigreja.blogspot.com.br

www.dgp.cnpq.br

www.paulmasson.atimbli.net

www.adital.com.br

www.armazemmemoria.com.br

www.atrio.org/jose-comblin

www.catolicismo.com.br

www.cehila.org/uploads/Requerimento_de_Anistia_Jose_Comblin.pdf

www.ciberteologia.paulinas.org.br

www.cienciasreligiosas.wordpress.com

www.comitesromero.org

www.cubaeduca.cu

www.culture-et-foi.com

www.dei-cr.org

www.escolasmissionarias.org

www.ihu.unisinos.br

www.metodista.br

www.mst.org.br

www.observatoire-omic.org

www.pe-az.com.br/dh/1968.htm

www.pregoncristiano.com

www.memorialjosecomblin.webnode.com

www.revistasusp.sibi.usp.br

www.sedosmission.org

www.servicioskoinonia.org

www.slideshare.net/concilio50anos

www.ube.org.br/biografias

www.ufpb.br

www.unican.es

www2.dbd.puc-rio.br

DVDS

Centro de Formação Irmã Araújo (CEFURIA). *A Revolução de Angicos*. Direção de Geraldo Pioli. Brasil, 1997. Documentário, 10min.

CONINX, Stijn. Daens: *Um grito de Justiça*. Direção de Stijn Coninx. Bélgica, 1993, Filme, 132 min. color. Son.

DUIGAN, John. *Dom Oscar Romero*. Direção de John Duigan. E.U.A, não definido, 1989. Drama, 105 min.

FERRAZ, Hélio Paulo. *Jango*. Direção de Sílvio Tandler. Brasil, Caliban Produções, 1984. Documentário, 117 min. color. Son.

GADOTTI, Moacir; ANTUNES, Ângela. *Coleção Grandes Educadores*. São Paulo, Paulus, 2006. Documentário, 60min.

GLÓRIA, Andréa. *Dom Helder Câmara: O Santo Rebelde*. Direção de Erika Bauer. Brasil, Cor Filmes, 2004. Documentário, 74 min, color. Son.

GODINHO, M. I; GUIMARÃES, J. G.W; BERNING, C. *O Anel de Tucum*. Direção de Conrado Berning. Brasil, Verbo Filmes, 1994. Filme, 106 min. color. Son.

HUGHES, Ken. *Cromwell*. Direção de Ken Hughes. Inglaterra, 1970. Filme, 145 min. color. Son.

LIMA, Gilberto. *MST: Brava Gente Brasileira*. Já raio a liberdade no Horizonte do Brasil. Direção de Gilberto Lima. Brasil, Olho em Foco, 2006, 25 min, color. Son.

PEREIRA, L. A; THOMAS F. *Jânio a 24 Quadros*. Direção de Luís Alberto Pereira. Brasil, 1981. Documentário, 84 min. col. Son.

RATTON, Helvético. *Batismo de Sangue*. Direção: Helvécio Ratton. Brasil, 2006. 1 DVD (103 min).

SANTOS, Nelson Pereira dos. *Raízes do Brasil: Uma Cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda*. Direção de Nelson Pereira dos Santos. Brasil, Estação Filmes, 2003. DVD, 148 min.

ANEXOS

(Os artigos e as referências dos livros estão na língua da publicação original e nas respectivas traduções.)¹²⁸

Anexo-A: Relação dos artigos escritos por José Comblin

A-1. Artigos escritos por José Comblin entre os anos de 1947 – 1957

1. *L'antériorité du mariage civil dans la Constitution belge*, em *Collectanea Mechliniensia*, t. 16, 1946, pp. 534-543.
2. *La Liturgie de la Nouvelle Jérusalem*, em *Ephemerides Theologicae Lovanienses*, t. 29, pp. 5-40. Separata em *Analecta Lovaniensia Biblica et Orientalia*, Ser. II. Fasc. 37, 1953.
3. *Les chrétiens et la paix*, em *Revue générale belge*, maio, 1953, pp.19
4. *La Paix dans la Théologie de saint Luc*, em *Ephemerides Theologicae Lovanienses*, t. 32, pp. 439-460. Separata em *Analecta Lovaniensia Biblica et Orientalia*, Ser. III. Fasc. 4, 1956.
5. *La pédagogie scout et le sens de l'Église*, em *Travailler en Église*, ed. FSC, Bruxelas, p. 51-69. Também em *Evangeliser*, n.º. 59, Bruxelas, 1957, p. 425-44.

¹²⁸ Disponível em: www.kairosnostambemsomosigreja.blogspot.com.br

A-2. Artigos escritos por José Comblin entre os anos de 1958-1962

1. *Catolicismo y Nacionalismo*, em Anales de la Facultad de Teología, Santiago de Chile, t. 12, 1960, pp.73- 83.
2. *El sentido cristiano de la nación*, em Anales de la Facultad de Teología, Santiago de Chile, t. 13, 1961, pp.52-87.
3. *Que é a “História do espírito” (Geistesgeschichte) ?* em Revista de História, São Paulo, n. 49, 1962, pp. 139-153.
4. *Problemas contemporâneos de la fe*, em Teología y Vida, Santiago de Chile, t. 3, fasc. 3, 1962, pp. 149-156.
5. *Yves Congar o la teología frente a sus problemas actuales*, em Mensaje, Santiago de Chile, nº 112, 1962, p. 444-446.
6. *Romano Guardini o la luz de la fe en la crisis del siglo XX*, em Mensaje, Santiago de Chile, nº 113, 1962, pp. 508-511.
7. *M.-D. Chenu o el tomismo revivificado*, em Mensaje, Santiago de Chile, nº 114, 1962, pp. 570-573.
8. *La asamblea de Nueva Delhi y el problema de la unidad de los cristianos*, em Teología y Vida, Santiago de Chile, t. 3, fasc. 4, 1962, pp. 236-245.
9. *Hacia una teología de la acción. Treinta años de investigaciones*, em Anales de la Facultad de Teología, Santiago de Chile, t. 14, 1962, pp. 31-88.

A-3. Artigos escritos por José Comblin entre os anos de 1963-1964

1. *¿Que es una misión ?* em Teología y Vida, t. 4, fasc. 1, 1963, pp. 11-21.
2. *¿Que es una misión ?* em Teología y Vida, t. 4, fasc. 2, 1963, pp. 82-93.
3. *El misterio de la Iglesia*, em Teología y Vida, t. 4, fasc. 3, 1963, pp. 147-156.
4. *La Iglesia y el poder en la sociedad pluralista*, em Teología y Vida, t. 4, fasc. 4, 1963, pp. 250-268.
5. *La paz cristiana en la encíclica “Pacem in Terris”*, em Mensaje, Santiago de Chile, nº 119, 1963, pp. 223-229.
6. *Mons. L. Cerfaux o la teología biblica*, em Mensaje, Santiago de Chile, nº 120, 1963, pp. 337-340.
7. *La seconde multiplication des pains*, em Assemblées du Seigneur, nº 60 (Sixième dimanche après la Pentecôte, Saint André), Bruges, 1963, pp. 28-39.
8. *La rassemblement d’Israel de Dieu*, em Assemblées du Seigneur, nº 89 (Fête de la Toussaint), Saint André, Bruges, 1963, pp. 15-33
9. *“Tu l’as dit : Je suis roi”*, em La Vie spirituelle, t. CX, nº 504, 1964, pp. 398-417.
10. *La fête des Tabernacles*, em Assemblées du Seigneur, nº 72 (Quatre-Temps de septembre), Saint-André, Bruges, 1964, pp. 53-67.
11. *El problema de las Universidades catolicas*, em Teología y Vida, t. 5, fasc. 4, 1964, pp. 276-283.
12. *Trois hommes et un renouveau*, em Dictionnaire des Idées contemporaines, Éd. Univ., Paris, 1964, pp. 141-163.
13. *La teología y su porvenir en America latina*, em Anales de la Facultad de Teología, Santiago de Chile, t. 15-16, 1964, pp. 15-141.
14. *Libertad y libertades*, em Socialización y libertad. Segunda Semana social de Chile. Santiago de Chile, 1964, pp. 35-47.

15. *Socialización y libertad*, em *Socialización y libertad*. Segunda Semana social de Chile. Santiago de Chile, 1964, pp. 137-155.

A-4. Artigos escritos por José Comblin entre os anos de 1965-1967

1. *La ville bien-aimée. Apocalypse 20,9*, em *La Vie spirituelle*, t. CXII, nº 517, 1965, pp. 631-648.
2. *L'Apôtre se glorifie de ses faiblesses*, em *Assemblées du Seigneur*, nº 23 (Dimanche de la Sexagésime), Saint- André, Bruges, 1965, pp. 17-36.
3. *A metrópole do século XX*. Estudo teológico-pastoral, em *A Igreja em foco*, Rio de Janeiro, t. 2, 1965, pp. 35-47.
4. *La foi et l'action*, em *La Vie spirituelle*, t. CXV, nº 529, 1966, pp. 35-52.
5. *Situação histórica do catolicismo no Brasil*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 26, fasc. 3, 1966, pp. 574-601.
6. *Obediencia y vida sacerdotal*, em *Teología y Vida*, t. 7, fasc. 3, 1966 pp. 209-222.
7. *Cristo en la Iglesia de hoy y mañana*, em *Cristología y pastoral en America latina*, Nova Terra, Barcelona, 1966, pp. 11-48.
8. *Jesucristo, el hombre nuevo en el Apocalipsis de san Juan*, em *Cristologia y pastoral en America latina*, Nova Terra, Barcelona, 1966, pp. 190-206.
9. *El porvenir de los estudios teológicos en America latina*, em *Cristologia y pastoral en America latina*, Nova Terra, Barcelona, 1966, pp. 207-224.
10. *Reflexões sobre a Condição Concreta da Evangelização Hoje*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 27, 1967, pp. 570-597.
11. *Prolegômenos da Catequese no Brasil*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 27, 1967, pp. 845-874.
12. *A paróquia ontem, hoje e amanhã*, em *A paróquia ontem, hoje e amanhã*, (Sociologia e Pastoral, t. 6), CERIS, Vozes, Petrópolis, 1967, p. 7-16.
13. *Cidade, Teologia e Pastoral*, em *Pastoral das grandes cidades* (Sociologia e Pastoral t. 7), CERIS, Vozes, Petrópolis, 1967, p. 89-119.

A-5. Artigos escritos por José Comblin entre os anos de 1968-1970

1. *Para uma Tipologia do Catolicismo no Brasil*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 28, 1968, pp. 46-73.
2. *La evangelización como negatividad y profecía*, em *Salvación y construcción del mundo* (Andina), DILAPSA- Nova Terra, Santiago de Chile e Barcelona, 1968, pp. 135-152.
3. *Os Estudos Pastorais na Formação Sacerdotal*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 28, 1968, pp. 319-343.
4. *Problèmes sacerdotaux d'Amérique latine*, em *La Vie Spirituelle*, t. CXVIII, 1968, pp. 319-343.
5. *Le but de la mission : sauver l'homme*, em *Spiritus*, t. IX, nº 34, 1968, pp. 171-179.
6. *Desenvolvimento, vocação cristã*, em *Ponto Homem*, Viamão, ano 43, nº 3, 1968, pp. 53-66.

7. *Igreja e desenvolvimento*, em Ponto Homem, Viamão, ano 43, nº 3, 1968, pp. 67-81.
8. *Teologia do desenvolvimento*, em Ponto Homem, Viamão, ano 43, nº 3, 1968, pp. 82-99.
9. *Os títulos de honra de Cristo, problema teológico*, em Revista de cultura bíblica, vol. V, cad. 10-11, 1968, pp. 99-111.
10. *La violence en Amérique latine*, em Lumière et Vie (Lyon), t. XVIII, nº 91, 1969, pp. 15-32.
11. *A Teologia Católica a partir do Fim do Pontificado de Pio XII*, em REB (Revista eclesiástica brasileira), t. 28, fasc. 4, 1969, pp. 859-879.
12. *Os Fundamentos Teológicos da Vida Religiosa*, em REB (Revista eclesiástica brasileira), t. 29, fasc. 2, 1969, pp. 308-352.
13. *Os Religiosos e o Mundo*, em REB (Revista eclesiástica brasileira), t. 29, fasc. 3, 1969, pp. 359-370.
14. *Os Votos e a Vida Religiosa*, em REB (Revista eclesiástica brasileira), t. 29, fasc. 4, 1969, pp. 850-880.
15. *Le "rôle" des chrétiens*, em La Vie spirituelle, t. CXXI, nº 563, 1969, pp. 95-112.
16. *Sécularisation : mythes, réalités, problèmes*, em Concilium, nº 47, 1969, pp. 103-111.
17. *La théologie catholique depuis la fin du pontificat de Pie XII*, em Bilan de la théologie du XXe siècle, Casterman, Tournai, t. I, 1969, pp. 479-496.
18. *Die katholische Theologie seit dem Ende des Pontifikats Pius XII*, em Bilanz der Theologie im Jahrhundert, Herder, Freiburg, t. II, 1969, pp. 70-90.
19. *O Conceito de Comunidade e a Teologia*, I, em REB (Revista eclesiástica brasileira), t. 30, fasc. 2, 1970, pp. 282-308.
20. *O Conceito de Comunidade e a Teologia*, II, em REB (Revista eclesiástica brasileira), t. 30, fasc. 3, 1970, pp. 568-589.
21. *Comunidades eclesiais de Base e Pastoral Urbana*, em REB (Revista eclesiástica brasileira), t. 30, fasc. 4, 1970, pp. 783-828.
22. *Os Ministérios numa Sociedade em via de Urbanização*, em Perspectiva teológica, São Leopoldo, ano 2, nº 2, 1970, pp. 41-54.
23. *A Vida Religiosa como Consagração*, em Grande Sinal, t. 24, fasc. 1, 1970, pp. 21-30.
24. *O Religioso no Papel da Igreja*, em Grande Sinal, t. 24, fasc. 2, 1970, pp. 121-129.
25. *A Vida Religiosa e os Sinais do Reino*, em Grande Sinal, t. 24, fasc. 3, 1970, pp. 200-208.
26. *Os Religiosos e o Mundo*, em Grande Sinal, t. 24, fasc. 4, 1970, pp. 268-276.
27. *Os Religiosos e a Vida Contemplativa*, em Grande Sinal, t. 24, fasc. 5, 1970, pp. 348-357.
28. *A Vida Comum*, em Grande Sinal, t. 24, fasc. 6, 1970, pp. 422-434.
29. *Os Fundamentos bíblicos da Vida Religiosa*, em Grande Sinal, t. 24, fasc. 7, 1970, pp. 496-504.
30. *A Vida Religiosa como Carisma*, em Grande Sinal, t. 24, fasc. 8, 1970, pp. 585-592.
31. *Os Modelos Concretos da Vida Religiosa*, em Grande Sinal, t. 24, fasc. 9, 1970, pp. 659-668.

32. *A Vida Religiosa e a Aprendizagem do Evangelho*, em Grande Sinal, t. 24, fasc. 10, 1970, pp.753-760.
33. *História e Salvação*, em Revista de cultura bíblica, vol. VII, cad. 14-15, 1970, pp. 56-71.
34. *Significado das pequenas comunidades*, em Convergência, ano III, nº 28, 1970, pp. 13-17.
35. *A Fé em Jesus Cristo*, em Credo para amanhã, t. 1, Vozes, Petrópolis, 1970, pp. 45-59.
36. *Réflexions sur la Iie Conférence générale de l'épiscopat latino-américain à Medellín (24 août-6 septembre 1968)*, em Cultures et développement, t. 1, nº 3, 1970, pp. 678-684.
37. *De l'utopie au silence: l'Église du Brésil*, em Cultures et développement, t. 1, nº 4, 1970, pp. 931-934.
38. E em *Sociologie et Théologie*, em Social Compass, t. XVII, fasc. 2, 1970, pp. 267-272.

A-6. Artigos escritos por José Comblin em 1971

1. *C'est l'Esprit qui conduit la mission de l'Église*, em Assemblées du Seigneur (Sixième Dimanche de Pâques), nº 27, 1971, pp. 70-83.
2. *La communion au corps et au sang du Christ. 1 Cor 10,17-17*, em Assemblées du Seigneur (Sixième Dimanche de Pâques), nº 27, 1971, pp. 15-22.
3. *Les missions au tournant*, em Spiritus, t. XII, nº 44, 1971, pp. 3-14.
4. *A vida religiosa na sociedade atual*, em Perspectiva teológica, São Leopoldo, ano III, nº 5, 1971, pp. 213- 221.
5. *L'Église critiquée du dehors*, em Concilium, nº 66, 1971, pp. 25-33.

A- 7. Artigos escritos por José Comblin entre os de 1972-1978

1. *Problems of the Church in Brazil*, em The Clergy Review, t. LVII, nº 1, 1972, pp. 3-15.
2. *Vervreemdingsverschijnselen in de geschiedenis van Latijns Amerika*, em Wereld en Zending, t. 1, nº 2, 1972, pp. 84-107.
3. *Le thème de la libération dans la pensée chrétienne latino-américaine*, em La Revue nouvelle, t. LV, 1972, pp. 560-574.
4. *Interpretación no religiosa del Nuevo Testamento y Teología de la Liberación*, em *Fe y secularización en America latina*, IPLA, t. 12, Quito-Bogotá, 1972, pp. 9-24.
5. *Critica de la Teología de la Secularización*, em *Fe y secularización en America latina*, IPLA, t. 12, Quito-Bogotá. 1972, pp. 35-51.
6. *Teología e Ideología de las Comunidades de Base*, em *Comunidades de base y Prospectiva Pastoral en America latina*, IPLA, t. 13, Quito-Bogotá, 1972, pp. 9-21.
7. *Développement ou révolution ?* em *Cultures et développement*, t. IV, nº 1, 1972, pp. 3-34.
8. *Mission et politique*, em Spiritus, t. XIII, nº 48, 1972, pp. 339-353.
9. *Atualidade da Teologia da Missão*, em REB (Revista eclesiástica brasileira), t. 32, fasc. 4, 1972, pp. 796-825.

10. *Esperienze della Chiesa latinoamericana*, em *La liberazione dell' uomo*, ASAL, t. 3-4, 1972, pp. 53-80.
11. *Atualidade da Teologia da Missão*, II, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 33, fasc. 1, 1973, pp. 5-34.
12. *Atualidade da Teologia da Missão*, III, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 33, fasc. 3, 1973, pp.579-603.
13. *Christendom en Socialisme in Latijns- Amerika*, em *Kultuurleven*, t. 40, fasc. 2, 1973, pp. 116-135
14. *L'homme retrouvé : la rencontre de l'Époux et de l'Épouse (Apoc 22)* em *Assemblées du Seigneur (Septième Dimanche après Pâques)*, n° 29, 1973, pp. 38-46.
15. *Movimientos e ideologias en America latina*, em *Fe cristiana y cambio social en America latina*. Encuentro de El Escorial 1972, Instituto Fe y secularidad, Sígueme, Salamanca, 1973, p p. 101-128.
16. *Christianisme et Révolution en Amérique latine*. Dossier, em *Informations catholiques internationales*, n° 441, 1973, pp. 10-18.
17. *Medellín: problemas de interpretación*, em *Mensaje*, n° 222, Santiago de Chile, 1973, pp. 448-451.
18. *Le rassemblement du peuple de Dieu (Apoc 7)*, em *Assemblées du Seigneur, (Fêtes de l'Ascension et de la Toussaint)*, n° 66, 1973, pp. 42-49.
19. *Notas teológicas sobre el lenguaje popular*, em *Pastoral y lenguaje*, IPLA, t. 18, IPLA-Bogotá, 1973, pp. 47-59.
20. *De la acción cristiana*, em *Víspera*, Montevideo, n° 33, 1973, pp. 19-29.
21. *Communautés et ministères*, em *Spiritus*, n° 54, 1973, pp. 371-386.
22. *Liberté et Libération, concepts théologiques*, em *Concilium*, n° 96, 1974, pp. 85-95.
23. *Misión profética de la Iglesia en los tiempos actuales*, em *Mensaje*, Santiago de Chile, n° 229, 1974, pp. 211-220.
24. *Misión profética de la Iglesia en los tiempos actuales*, II, em *Mensaje*, n° 230, 1974, pp. 293-300.
25. *La modernidad de s. Tomás de Aquino*, em *Mensaje*, Santiago de Chile, n° 234, 1974, pp. 542-552.
26. *Mission et idéologie*, em *Kerygma*, Ottawa, t. 8, n° 22, 1974, p. 37-50.
27. *A atualidade de s. Tomás de Aquino*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 34, fasc. 135, 1974, pp. 600-624.
28. *A Missão Profética da Igreja nos Tempos atuais*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 34, fasc. 136, 1974, p. 771-805.
29. *L'Église latino-américaine dans le moment présent*, em *Spiritus*, t. XV, n° 57, 1974, pp. 363-376.
30. *Les communautés de base comme lieu d'expériences nouvelles*, em *Concilium*, n° 104, 1975, pp. 93-102.
31. *"Dei Verbum" después de diez años*, em *Teología y Vida*, t. XVI, n° 2-3, 1975, pp. 101-107.
32. *A Missão do Espírito*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 35, fasc. 138, 1975, pp. 288-325.
33. *Autour de la " théologie de la révolution"*, em *La foi et le temps*, t. 5, n° 6, 1975, pp. 504-540.

34. *Teologia: quale servizio?* em *La nuova frontiera della teologia en America latina*, Queriniana, Brescia, 1975, pp. 93-121.
35. *Diez años después del Concilio*, em *Mensaje*, Santiago de Chile, nº 246, 1976, pp. 26-34.
36. *La doctrina de la seguridad nacional*, em *Mensaje*, Santiago de Chile, nº 247, 1976, pp. 96-104
37. *La Iglesia latinoamericana desde Vaticano II*, em *Mensaje*, Santiago de Chile, nº 253, 1976, pp. 494-496.
38. *La Nueva Practica de la Iglesia latinoamericana en el Sistema de la Seguridad Nacional. Exposición de sus Principios Teóricos*, em *Liberación y Cautiverio*. Encuentro Latinoamericano de Teología. Agosto. México, 1976, pp. 155-176.
39. *La Iglesia y el sistema de seguridad nacional*, em *Conflicto social y compromiso cristiano*, Consejo episcopal Latinoamericano, CELAM, Bogotá, 1976, pp. 67-85.
40. *Latin America's Version of "National Security"*, em *America*, febr. 21, 1976, pp. 137-139.
41. *Os Conceitos Cristãos de Liberdade e Libertação*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 36, fasc. 142, 1976, pp. 300-322.
42. *Os Conceitos Cristãos de Liberdade e Libertação, II*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 36, fasc. 143, 1976, pp. 596-620.
43. *Las Fuerzas Armadas y el cristianismo en algunos países de America latina*, em *Mensaje*, Santiago de Chile, nº 259, 1977, pp. 267-273.
44. *Iglesia y derechos humanos*, em *Mensaje*, Santiago de Chile, nº 262, 1977, pp. 475-482.
45. *Evangelização e Libertação*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 37, fasc. 147, 1977, pp. 569-597.
46. *Mesianismos, utopias, ideologías, mitos y la Iglesia latinoamericana*, em *Socialismo y socialismos en America latina*, CELAM, Bogota, 1977, pp. 163-206.
47. *Temas doctrinales en vista de la conferencia de Puebla*, em *Mensaje*, Santiago de Chile, nº 268, 1978, pp. 212-218.
48. *La pastoral después del Vaticano II*, em *Mensaje*, Santiago de Chile, nº 269, 1978, pp. 329-331.
49. *El pontificado de Pablo VI: una mirada desde la periferia*, em *Mensaje*, Santiago de Chile, nº 273, 1978, pp. 609-615.
50. *Evangelización de la cultura en America latina*, em *Puebla*, Vozes, Petrópolis, nº 2, pp. 91-109; SEDOC, Vozes, Petrópolis, nº 114, 1978, pp. 219-237.
51. *Los derechos humanos en America latina y la Iglesia*, em *Arzobispado de Santiago. Vicaria de la Solidaridad*. Encuentro Nacional : los derechos humanos a la luz del ordenamiento internacional, Santiago de Chile, 1978, pp. 207-218.

A- 8. Artigos escritos por José Comblin no ano de 1979

1. *Teología de la conspiración*, em *Christus* (Mexico), México, nº 519, 1979, pp. 12-15.
2. *La Conferencia episcopal de Puebla*, em *Mensaje*, Santiago de Chile, nº 277, 1979, pp. 117-123.

3. *Los profetas en la Iglesia*, em *Leonidas Proaño : 25 anos O bispo de Riobamba*, CEP, Lima, 1979, pp. 268-293.
4. *Quelques grands thèmes de la christologie latino-américaine*, em *Au coeur de l'Afrique*, Bujumbura, Burundi, t. 19, n° 3, 1979, pp. 97-106.
5. *Cuestiones morales a proposito de la seguridad nacional*, em *Dos ensayos sobre seguridad nacional, Vicaría de la solidaridad*, Arzobispado de Santiago de Chile, 1979, pp. 195-205.
6. *The Church in Latin America*, em *A New Missionary Era. Knock Congress 1979*, Irish Missionary Union, Dublin, 1979, pp. 60-64.
7. *Poverty in the Church*, em *A New Missionary Era. Knock Congress 1979*, Irish Missionary Union, Dublin, 1979, pp. 229-237.
8. *The National Security State*, em *A New Missionary Era. Knock Congress 1979*, Irish Missionary Union, Dublin, 1979, pp. 270-280.
9. *The Situation of Violence*, em *A New Missionary Era. Knock Congress 1979*, Dublin, pp. 281-284.
10. *Puebla: líneas generales*, em *Encuentro de Riobamba. Estudio sobre Puebla*, CEP, Riobamba-Lima, 1979, p. 23-28.
11. *La misión profética de la Iglesia en Puebla*, em *Encuentro de Riobamba. Estudio sobre Puebla*, CEP, Riobamba-Lima, 1979, p. 29-40.

A-9. Artigos escritos por José Comblin no ano de 1980 - 1991

1. *Le débat actuel sur l'universalité chrétienne*, em *Concilium*, n° 155, 1980, pp. 87-96.
2. *La voz de los laicos en la Iglesia*, em *Mensaje*, Santiago de Chile, n° 287, 1980, pp. 141-142.
3. *El IV Congreso Internacional Ecumenico de Teología*, em *Mensaje*, Santiago de Chile, n° 288, 1980, pp. 177-179.
4. *Evolução da pastoral urbana*, em *Pastoral urbana*. São Paulo: Ed. Paulus, 1980, pp. 33-51.
5. *Las ideas sociales de mons. Escrivá de Balaguer*, em *Servir* (México), t. 16., fasc. 85, 1980, pp. 71-120.
6. *O Novo Ministério de Missionário na América latina*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 40, fasc. 160, 1980, pp. 626-655.
7. *Latin America and the National Security State* em *The Whole Earth Papers*, n° 14, Securing the Human, Global Education Associates, East Orange, NJ, 1980 p. 14-27.
8. *Algumas Reflexões sobre a Formação sacerdotal hoje*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 41, fasc. 162, 1981, pp. 320-346.
9. *A América latina e o presente debate entre neo-conservadores e liberais*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 41, fasc. 164, 1981, pp. 790-816.
10. *Les défis de la "Sécurité Nationale"* em *Wissenschaft-Glaube-Politik. Festschrift für Paul Asveld*, Styria, Graz, 1981, pp. 239-248.
11. *Kurze Geschichte der Theologie der Befreiung*, em *Hans-Jürgen Prien, Lateinamerika: Gesellschaft-Kirche-Theologie*, Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen-Zurich, t.2, 1981, pp.13-38.

12. *Vida apostólica*, em *Os Dominicanos*, Provincial Dominicana do Brasil, São Paulo, 1981, pp. 87-122.
13. *La presencia universal del Reino de Dios y el sentido actual de la misión*, em *La misión desde America latina*, CLAR, Bogota, 1982, pp. 33-72.
14. *Humanité et libération des opprimés*, em *Concilium*, nº 175, 1982, pp. 121-131.
15. *Critérios para um Comentário da Bíblia*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 42, fasc. 166, 1982, pp. 307-330
16. *La guerre et le droit de légitime défense*, em *Concilium*, nº 184, 1983, pp. 91-91. (publicado em diversas línguas)
17. *Os "Movimentos" e a Pastoral latino-americana*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 43, fasc. 170, 1983, pp. 227-260.
18. *L'Église et les Droits de l'Homme*, em *Pour une spiritualité de la paix. Pax Christi internacional*. Antwerpen, 1983, pp. 81-83.
19. *Dom Helder e o novo modelo episcopal do Vaticano II*, em *Dom Helder, pastor e profeta*. São Paulo: Ed. Paulus, 1984, pp. 23-45.
20. *Ibiapina, o missionário*, em *CEHILA, Padre Ibiapina e a Igreja dos pobres*. São Paulo: Ed. Paulus, 1984, p. 119-126.
21. *Introdução a Um monge da Igreja oriental, a Invocação do nome de Jesus*. São Paulo: Ed. Paulus, 1984, pp. 9-23.
22. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina. Introdução e comentário*. São Paulo: Ed. Paulus, 1984, pp. 108.
23. *A mensagem da Epístola de São Paulo a Filemon*, em *Estudos bíblicos: Suplemento de REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 1, 1984, pp. 50-70.
24. *Teologia e Marxismo na América latina. Algumas observações sobre o tema*, em *Perspectiva teológica*. Belo Horizonte, ano XVI, nº 40, 1984, pp. 291-311.
25. *El lugar del ser-hombre en la teología actual*, em *Revista latinoamericana de teología*. San Salvador, El Salvador, t. 1, nº 2, 1984, pp. 179-194.
26. *Jesus Profeta*, em *Estudos bíblicos*, nº 4, Vozes, Petrópolis, 1984, pp. 41-59.
27. *Monothéisme et religion populaire*, em *Concilium*, nº 197, 1985, pp. 109-118.
28. *A Tarefa dos Teólogos Latino-americanos na Atualidade*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 45, fasc. 177, 1985, pp. 32-62.
29. *Lo que fue e lo que es el Vaticano II*, em *Mensaje*, Santiago de Chile, nº 344, 1985 pp. 442-448.
30. *O Concílio Vaticano II é bom. Os resultados são maus*, em Joseph Oscar Beozzo, *O Vaticano II e a Igreja latino-americana*, Ed. paul. São Paulo, 1985, pp. 76-78.
31. *Introdução geral ao Comentário bíblico. Leitura da Bíblia na perspectiva dos pobres*, Vozes, Petrópolis, 1985, pp. 20.
32. *El clamor de Jesus y el clamor de los oprimidos*, em *Pastoral Popular*, Santiago de Chile, vol. XXXVI, nº 4, 19885, pp. 21-24.
33. *L'Héritage de la religion populaire au Brésil*, em *Lumen vitae*, vol. XLI, nº 2, 1986, pp. 165-182 / *The Heritage of Popular Religion in Brazil*, in *Lumen vitae*, vol. XLI, no. 4, 1986, pp. 391-409.
34. *Consequências políticas provenientes das seitas*, em *Vida pastoral*, ano XXVII, nº 129, 1986, pp. 21-25.
35. *A Oração Profética*, em *Estudos bíblicos*, nº 10, 1986, pp. 28-44.
36. *O Espírito de vida*, em *Grande sinal*, t. XL, nº 6, 1986, pp. 405-443.

37. *O Tema da Reconciliação e a Teologia na América latina*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 46, fasc. 182, 1986, pp. 272-314.
38. *A nova Evangelização. Depois de 500 anos*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 47, fasc. 185, 1987, pp. 171-181.
39. *A Igreja na Casa. Contribuição sobre os Fundamentos das Comunidades Eclesiais de Base*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 47, fasc. 186, 1987, pp. 320-335.
40. *Paulo e a Mensagem de Liberdade*, em *Estudos bíblicos*, nº 14, 1987, pp. 64-70.
41. *Observaciones sobre la vida religiosa desde America latina*, em *Vida religiosa*, Madrid, t. 62, nº 6, 1987, pp. 449-451.
42. *Os leigos*, em *Comunicações do ISER*, Rio de Janeiro, ano 6, nº 26, 1987, pp. 26-37.
43. *Théologie de la libération et marxisme*, em *Concordia*, Frankfurt, t. 2, 1987, pp. 56-65.
44. *Medellín et les combats de l'Église en Amérique latine*, em *Le retour des certitudes. Evénements et orthodoxie depuis Vatican II*, Le Centurion, Paris, 1987, pp. 34-53.
45. *Entrevista y testimonio*, em *Nicaragua y los teólogos* (coord. Joseph Maria Vigil), Siglo XXI, México, 1987, pp. 86-92.
46. *O Êxodo na Teologia paulina*, em *Estudos bíblicos*, nº 16, 1988, pp. 76-80.
47. *O Batismo do Ministro da Rainha de Etiópia*, em *Estudos bíblicos*, nº 17, 1988, pp. 63-68.
48. *Os escravos e o evangelho de Paulo*, em *Estudos bíblicos*, nº 17, 1988, pp. 69-76
49. *La puissance de l'Église face aux puissances du mal*, em *Concilium*, 1988, nº 131-136.
50. *A nova evangelização da América latina e o caminho de reconciliação*, em *Convergência*, t. XXIII, nº 217, 1988, pp. 541-547.
51. *Paulo trabalhador e apóstolo*, coleção *CEBI*, Belo Horizonte, nº 11, 1988, pp.20.
52. *Aspects de la théologie latino-américaine*, em *Pour une théologie contemporaine du Moyen Orient* (Actes du Ier Symposium interdisciplinaire, Institut Saint-Paul, Harissa, 15-18 octobre 1987), éd. Saint Paul, Beyrouth-Jouniah (Liban), 1988, pp. 189-204.
53. *Medellín: Vinte anos depois. Balanço temático*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 48, fasc. 192, 1988, pp. 806-829.
54. *A presença do Espírito Santo nas liturgias da América latina*, em *Revista de liturgia*, ano 16 , nº 93, 1989, pp. 68-77.
55. *Révolution française, révolution bourgeoise*, em *Concilium*, nº 221, 1989, pp. 65-75.
56. *Os pobres como sujeito da história*, em *Revista de Interpretação Bíblica Latino - americana* (RIBLA). Petrópolis:Ed.Vozes, 1989, pp.36-48.
57. *La cultura de los pobres*, separata de *Pastoral Popular*, Santiago de Chile, nº 195, 1989, p.12.
58. *O ressurgimento do tradicionalismo na teologia latino-americana*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 50, fasc. 197, 1990, p. 44-75.
59. *A composição sociológica da comunidade de Filipos*, em *Estudos bíblicos*, nº 25, 1990, pp. 34-42.

60. *The First Urban Christian. The social World of the Apostle Paul.* Wayne A. Weeks, Londres e New Haven, Yale Univ. *Resenha*, em *Estudos bíblicos*, nº 25, 1990, pp. 58-64.
61. *Evangelização na atualidade, em América latina. 500 anos de evangelização.* São Paulo: Ed. Paulus, 1990, pp. 37-61.
62. *O cristianismo e o desafio da modernidade, em América latina. 500 anos de evangelização.* São Paulo: Ed. Paulus, 1990. pp. 205-274.
63. *Algumas Questões a partir da Prática das Comunidades Eclesiais de Base no Nordeste*, em *REB* (Revista Eclesiástica brasileira), t. 50, fasc. 198, 1990, pp. 335-381.
64. *Inculturação e libertação, em Convergência*, t. 25, nº 235, 1990, p. 423-432.
65. *As linhas básicas do Evangelho segundo Mateus*, em *Estudos bíblicos*, nº 26, 1990, p. 9-18.
66. *Justiça e Lei no evangelho segundo Mateus*, em *Estudos bíblicos*, nº 26, 1990, pp. 19-27.
67. *Espiritu Santo, em Mystarium Liberationis. Conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación* (Ignacio Ellacuría-Jon Sobrino), Trotta, Madrids, t. I, 1990, pp. 619-642.
68. *Gracia, em Mystarium Liberationis. Conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación* (Ignacio Ellacuría-Jon Sobrino), Trotta, Madrid, t. II, 1990, pp. 79-92.
69. *Notas a propósito de Igreja e sociedade urbana, em Urbanização e evangelização.* Porto Alegre : Cadernos de ESTEF. nº 5, 1990, pp. 54-62.
70. *Pastoral urbana, em Urbanização e evangelização.* Porto Alegre: Cadernos de ESTEF, nº 5, 1990, pp. 63-71.
71. *A romaria no Novo Testamento*, em *Estudos bíblicos*, nº 28, 1990, pp. 33-41.
72. *Los Santos Padres de la Iglesia latinoamericana, em Reflexión y Liberación*, Santiago de Chile, t. 2, nº 8, 1991, p. 17-24.
73. *The Rights of the Poor*, em *America*, vol. 165, nº 4, agosto, 1991, p. 95.
74. *A cristologia própria de s. Paulo*, em *Reflexos da brisa leve.* A frei Carlos, 60º aniversário, CEBI, Belo Horizonte, 1991, pp. 123-131.
75. *A novidade da Redemptoris Missio*, em *CNBB. A Hora missionária da América latina.* COMLA IV, Lima, 1991. São Paulo: Ed. Loyola, 1991, pp. 155-166.
76. *Évangélisation des cultures et priorités apostoliques*, em *Les rendez-vous de Saint Domingue* (I.Berten-R. Luneau), Le Centurion, Paris, 1991, pp. 297-322.
77. *Situations latino-américaines*, em *Spiritus*, t. 32, nº 125, 1991, pp. 358-368.

A-10. Artigos escritos por José Comblin no ano de 1992

1. O Espírito Santo na vida cristã, em *Grande Sinal*, t. 46, 1992, pp. 53-64.
2. Desafios y Opciones para la Iglesia católica en Santo Domingo, em *Reflexión y Liberación*, Santiago de Chile, t. III, nº12, 1992 pp. 65-84.
3. Igreja, missão e religiosos, em *Convergência*, ano 27, nº 252, 1992, pp. 214-226.
4. A paz na Bíblia e na teologia, em *Fraternizar*, Porto (Portugal), ano 5, nº 49, 1992, pp. 14-18.

5. Perspectivas teológicas sobre la cultura, em Teología y cultura (Sociedad chilena de teología), Santiago, 1992, pp. 5-32.
6. Sinais dos tempos no final do século XX, em Vida, Clamor e Esperança, ed. Loyola., São Paulo, 1992, pp. 31-42.
7. Cultura, reflexões a partir do magistério, em Vida Clamor e Esperança, Loyola, São Paulo, 1992, pp. 221-230.
8. La Chiesa e la difesa dei diritti umani, em La chiesa de America latina, Cittadella, Assis, 1992, pp. 746-774.
9. Retos a la vida cristiana en America latina, em La función de la teología en el futuro de America latina. Simposio internacional. Universidad iberoamericana, México, 1992, pp. 186-201.

A-11. Artigos escritos por José Comblin entre o ano de 1993 – 2006

1993

1. *A moradia e os cristãos*, em *Vida pastoral*, ano XXXIV, nº 168, p. 13-18.
2. *O caminho da sabedoria*, em *Estudos bíblicos*, nº 37, p. 9-17.
3. *Jesus conselheiro*, em *Estudos bíblicos*, nº 37, p. 40-47.
4. *La Iglesia latinoamericana desde Puebla a Santo Domingo*, em *Cambio social y pensamiento cristiano en America latina*, Trotta, Msadrid, p. 29-56.
5. *A paz na Bíblia e na teologia*, em *Fatima e a paz*. Actas do congresso internacional sobre Fátima e a paz, Santuário de Fatima, p. 27-41.
6. *A Nova Evangelização*, em *Santo Domingo. Ensaio teológico-pastorais*, Vozes, Petrópolis, p. 206-224
7. *La Chiesa in Brasile negli ultimi 30 anni*, em *Brasile dentro. Incontro fra chiese nelle missioni italiane della Bahia*, EMI, Bologna, p. 155-182.
8. *Los cristianos en la nueva etapa de la resistencia de los pueblos latinoamericanos*, em *Anamnesis*, México, nº 5, p. 143-152.
9. *O direito de associação na Igreja*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 53, fasc. 211, p. 515-543.
10. *Desafios de la politica en América latina*, em *CEPROLAI*, Evangelización del mundo político, La Paz, Bolívia, p. 156-165.
11. *Desafios de la politica para los cristianos*, em *CEPROLAI*, Evangelización del mundo político, La Paz, Bolívia, p. 166-183.
12. *Se a Igreja não mudar de modelo, será abandonada pelas massas*, em *REB* (Revista eclesiástica brasileira), t. 53, fasc. 212, p. 916-923.
13. *Algumas interpelações aos religiosos depois de Santo Domingo*, em *Convergência*, ano XXVIII, nº 264, p. 326-337.
14. *Interpelaciones a la Vida Religiosa*, em *Diakonia*, UCA/UCA, Managua, Nicaragua, XVII/68, 1993, p. 81-91.

1994

1. *Valor permanente da família na América latina*, em *Vida Pastoral*, ano XXXV, p. 2-8.

2. *Missão e carisma*, em *Grande Sinal*, ano XLVIII, p. 146-158.
3. *The Novelty of Redemptoris Missio*, em *Redemption and Dialogue*, Orbis Books, Maryknoll, p. 231-238.
4. *Viver na cidade*, em *Curso de verão*, ano VIII, CESEP-Paulus, São Paulo, p. 57-97.
5. *As casas de caridade do padre Ibiapina: um modelo de Igreja feminina*, em *Convergência*, ano XXX, nº 286, p. 500-507.
6. *Instituto de Formação Pastoral de Juazeiro-Guarabira*, em Joseph Ernanne Pinheiro, *Formação de cristãos leigos*, Paulus, São Paulo, p. 99-108.
7. *Padre Ibiapina a caminho da beatificação*, em *Vida Pastoral*, ano XXXVI, nº 183, p. 21-25.
8. *Evangelização e inculturação: implicações pastorais*, em *Teologia da inculturação e inculturação da teologia*, Vozes, p. 57-90.
9. *A fome e a Bíblia*, em *Estudos bíblicos*, nº 46, p. 25-32.
10. *O Espírito Santo e a história*, em *Teo Comunicação*, Porto Alegre, t. 25, nº 107, p. 55-67.
11. *Paulo e a cruz de Jesus*, em *RIBLA*, Vozes, Petrópolis, nº 20, p. 54-61.
12. *A pedra que os construtores rejeitaram, tornou-se pedra angular*, em *Vida Pastoral*, ano XXXVI, nº 180, p. 5-10.
13. *La Sociedad del Saber y las Responsabilidades de las Nuevas Elites del Saber*, em *Reflexión y Liberación*, Santiago de Chile, ano VIII, nº 29, p. 43-53.

1996

1. *Novo modelo de política*, em *Vida Pastoral*, ano XXXVII, nº 187, p. 17-23.
2. *Nuevo modelo de política*, em *Reflexion y Liberación*, Santiago de Chile, ano VIII, no. 30
3. *Le mouvement religieux au Brésil*, em *Église et Mission*, nº 282, p. 93-104.
4. *As aporias da inculturação*. em *REB* (Revista eclesialística brasileira), t. 56, fasc. 223, p. 664-684.
5. *O Espírito Santo e a refundação da vida religiosa*, em *Convergência*, ano XXXI, nº 296, p. 478-495.
6. *As aporias da inculturação*, em *REB* (Revista eclesialística brasileira). II, t. 56, fasc. 224, p. 903-929.

1997

1. *Anunciar aos aprisionados a libertação*, em *Vida Pastoral*, ano XXXVII, nº 192, p. 7-11.
2. *Reino de Deus: Utopia de Jesus na vivência cristã de hoje*, em *Vida Pastoral*, ano XXXVIII, nº 197, p. 2-7.
3. *Nota sobre as tarefas de uma teologia da libertação no final do século XX ?* em *Teologia aberta ao futuro*, Loyola, São Paulo, p. 187-192.

1998

1. *Perplexidades de quem educa: a educação cristã forma para a liberdade?* em *Vida Pastoral*, ano XXXIX, nº 198, p. 7-12.

2. *Libertação social: Requisitos e exigências*, em *Convergência*, ano XXXIII, nº 310, p. 84-91.
3. *O cristianismo no limiar do Terceiro Milênio*, em *A Sedução do Sagrado*, Vozes, Petrópolis, p. 143-160.
4. *A experiência espiritual, o seu conteúdo, o seu alcance*, em *Sob o fogo do Espírito*, SOTER-Paulus, p. 139-148.
5. *La Universidad catolica frente a los desafios del nuevo siglo*, em *Reflexión y Liberación*, Santiago de Chile, nº 39, p. 47-53.

1999

1. *Puebla e a opção pelos pobres*, em *A Igreja do Vaticano II ao Terceiro Milênio: Avanço ou retrocesso?* 1ª jornada teológica do Recife, p. 61-75.
2. *Os cristãos e a solidariedade com os pobres*, em *Convergência*, ano XXXIV, nº 319, p. 25-36.
3. *Medellín ayer, hoy y mañana*, em *Revista latinoamericana de teologia*, San Salvador, t. XVI, nº 46, p. 75-81.
4. *Deus é Pai*, em *Vida Pastoral*, t. XL, nº 207, p. 17-21.
5. *Experiencia en torno a la formación de dirigentes y misioneros laicos*, em *Alternativas de lucha y acción para el nuevo milenio*. X aniversario de la Resurrección de Mons. Leonias Proaño. 31 de agosto de 1998, Quito, p. 13-26.
6. *Dom Helder, bispo do Terceiro Milênio*, em *Helder, o Dom. Uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil*, Vozes, Petrópolis, p. 91-94.
7. *El cristianismo en el umbral al tercer milenio*, em *Deuda externa y jubileu 2000*, *Alternativas*, Ed. Lascasiana, Managua, p. 167-188.
8. *Puebla: Vinte anos depois*, em *Perspectiva teológica*, t. 31, p. 201-222.
9. *Una lección no aprendida. Entrevista a Joseph Comblin*, em *Spiritus*, ed. latinoamericana, ano 40, nº 101-106.
10. *Como falar de Deus Pai num mundo de excluídos ?* em *Convergência*, ano XXXIV, nº 326, p. 495-502.
11. *A cristologia do evangelho segundo Marcos*, em *Estudios bíblicos*, nº 64, p. 36-42

2000

1. *Desafios aos cristãos do século XXI*, em *Vida Pastoral*, ano XLI, nº 210, p. 17-24
2. *A Igreja e o mundo dos excluídos*, em *Vida Pastoral*, ano XLI, nº 211, p. 11-18.
3. *Nós e os outros. Os pobres frente ao mundo globalizado*, em *Os confins do mundo no meio de nós*, Paulinas, São Paulo, p. 113-133.
4. *Antwort em Theologie im III Millenium- Quo vadis ?* (Raúl Fonet-Betancourt), IKO, Frankfurt, p. 70-72.
5. *Quinhentos anos de Brasil*, em *Convergência*, ano XXXV, nº 331, p. 136-147.
6. *Trinta anos de teologia latino-americana*, em *O mar se abriu. Trinta anos de teologia na América latina*, Loyola, p. 179-192.
7. *Origem e figura do bispo na tradição eclesial*, em Márcio Fabri dos Anjos(org.), *Bispos para a Esperança do Mundo*, Paulinas, São Paulo, p. 27-73.
8. *Vocación a la libertad*, em *Reflexión y liberación*, ano XII, n. 47, p. 5-14.

9. *Do presente ao futuro. A teologia na presente perspectiva*, em Luiz Carlos Susin (org.), *Sarça ardente*, Paulinas, p. 537-547.

2001

1. *América latina: presente e futuro, esperança e temor*, em *Vida Pastoral*, ano XLII, n. 216, p. 10-17.
2. *Ser Igreja hoje. Reflexões também para os religiosos*, em *Convergência*, n. 339, p. 50-64.
3. *Ricos e pobres nos Atos dos Apóstolos*, em *Vida Pastoral*, ano XLII, n. 218, p. 2-9.
4. *Guatemala nunca más o el desafío para la vida humana*, em Monseñor Julio Cabrera Ovalle(ed.), *Memoria y testigos de Guatemala*, ed. San Pablo, Guatemala, 2001, p. 179-202.
5. *A ressurreição nos Atos dos Apóstolos*, em *Estudos bíblicos*, n. 70, p. 65-72.
6. *Carisma do Espírito Santo e experiência religiosa*, em *Magis*, Rio de Janeiro, n. 37, p.13-36.
7. *Una personalidad sacerdotal*, em Graciela Rodríguez de Correa, *Entre huellas y horizontes. Testimonios y Escritos de un cura de campo: el Padre Enrique Correa*, San Pablo, Santiago, 2001, p. 37-43.
8. Prefácio, em Frei Angelino Caio Feitosa, *Ao Encontro de Você*, Ed.Univ. da UFPE, Recife, 2001, p.5-6
9. *El sacrificio en la teologia cristiana*, em *Pasos* (Costa Rica), n. 96, p. 1-8
10. *La ciudad, esperanza cristiana*, em *Christus* (México), n. 726, ano LXVI, p.32-43.
11. *Sinais do novo século*, em Luiz Carlos Susin (org.), *Terra prometida*, Vozes, Petrópolis, p.177-184.
12. *Lateinamerika in der Globalisierung*, em Giancarlo Collet (org.), *Weltdorf Babel. Globalisierung als theologische Herausforderung (Theologie und Praxis, Abteilung B, Band 11)*, Lit, Münster, p.62-96

2002

1. *Despertar da Igreja católica para a cidade*, em *Vida Pastoral*, ano XLIII, n. 224, maio junho 2002, p. 10-17.
2. *Os religiosos e a política*, em *Convergência*, maio 2002, Ano XXXVII, n. 352, p. 231-240.
3. *Temas bíblicos relacionados com o poder*, em Luiz Joseph Dietrich (org.), *Ser é poder*, CEBI-Paulus, 2002, p. 26-45.
4. *Desafios da Igreja na Cidade Atual*, em *Vida Pastoral*, ano XLIII, n. 225, julho-agosto 2002, p. 8-15.
5. “*El sujeto cristiano*” em *Pasos*, n. 103, p. 10-16
6. “*As cidades americanas e Santo Tomás de Aquino*” em *Utopia urgente. Escritos em homenagem a frei Carlos Josaphat* (org. Frei Betto, Adélia Bezerra de Menezes,Thomas Jensen), Casa Amarela-EDUC, São Paulo, p.35-51
7. “*América latina na Globalização*”, em *Revista do UNIPÊ*, vol. VI, no 4, p.9-31.

2003

1. *Saudades da América Latina*, em *A Esperança dos Pobre Vive*, org. Ivone Gebara, Mônica Muggler e outros, Paulus, São Paulo, 2003, p. 719-732
2. “*Análise da conjuntura: As religiões hoje*” em *Latino-americana mundial 2003*, Loyola São Paulo, p. 36-39
3. “*Los obispos de Medellín: los Santos Padres de América latina*” em Pablo Richard “*10 palabras clave sobre la Iglesia en América latina*”, Verbo-Divino, Estella (Navarra), 2003, p. 41-77.
4. “*A velhice e a espera do Reino de Deus*” em *Convergência*, n. 363, p. 284-290.
5. “*La religion: un facteur politique important*, em “*La tentation fondamentaliste*” em *Spiritus*, n. 171, p. 168-180
6. “*Hacia el futuro: ética, política y derechos humanos*”, em *Revista latinoamericana de teología*, n. 58, p. 43-52.
7. “*La Teología de las religiones desde América latina*”, em “*Religiões em debate*”
8. “*Perspectivas de uma teologia feminina*”, em “*Gênero e teologia*” (Soter org.), Paulinas, p. 295-204.
9. “*Changes in the Latin American church during the pontificate of John Paul II*”, em *National Catholic Reporter*, July 2, 2003, vol. 1, no 14, p. 1-3
10. “*Desperate for leadership*”, em “*National catholic reporter*”, July 9, 2003, vol. I, no 15, p. 1-4.
11. “*Um novo amanhecer para o povo de Deus*” em “*A Utopia do Reino é possível!*”,
12. (V Jornada Teológica D. Helder Câmara) Igreja viva, Recife, p. 65-86.
13. “*Teología de la reconciliación*” em “*Reflexión y liberación*” n. 58, p. 15-21.
14. “*El Fundamentalismo*” em “*Spiritus*” año 44/2, n. 171, p. 37-50
15. Entrevista a Joseph Comblin. A palavra de Joseph Comblin sobre a Teologia da Libertação, Sem Terra, ano VI, n. 21, out.-dez. 2003, p. 23-27
16. “*Diakonia na cidade*” em *Diaconia no contexto nordestino*, érgio Andrade e Rudolf von Sinner, org.), sinodal, p. 75-90.
17. “*Ética, política y derechos humanos: el futuro*” em *Reflexión y liberación*, n. 56, p.13-24

2004

1. “*El rumbo del siglo XXI*” em “*Agenda mundial Latinoamericana 2004*”, Panama, p. 24-27.
2. Os interrogantes da Vida Religiosa no Século XXI, em *Convergência*, n. 370, p. 76-95.
3. El cristianismo desafiado, em *Reflexión y liberación*, n. 60, p. 31-34
4. Cambio de época, globalización y experiencias religiosas, em *Testimonio* (Santiago de Chile), n. 203, p.7-18.
5. Prefacio, em *Obras Completas de Dom Hélder Câmara*, vol.I, t. I. *Correspondência Conciliar*, Ed. Univ. UFPB, Recife, p. XXI-XXXI
6. La teologia de las religiones desde América latina, em Joseph Maria Vigil et al., *Por los muchos caminos de Dios*, ed. Abya-Yala, Quito,2004, p. 46-71.
7. A mensagem da Lúmen Gentium, em *Vida pastoral*, n. 236, p.9-14

2005

1. El imperio del terror, em Agenda latinoamericana 2005, Panamá, p. 26-29
2. Como viver uma vida consagrada numa sociedade injusta? em Convergência, ano XL,n.379, p. 21-35.
3. A teologia das religiões a partir de América latina, em Pluralismo e Libertação, ASETT-Loyola, p.47-70.
4. Cristianismo e corporeidade, em Corporeidade e teologia, Soter e Paulinas, São Paulo 2005, p. 7-20.
5. A Vida Religiosa e o Fórum Social Mundial, em Convergência, ano 40, n.384, p.356-364
6. As sete palavras-chave do Concílio Vaticano II, em Vida Pastoral n 243, p. 17-22
7. Los Santos Padres de América Latina, em Revista Latinoamericana de Teologia, no. 65, UCA, El Salvador, p. 163-172
8. Crisis de la religión en América Latina?, em Chakana, Vol. 3 (2005) 6, Aachen, Alemanha, p. 125-133
9. Olhando para o horizonte, em REB, fasc. 260, p.831-857.
10. A missão no início do século XXI, em Frei Roberto Eufrásio de Oliveira, Caminhando com Jesus, p. 3-10
11. I segni dei tempi, em Concilium , ed. queriniana, 2005/4, p. 96-111.
12. Krisenerfahrungen in der Geschichte des Christentums, em Concilium, t. 41, n. 3, p.303-313.
13. Joseph Comblin, pionero de la teología de la Liberación, entrevista de Carlos Peresa e Evaristo Vilar, em Christus (México), n. 751, p. 52-56.
14. Entrevista, em Ultimo andar (PUC-SP), t. 12, p. 11-29.
15. Corporeidade e Bíblia, em Estudos Bíblicos, no. 87, 2005, Vozes, RJ
16. Dom Joseph Maria Pires na Paraíba, testemunho publicado no livro *Dom Joseph Maria Pires - uma voz fiel à mudança social*, Sampaio Geraldo Lopes Ribeiro (org.), Paulus, São Paulo, 2005, p. 247-249.

2006

1. A era da comunicação, em Agenda Latino-americana 2006, Loyola, São Paulo, p. 20-23.
2. Soter: 20 anos, em Maria Carmelita de Freitas (org.), Paulinas, 455-464.
3. A propósito da greve de fome de dom Luiz Cappio, em REB, vol. 66, p. 197-200
4. Puebla de Los Angeles (27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979), em Vida pastoral, n.249, p. 9-14.
5. A oposição entre o real e o simbólico nos evangelhos, em Profecia e Esperança.Um tributo a Milton Schwantes, Oikos, São Leopoldo,2006, p. 369-383.
6. Sinais dos novos tempos - 40 anos depois do Vaticano II, em REB, fasc. 263, p. 575-587
7. Prefácio ao livro de Marcelo Barros, *Dom Helder Câmara. Profeta para os nossos dias*, Rede da paz , Goiás, p. 7-12.
8. Los pobres en la Iglesia latinoamericana y caribeña, em Tejiendo Redes de Vida y

9. Esperanza. Amerindia, Bogotá, p. 289-305
10. A Vida Religiosa e a Política, em *Convergência*, n. 396, p. 490-497
11. Discípulo, em *Reflexion y liberación*, n. 70, p. 11-14.
12. Dom Luciano Mendes de Almeida, obrigado pelo seu exemplo, em Maria Helena Àrrochellas, (org.), *Deus É Bom. Homenagem a dom Luciano*, Educam, Rio de Janeiro, 2006, p.229-232.

A-12. Artigos escritos por José Comblin no ano de 2007

1. *Crisis de la democracia.* em *Agenda Latinoamericana mundial*, Panamá, 2007, pp.22-25. *Crisis de la democracia.* Análisis de Coyuntura 2007, em *Reflexión y Liberación*, n. 72, 2007, pp. 23-29.
2. Enfrentando los desafios Sociales, Económicos, Políticos e Religiosos en la V Conferencia Episcopal Latinoamericana en Aparecida, Brasil, 2007, em *Reflexión y Liberación*, n. 71, 2007, pp. 43-65.
3. A Vida Religiosa e os novos espaços, em *Convergência*, no 399, 2007, pp. 15-22.
4. As grandes incertezas na Igreja atual, em *REB*, fasc. 265, 2007, pp. 36-58.
5. A Palavra do Teólogo Joseph Comblin, em *Humanismo e direitos. Festschrift a Agenor Brighenti, Bertier*, Passo Fundo, 2007, pp. 15-20
6. A Bíblia e o compromisso social, em *Estudos bíblicos*, n. 95, 2007, pp. 9-16.
7. O papel histórico de Aparecida, em *REB*, fasc. 268, 2007, pp. 865-885.
8. Reflexões sobre a *notificação* enviada a Jon Sobrino, em (ASETT), *Descer da Cruz os Pobres. Cristologia da libertação*. Paulinas, São Paulo, 2007, pp.80-88.
9. Jesus libertador numa visão da teologia pluralista, em (Luiza E. Tomita et alii), *Teologia latino-americana pluralista da libertação*, Paulinas, São Paulo, 2007, pp. 121-148.
10. O projeto de Aparecida, em *Vida pastoral*, t. 49, 2007, pp. 3-10
11. El Proyecto de Aparecida, em *Reflexión y liberación*, n. 74, 2007, pp. 18-27.
12. Glaube und Politik , em *Concilium*, t. 43, outubro, 2007, pp. 462-474
13. El Renacimiento de la Política, em *Reflexión y liberación*, n. 75, 2007, pp. 41-46

A-13. Artigos escritos por José Comblin no ano de 2008

1. Panorama da América latina hoje, em (Soter) *Deus é Vida*, Paulinas, pp.7-16.
2. Grandes questões sociais e ambientais. Interpeleções para a Vida Religiosa, em *Convergência*, n. 410, pp.456-472
3. Os Santos do Século XXI na América latina, em (Luz Alberto Gómez de Souza, *Relativismo e transcendência*, Educam, Rio de Janeiro, pp. 49-66.
4. Sustentabilidade e Cidade, em (Soter), *Sustentabilidade da Vida e espiritualidade*, Paulinas, São Paulo, pp.89-102.
5. Análisis de coyuntura. El futuro del socialismo, em *Hacia um socialismo nuevo. La utopia continua*, *Agenda Latinoamericana 2009*, pp. 26-29
6. Vida y mensaje, em *Quedan los árboles que sembraste. Testimonios sobre Monseñor Leonidas Proaño*, *Fundacion Pueblo Indio del Ecuador*, Quito, pp. 73-83

7. El testimonio de monseñor Proaño, em *Quedan los árboles que sembraste. Testimonios Sobre Monseñor Leonidas Proaño*, Fundación Pueblo Índio del Ecuador, pp. 95-109
8. Conferencia Episcopal de Medellín: 40 anos depois, em *Cadernos de Teologia Pública*, UNISINOS, ano V, no. 36, 2008
9. Medellín y el Quehacer Teológico Hoy, em P. Joseph Comblin, *Praxis Cristiana y Ética Política*, Santiago de Chile, pp. 1-13.
10. De Medellín a Hoy, em P. Joseph Comblin, *Praxis Cristiana y Ética Política*, Santiago de Chile, pp. 14-27.

Anexo-B : Relação de livros escritos por José Comblin

B-1. Livros escritos por José Comblin entre os anos de 1958 - 1961

1. La Résurrection de Jésus-Christ, Ed. Univ., Paris, 1959, 216 p.
Hij is verrezen, Pax, La Haye, 1961, 204 p.
La risurrezione di Gesucristo, Ed. Paoline, Roma, 1961, 253 p.
Der Auferstandene, Styria, Graz, 1962, 253 p.
La resurrección de Jesucristo, Carlos Lohle, Buenos Aires, 1962, 196 p.
Ressurreição, Herder, São Paulo, 1965, 159 p.
The Resurrection in the Plan of Salvation, Notre Dame, 1966, 176 p.
2. Théologie de la Paix T.1: Principes, Ed. Univ., Paris, 1960, 325 p.
Teologia della Pace, Ed. Paoline, Roma, 1962, 514 p.
Theologie des Friedens. Biblische Cirundlagen , Styria, Graz, 1963, 448 p.
3. Échec de l'Action catholique? Ed. Univ., Paris, 1961, 172 p.
Versagt die Katholische Aktion ? Styria, Graz, 1962, 195 p.
Há fracasado la Acción catolica ? Eler, Barcelona, 1963, 154 p

B-2. Livros escritos por José Comblin entre os anos de 1962-1964

1. Hacia una teologia de la acción, Ed. Herder, Barcelona, 1964, 132 p.
Vers une théologie de l'action, La Pensée catholique, Bruxelles, 1964, 123 p.
Teologia da ação, Herder, São Paulo, 1967, 129 p.
Verso una teologia dell'azione, Ed. A.V.E., Roma, 1967, 134p
2. Educação da Fé. Os princípios da educação cristã, Ed. Herder, São Paulo, 1962, 187 p.

B-3. Livros escritos por José Comblin entre os anos de 1965 – 1967

1. Os sinais dos tempos e a evangelização, Ed. Duas Cidades, São Paulo, 1968, 321 p.
2. Théologie de la Ville, Ed. Univ., Paris, 1968, 493 p.
Teologia della Citta, Cittadella, Assis, 1971, 501 p.
Teologia de la ciudad, Ed. Verbo divino, Estella(Navarra), 1972, 407 p

Teologia da cidade. São Paulo: Paulus, 1991, 301 p.

B-4. Livros escritos por José Comblin entre os anos de 1968 – 1970

1. O provisório e o definitivo, Ed. Herder, São Paulo, 1968, 162 p.
2. O futuro dos ministérios na Igreja latino-americana, Ed. Vozes, Petrópolis, 1969, 63 p.
3. A fé no evangelho (Meditações Evangélicas 1), Ed. Vozes, Petrópolis, 1969, 84p.
La fe según el evangelio, Bonum, Buenos Aires, 1973, 92P.
La fede nei vangelo, Cittadella, Assis, 1976, 186 p.
4. Théologie de la Révolution, Ed. Univ., Paris, 1970, 297 p.
Teologia de la revolución. Teoria, Desclée de Brouwer, Bilbao, 1973, 379 p.
5. A maior esperança (Meditações Evangélicas 2), Ed. Vozes, Petrópolis, 1970, 103 p.
La fede nel vangelo, Cittadella, Assis, 1976, 186 p. (2' parte)

B-5. Livros escritos por José Comblin no ano de 1971

1. Jesus de Nazaré (Meditações Evangélicas 3), Ed. Vozes, Petrópolis, 1971, 114 p.
Jesus de Nazaret, Sal Terrac, Santander, 1974, 104 p.
Como i discepoli lo han visto, Cittadella, Assis, 1977, 220 p. (1' parte)
Jesus of Nazareth. Meditations on his humanity, Orbis Books, Maryknoll, 1976, p.167
Gill & Macmillan, Dublin., 1979, 167 p.
Jesus de Nazaré. São Paulo: Paulus, 2010, 112p.

B-6. Livros escritos por José Comblin entre os anos de 1972 – 1978

1. A Oração de Jesus (Meditações Evangélicas 4), Ed. Vozes, Petrópolis, 1973, 98 p.
La oración de Jesús, Sal Terrae, Santander, 1977, 96 p.
Como i discepoli lo han visto, Cittadella, Assis, 1977, 220 p.
2. O enviado do Pai (Meditações Evangélicas 5), Ed. Vozes, Petrópolis, 1974, 99 p.
El enviado del Padre, Sal Terra e Santander, 1977, 104 p.
Sent from the Father, Meditations on the Fourth Gospel, Orbis Books, Maryknoli, 1978, 115 p.; Gill & Macmillan, Dublin, 1979, 115p.
3. A liberdade cristã (Meditações Evangélicas 6), Ed. Vozes, Petrópolis, 1977, 130 p. La libertad cristiana, Sal Terrac, Santander, 1979, 144 p
4. Teologia da Enxada. Uma experiência da Igreja no Nordeste, Ed. Vozes, Petrópolis, 1977, 116p.
5. Le pouvoir militaire en Amérique latine. L'Idéologie de la Sécurité Nationale, Paris:JP Delarge, 1977, 229 p.
A ideologia da Segurança Nacional. O Poder Militar na América Latina. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978, 251p.

B-7. Livros escritos por José Comblin em 1979

1. O Espírito no Mundo (Meditações Evangélicas), Ed. Vozes, Petrópolis, 1979, 114 p.

B-8. Livros escritos por José Comblin em 1980 - 1991

1. *Evangelizar (Meditações Evangélicas 8)*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1982, 123 p.
Evangelizzare, Borla, Roma, 1982, 123 p.
2. *O tempo da ação. Ensaio sobre o Espírito e a história*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1982, 389 p.
Tiempo de acción. Ensayo sobre el Espiritu y la historia, CEP-CETA, Lima, 1986, 532 p.
3. *Jesus Cristo e sua missão (Breve Curso de teologia 1)*, Ed. Paulinas, S. Paulo, 1983, 256 p.
4. *O Espírito Santo e sua missão (Breve Curso de teologia 2)*, Ed. Paulinas, S. Paulo, 1984, 348 p.
5. *O clamor dos oprimidos. O clamor de Jesus. (Meditações Evangélicas 9)*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1984, 63 p.
El clamor de los oprimidos. El clamor de Jesús, Ed. Rehue, Santiago de Chile, 1986, 57 p.
Cry of the Oppressed- Cry of Jesus, Orbis Books, Maryknoll, 1988, 87 p.
6. *Teologia da Libertação, Teologia neo-conservadora e Teologia liberal (Teologia orgânica 14)*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1985, 135 p.
7. *A Igreja e sua missão (Breve Curso de Teologia 3)*, Ed. Paulinas, S. Paulo, 1985, 330 p.
8. *Epístola aos Filipenses (Comentário Bíblico)*, Ed. Vozes, Impr. Metodista, Ed. Sinodal, 1985, 65 p.
Lettera al Filippesi (Comentario biblico), Borla, Roma, 1987, 102p.
Filipenses (Comentario biblico ecumenico NT), La Aurora, Buenos Aires, 1988, 76p.
9. *Antropologia cristã (Teologia e Libertação. Série 111, t 1)*, Vozes, Petrópolis, 1985, 272 p.
Antropologia cristiana (Teologia y Liberación. Serie 111, t. 1), Ed. Paul., Madrid- Buenos Aires, 1985, 283 p.
Das Bild vom Menschen (Bibliothek Theologie der Befreiung), Patmos, Düsseldorf, 1987, 280 p.
Antropologia cristiana (Teologias e Liberazione), Cittadella, Assis, 1987, 270 p.
Betrieving the Human. A Christian Anthropology (Theology and Liberation), Orbis Books, Maryknoll, 1990, 259 p.

- Being Human. A Christian Anthropology* (Liberation and Theology), Bums & Oates, 1990, 251p.
Anthropologie ehrétienne (Collection Libération), Cerf, Paris, 1991, 265 p.
10. *Epístola aos Colossenses e Epístola a Filêmon (Comentário bíblico)*, Vozes, Impr. Metod. Ed. Sinodal, 1986, 110 p
Lettera ao Colossesi. Lettera a Filemon (Comentario biblico), Borla, Roma, 1987, 151 p.
11. *A sabedoria cristã (Breve curso de teologia. 4)*, Ed. Paul., São Paulo, 1986, 242 p.
12. *A Força da Palavra*, Vozes, Petrópolis, 1986, 406 p
La forza della parola, EMMI della Coop. SERMIS, Bologna, 1989, 462 p.
13. *Teologia da reconciliação: Ideologia ou Reforço da Libertação? (Teologia orgânica. 19)*, Vozes, Petrópolis, 1987, 88 p.
14. *O Espírito Santo e a Libertação (Teologia e Libertação, série 11, t. 4)* Vozes, Petrópolis, 1987, 231 p.
El Espiritu Santo y Ia Liberación (Cristianismo y sociedad), Ed. Paul.,Madrid,1987, 247 p.
Der Heilige Geist (Theologie der Befreiung), Patmos, Düsseldorf, 1988, 235 p.
Spirito Santo e liberazione (Teologia e Liberazione), Cittadella, Assis, 1989, 177 p.
16. *Reconciliación y liberación*, CESOC, Ed. Chile y America, Santiago, 1987, 264 p.
17. *Atos dos Apóstolos. Vol. 1 (Comentário bíblico)*, Vozes, Impr. Metod., ed. Sinodal, 1988, 214 p.
18. *Atos dos Apóstolos. Vol. 2 (Comentário bíblico)*, Vozes, Impr. Metod., ed. Sinodal, 1989, 195 p.
19. *Segunda Epístola aos Coríntios (Comentário bíblico)*, Vozes, Impr. Metod., Ed. Sinodal, 1991, 242 p.
20. *Paulo. Trabalho e Missão*, ed. FTD, São Paulo, 1991, 88 p.
21. *Padre Cícero de Juazeiro* (Coleção *Homens e Mulheres do Nordeste. Serie Os religiosos*, Ed. Paulus, São Paulo, 1991, 32 p.

B-9 Livros escritos por José Comblin entre 1993-2006

1. *Padre Ibiapina* (Coleção *Homens e Mulheres do Nordeste. Serie Os religiosos 3*), Ed. Paul. 1993, 48 p.
2. *Realidad y desafios para los cristianos hoy*, Centro latinoamericano, Córdoba, 1993, 64 p.

3. *Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo*, Vozes, Petrópolis, 1993, 198 p.
4. *Viver na Cidade. Pistas para unia pastoral urbana*, Paulus, São Paulo. 1996, 57 p.
5. *Cristãos rumo ao século XXI. Novos caminhos de libertação*, Paulus, São Paulo, 1996, 373 p.
6. *Vocação para a liberdade*. São Paulo: Paulus, 1999, 319 p.
Vocación a la libertad, San Pablo, Madrid, 1999, 341 p.
7. *Pastoral urbana. O dinamismo na evangelização*, Vozes, 1999, 70 p.
8. *O neoliberalismo, ideologia dominante na virada do século (Teologia e libertação, serie VI, I)*, Petrópolis: Vozes, 2000, 187 p.
El Neoliberalismo – Ideologia dominante em el Cambio de Siglo, Ediciones Chile América CESOC, Santiago, Chile, 2002, 253 p
Le Néolibéralisme, L'Harmattan, Paris, France, 2003, 203 p.
9. *O Povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002, 416 p.
People of God, Orbis Books, Maryknoll, New York, 2004, 230 p.
10. *Um novo amanhecer?* Petrópolis: Vozes, 2002, 76 p.
Prima la Chiesa, poi l'uomo. Bilancio sul papato di Wojtyla La meridiana, Molfetta, 2002, 77 p
11. *Os desafios da cidade no século XXI*, São Paulo: Paulus, 2002, 51 p.
12. *A esperança dos pobres vive: coletânea em homenagem aos 80 anos do Pe. Joseph Comblin*. São Paulo: Paulus, 2003, 767 p.
13. *O Caminho*. São Paulo: Paulus, 2004, 227 p.
14. *O que é a verdade?* São Paulo: Paulus, 2005, 79 p.
15. *Quais os desafios dos temas teológicos atuais?* São Paulo: Paulus, 2005, 96 p.

B-10. Livros escritos por José Comblin no ano de 2007

1. *A Vida: Em busca da Liberdade*. São Paulo: Paulus, 2007.

B-11. Coleção popular escritas por José Comblin em colaboração.

1. *Coleção A novidade de Jesus*, 8 fascículos. São Paulo: Ed. Paulinas, 1986

2. *Curso básico para animadores de comunidades de base*, 4^a. ed. Aumentada. São Paulo: Paulus, 1987, 153 pp.
3. Coleção *Curso de Formação Cristã*, Instituto de formação pastoral-Juazeiro (BA), 24 fascículos. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.
4. Coleção *Curso popular de história da Igreja*, 8 fascículos. São Paulo: Ed. Paulinas, 1993.

B-12. Livros escritos por José Comblin no ano de 2008

1. *A Profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 287.

B-13. Coleção Espiritualidade escrita por José Comblin.

1. *A fé no evangelho*. Coleção Espiritualidade. São Paulo: Paulus, 1^a. Edição, 2010, 104p.
2. *Viver na Esperança*. Coleção Espiritualidade. São Paulo: Paulus, 1^a. Edição, 2010, 112p
3. *A Oração de Jesus*. Coleção Espiritualidade. São Paulo: Paulus, 1^a. Edição, 2010, 104p.
4. *Evangelizar*. Coleção Espiritualidade. São Paulo: Paulus, 1^a. Edição, 2010, 144p
5. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Paulus, 1^a. Edição, 2010, 116p
6. *A liberdade cristã*. Coleção Espiritualidade. São Paulo: Paulus, 1^a. Edição, 2009, 136p
7. *Jesus, O Enviado do Pai*. Coleção Espiritualidade. São Paulo: Paulus, 1^a. Edição, 2009, 112p
8. *O Espírito no Mundo*. Coleção Espiritualidade. São Paulo: Paulus, 1^a. Edição, 2009, 136p

B-14. Coleção Biografia escrita por José Comblin.

1. *Padre Cícero de Juazeiro*. Coleção Biografias. 1^a. Edição, São Paulo: Ed. Paulus, 2011. 47p.
2. *Padre Ibiapina*. Coleção Biografias. 1^a. Edição, São Paulo: Ed. Paulus, 2011. 63p.

Anexo-C:

Título de Doutor Honoris, pelo reconhecimento de seu trabalho no campo da Educação Popular, recebido pela UFPB no ano de 2001



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA CONSELHO UNIVERSITÁRIO**

RESOLUÇÃO Nº 05/2001

Confere ao Professor Doutor Padre **Joseph Comblin** o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal da Paraíba.

O Conselho Universitário da Universidade Federal da Paraíba, no uso de suas atribuições e com base no art. 124, inciso II do Regimento Geral e art. 29, inciso XVI, do Estatuto da UFPB;

Considerando o reconhecimento do seu trabalho no campo da educação popular, desenvolvendo uma metodologia própria;

Considerando seus trabalhos pastorais em prol das massas oprimidas na América Latina, em especial no Brasil e no Chile;

Considerando sua vastíssima obra publicada;

Considerando a importância de sua atividade intelectual como educador e humanista, junto à UFPB, e, considerando, por fim, que em reunião extraordinária realizada em 23 de abril de 2001, este CONSELHO UNIVERSITÁRIO aprovou, por unanimidade de votos, a proposta de concessão do Título de Doutor Honoris Causa, consignado no Estatuto da Universidade Federal da Paraíba a tão ilustre personalidade (Processo nº 23074.001.545/01-11),

R E S O L V E:

Art. 1º Conferir ao Professor Doutor Padre Joseph Comblin o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal da Paraíba.

Art. 2º Autorizar a Reitoria a adotar as providências cabíveis para a entrega do referido título.

Art. 3º A presente Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário.

Conselho Universitário da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 24 de abril de 2001.

Jader Nunes de Oliveira

Presidente

**Anexo-D: Requerimento de Anistia solicitado por José Comblin em novembro de 2010
junto ao Tribunal de Justiça de São Paulo.**

Requerimento de Anistia n.º 2010.01.67333 –

Requerente: JOSEPH JULES COMBLIN

Relatora Maria Emilia Guerra Ferreira

ANISTIA. PERSEGUIÇÃO E BANIMENTO. COMPELIDO AO AFASTAMENTO DAS ATIVIDADES DE SACERDOTE E PROFESSOR. ROMPIMENTO DE VÍNCULO LABORAL. MOTIVAÇÃO EXCLUSIVAMENTE POLÍTICA DEMONSTRADA. DECLARAÇÃO DA CONDIÇÃO DE ANISTIADO POLÍTICO E REPARAÇÃO ECONÔMICA DE CARATER INDENIZATÓRIO EM PRESTAÇÃO MENSAL, PERMANENTE E CONTINUADA. POSSIBILIDADE. DEFERIMENTO DO PEDIDO.

I – Expulsão do País por perseguição exclusivamente política.

II – Demonstrada a motivação exclusivamente política das perseguições, razão pela qual é devida a declaração de anistiado político, nos termos da Lei n° 10.559/2002.

III – Demonstração de perda de vínculo laboral, permissivo à concessão da reparação econômica, de caráter indenizatório, em prestação mensal, permanente e continuada. Deferimento do pedido.

Trata-se de requerimento de anistia formulado por JOSEPH JULES COMBLIN, nascido na Bélgica, residindo atualmente no Estado da Bahia, a esta Comissão, pleiteando o reconhecimento da sua condição de anistiado político, bem como uma reparação econômica de caráter indenizatório em prestação mensal, permanente e continuada, com fulcro na Lei n° 10.559/02.

02. O Requerente relata, em suma, que chegou ao Brasil em 30 de junho de 1958, a convite do Bispo de Campinas, Dom Paulo de Tarso Campos, que desejava sacerdotes doutores para contribuir na formação do seu clero e na renovação do curso de Teologia da Universidade Católica de Campinas.[1] Oportunidade na qual assumiu as aulas no Seminário Menor, a Capelania do Colégio Sagrado Coração de Jesus, aulas de Exegese Bíblica no Studium Theologicum dos Dominicanos em São Paulo, prestando ainda assistência espiritual à Juventude Operária Católica – JOC/ Campinas (fls.04 e 07).

03. Que após ter vivido 04 (quatro) anos em Campinas, São Paulo, aceitou convite para lecionar na Faculdade de Teologia de Santiago, Chile, onde permaneceu de 1962 a 1965 (fls. 07), retornando ao Brasil por convite de Dom Helder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife, para ali, contribuir na formação dos seminaristas junto ao Seminário Regional Nordeste II, onde veio a fixar residência. 04. Relata ainda que em meio à ditadura militar na região nordeste florescia uma Igreja comprometida com a realidade dos pobres, sob a liderança pastoral de Dom Helder Câmara, o que atraiu sua atenção e possibilitou sua participação, tornando-se além de coordenador dos estudos teológicos, professor do Instituto de Teologia do Recife, e seu assessor (vide fls. 04, 39, 42, 43, 47, 51, 54, jornais franceses e belgas fls. 17-20, Arquivo Nacional: fl.62, 65, 76, 78, 80, 85, 86, 97).

05. O Requerente afirma ainda, que este foi o início de um período difícil, caracterizado por uma intensa perseguição política e difamação, que repercutiu em seu trabalho, levando ao cancelamento de várias assessorias já contratadas.

06. Relata que, matérias dos jornais O Globo e A Folha de São Paulo, Diário de Pernambuco, Jornal do Comércio, do Recife, o acusavam de ser ele “teólogo leninista que, sob pretexto de uma nova reflexão teológica, cai em posições comunistas inaceitáveis”. Daí o vereador católico, de posições conservadoras – Wandenkolk Vanderley – vir a pedir ao Presidente da República a “expulsão desse teólogo estrangeiro que justifica a violência e a sedição”, em 1968 (fls. 54 a 56).

07. Prossegue o Requerente em seu relato, afirmando ainda que a Câmara dos Vereadores marcou uma sessão no dia 10 de junho de 1968 para debater um requerimento que solicitava sua expulsão. Não atendido na aprovação de seu pleito, o mesmo vereador Wandenkolk Vanderley, requereu sua prisão preventiva. Esta situação levou o Requerente a ter que se ausentar do Brasil, por alguns meses, aguardando que a situação se modificasse, para retornar depois (fls.54 a 56).

08. Em seu relato o Requerente conta que tomou a iniciativa, respondendo ao desejo de um grupo de seminaristas do Seminário Maior de Camaragibe, em Recife/Pernambuco, da criação do seminário rural, adaptando o programa de estudo para os seminários católicos, tanto no seu conteúdo como, principalmente, na metodologia, ao ambiente das pequenas cidades rurais onde as duas equipes se estabeleceram: uma em Salgado de São Félix, na Paraíba e outra em Tacaimbó, em Pernambuco. Esta experiência lançou as bases para a conceituada experiência conhecida como Teologia da Enxada.

09. Narra, ainda, que foi expulso do Brasil em 24 de março de 1972, sendo proibido de retornar ao País, sendo obrigado por vários anos a viver exilado no Chile, só tendo permissão de retornar ao Brasil no ano de 1980, a princípio na condição de turista, o que significava sair do país a cada três meses, situação que o impedia de continuar as atividades regulares. No entanto, sua condição de “estrangeiro” no país fazia com que, ainda em 1980, passasse por situações vexatórias, como quando, em viagem ao Chile foi detido para averiguação, pela Polícia Federal do Rio de Janeiro, onde ficou por vinte e quatro horas, “perdendo inclusive o avião que o levaria àquele país. (do livro Padre, Celibato e Conflito Social, Kenneth P.Serbin, pg.33).

Obteve o seu visto permanente apenas em 16 de fevereiro de 1986, após intervenção de Dom Paulo Evaristo Arns, então cardeal de São Paulo.

11. Por fim alega que sua expulsão foi, sem dúvida, um corte inesperado na sua vida, nos seus projetos, nas suas atividades e na continuidade a muitos dos trabalhos que realizava – em várias regiões do Brasil –, como assessorias e cursos que ministrava, especialmente, às Comunidades Eclesiais de Base, era um ato discricionário de um regime e de um governo ilegítimos.

12. Em razão do acima exposto, requer seja declarada a sua condição de anistiado político do Estado brasileiro, bem como lhe seja concedido uma reparação econômica em Prestação Mensal Permanente e Continuada.

13. Junta declarações e documentos:

- cédula de identidade, CPF – (fls.2),

- cópia do passaporte atual – (fls.3),

- cópia da folha do passaporte com visto de saída em fevereiro de 72 – (fls. 12), passaporte com a página onde consta a expulsão,

- Declarations de Dom Helder Camara, Archeveque de Olinda e Recife, et de son auxiliaire, Dom José Lamartine Soares, a L'occasion de l'expulsion du Bresil du père Joseph Comblin – (fls. 15),
- jornais com artigos sobre sua expulsão e o texto que determinou o fato (fls.17- 25),
- documentos de bispos, padres, instituições da Igreja (fls. 27 a 31),
- cópia de partes do livro: padres Celibato e Conflito Social, uma história da Igreja Católica no Brasil, de Kenneth P. Serbin – Ed. Companhia das Letras, pg. 231, 278, 279),
- texto extraído do site: www.pe-az.com.br/dh/index.html, nº 187, 456, 449, 450 (fls. 39),
- texto extraído do site www.direitos.org.br (fls. 40-41),
- Declarações: Ivone Gebara (fls. 42), Padre Ernanne Pinheiro, (fls. 43) e xérox da página 107 do seu livro: Memória e Missão, Eduardo Hoornaert (fls. 47), - xérox da capa do seu livro: A Ideologia da Segurança Nacional (fls. 48-50),
- texto extraído dos jornais Diário de Pernambuco, Jornal do Commercio, Recife, O Globo, Rio de Janeiro, Folha de São Paulo, Boletim da Arquidiocese de Olinda e Recife,
- texto extraído da tese de Marcos Roberto – Universidade Federal da Bahia (fls. 57 e 58),
- Arquivo Nacional (fls. 60 a 101). Consta monitoramento até 1997,

VOTO:

14. Primeiramente, cumpre verificar a imprescindível motivação exclusivamente política, preceituada no art. 2º, *caput*, da Lei n.º 10.559, de 13 de novembro de 2002, como questão de mérito da presente demanda.

15. Consta dos autos que o anistiando foi expulso do País, sendo impedido no seu direito de entrada e/ou regresso, até o ano de 1980, onde lhe foi possível a entrada no Brasil com visto de turista, por determinação do Ministro de Estado da Justiça, o que, de per si, já seria o suficiente para caracterizar a perseguição, por motivação exclusivamente política, por ele sofrida.

16. Àquela época, diversos documentos publicados pela Igreja tornaram-se tema de grandes tensões e muitos deles contaram com a participação do Requerente, a exemplo, do Documento para Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino -americano – CELAM, realizado em Medellín - Colômbia, denominado: “Notas sobre o Documento Básico para a 2ª Conferência Geral do CELAM”. Este documento foi apreendido pela polícia do regime ditatorial que o divulgou através dos meios de comunicação social, produzindo farta distribuição, contando, inclusive, com o apoio do grupo Tradição Família e Propriedade – TFP. Nesse momento histórico o regime ditatorial acusava e perseguia membros da Igreja, considerados subversivos e ameaçadores da ordem social (fls. 54).

17. De fato, milhares de brasileiros, assim como dezenas de estrangeiros que aqui viviam, em sua maioria composta de jovens estudantes, alguns um pouco mais calejados pela vida - como era o caso do anistiando -, todos, no entanto, ávidos pela construção e consolidação de um regime democrático, ansiosos pela derrubada de um Regime autoritário, que vos fazia calar em seus ideais, entregaram parte da sua juventude, e, muitos deles, da sua liberdade e da possibilidade de permanecerem em seu próprio País, ainda outros tantos entregaram as suas próprias vidas, na busca dessa causa, combatendo diuturnamente contra o Exército da Repressão, formado por também brasileiros, muitos deles ávidos e sedentos pelo sangue dos seus próprios irmãos, na busca de mantê-los sob a sua égide.

18. Nascido na Bélgica em 1923, Joseph Jules Comblin, doutorou-se em teologia pela Universidade de Lovaina aos 27 anos. Aos 35 anos veio para o Brasil, iniciando por aqui o seu pequeno périplo pela América Latina como teólogo itinerante.

19. Depois de alguns anos em Campinas e em Santiago de Chile, chegou ao Nordeste do Brasil em 1965, convidado por Dom Helder. Aceitou de imediato o convite, pois percebera que ali, junto a Dom Helder, se fazia história ...

20. A fim de facilitar a comunicação com povo nordestino, a partir daquele momento, Joseph Jules Comblin, fez-se, simplesmente, “JOSÉ”, aquele mesmo que desde a sua juventude, defendia ideais políticos que conflitavam com o regime de governo à época, sempre ao lado de Dom Helder, passando então a ser brutalmente perseguido por tais razões.

21. Iniciou, pois, o desenvolvimento do pensamento crítico liderado por parcela substancial da Igreja Católica ao Regime ditatorial imposto aos brasileiros e brasileiras, natos ou de coração, estando sempre na vanguarda da elaboração da maioria dos documentos produzidos contra a manutenção do combatido regime, plantando em duas cidades do interior do Nordeste: Salgado de São Felix/PB e Tacaimbó/PE, as primeiras sementes da sua “Teologia da Enxada”, das quais voltaria a colher os seus frutos décadas mais adiante.

22. É ainda nessa época que o Requerente, para além de Padre, era também professor e Coordenador de estudos do Seminário Regional do Recife e do Instituto de Teologia do Recife, dando cursos em outras instituições, além de assessorar a Dom Helder Câmara nos seus ofícios. Auxiliou ainda na preparação de sacerdotes na Faculdade de Teologia de São Paulo, dedicando-se, também, na implementação de diversos outros projetos sócio educacionais.

23. Neste espectro, quando já estava inserido e ocupado em muitas atividades de ensino e assessorias, veio-lhe a expulsão do Brasil, quando retornava de uma viagem à Bélgica, realizada no dia 18 de fevereiro de 1972 e chegando ao aeroporto do Recife, no dia 24 de fevereiro, sendo impedido de desembarcar naquela cidade e obrigado a seguir viagem até o Rio de Janeiro. Nesta capital passou todo o dia, sendo que, no final da tarde, foi embarcado para Bruxelas. Conforme seu relato (fls. 10, 54 a 56):

... “cheguei ao Recife pelo avião da TAP às 7:30h. Quando apresentei o passaporte, o empregado da polícia conferiu-o com um telegrama recebido de Brasília comunicando um decreto de proibição de desembarque no território nacional. Os oficiais da polícia deliberaram entre si e resolveram mandar-me ao Rio de Janeiro pelo mesmo avião da TAP. Não pude fazer nenhuma observação. Aliás, havia apenas pessoal executivo. No Rio, a polícia federal me esperava. Levaram-me para o Departamento de Polícia ao lado do aeroporto do Galeão, onde fiquei até o horário do retorno do mesmo avião da TAP para Europa. O representante da companhia veio perguntar-me se eu estava disposto a pagar a passagem. Disse-lhe que não tinha dinheiro suficiente para isso e, de qualquer modo eu estava no avião como um preso na cadeia e nunca tinha ouvido dizer que os presos deviam pagar a cadeia..

Começaram a revistar cuidadosamente a minha bagagem. Havia uns 25 livros, quase todos de psicologia religiosa ou de sociologia. Acharam que havia muita religião e que eu parecia gostar muito de religião. Não neguei. um inspetor veio interrogar-me, perguntando se eu sabia do decreto de expulsão. Disse-lhes que não....

...O avião da TAP (fez escala em Recife) Na escala em Recife não me deixaram descer do avião. Contudo, subiram no avião uma religiosa belga, um sacerdote chileno e um casal francês. Foi o primeiro contato com o mundo exterior. Assim soube das iniciativas de dom Helder, dom Ivo e do embaixador belga no Rio....”

24. Naquele momento, antes do embarque forçado, conforme relata, foi comunicado por um funcionário, que havia um decreto que o proibia de desembarque em qualquer parte do

território brasileiro. Há uma anotação no seu passaporte, feita no aeroporto do Rio de Janeiro, com estes dizeres (fls.13):

“Portador, Joseph Jules Comblin, está impedido de entrar no território brasileiro, de Ordem Superior.

Rio de Janeiro, 24 de março de 1972

Assinatura..... Inspetor de Polícia Federal – SPMAF – GB”.

25. Sobre o episódio de sua expulsão consta dos autos que foi publicada uma nota, no Boletim Arquidiocesano, órgão oficial da Arquidiocese de Olinda e Recife, (Recife, vol.1972-1) a notícia diz que:

“o padre belga Joseph Comblin, coordenador dos Estudos Teológicos do Instituto de Teologia do Recife, ao regressar da Europa dia 24 de março de 1972, foi impedido de desembarcar no Recife, tendo sido levado ao aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro, onde foi interrogado, e em seguida, foi mandado de volta à Europa no mesmo avião em que chegara... A notícia diz também que nem o secretário geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, Dom Ivo Lorscheiter, pode avistar-se com o sacerdote”....

26. Ainda sobre o episódio de sua expulsão, no seu livro Memória e Missão, à pg. 107, o padre José Ernane Pinheiro escreve:

“como se deu o processo de expulsão? Comblin foi à Bélgica, de férias, e na volta não pode entrar no Brasil. Chegou a descer do avião, no Recife, fez-nos um aceno, mas não chegou ao saguão do aeroporto. Ligamos para Dom Helder, comunicando o fato. Soubemos que ele tinha sido instado a voltar para a Bélgica, escoltado por dois militares, com ordem de expulsão” (fls. 52).

27. Dom Helder Câmara, arcebispo do Recife e Dom José Lamartine Soares, seu bispo auxiliar, expôs o caso na “Carta aos caríssimos irmãos do episcopado” (fls.15). Dentre as coisas que Dom Helder escreveu:

“Quem não percebe que o episódio “Comblin” é um capítulo do que vem acontecendo em todo o país com a Igreja, na medida em que ela recusa a continuar servindo de suporte a estruturas de opressão e compromete-se, de modo pacífico, mas válido, com o Povo e a sua libertação? O que há de particularmente grave no caso “Comblin” é que ele é mais um testemunho da marginalização da classe pensante. Ai de quem ousar ter e exercer consciência crítica, ao menos no tocante ao Governo e seus planos”....texto extraído do Boletim Somos Igreja do Recife, em 1968.

28. Nas fls. 78 do Arquivo Nacional há uma anotação remarcável:

“Aviso do Ministro chefe do SNI, de 26 de maio 71, dirigido ao Ministro da Justiça, determina que, por ordem do Presidente da República, sejam tomadas as providências para que o padre JC deixe voluntariamente e de forma definitiva o Brasil. Desse modo, o referido sacerdote deixou o país em 18 fev 72. O Inquérito instaurado pelo DPF deixou de ser concluído por ter se tornado desnecessário. Através de avisos, de 03 mar 72, o Ministro da Justiça comunicava o embarque do padre JC para a Europa, ao DPF e ao MRE, solicitando providências para evitar o retorno do mesmo ao Brasil. Em 17 mars o MRE comunicava ao Ministro da Justiça as providências tomadas”.

29. Várias outras manifestações e relatos sobre o fato foram publicados em jornais internacionais, bem como entrevista, notas, cartas de apoio e protestos. Um depoimento notável é de Dom José Maria Pires que se encontra nas fls.66 do Arquivo Nacional:

“O documento versa sobre a missa realizada pelo arcebispo de João Pessoa PB, José Maria Paires_ JMP - no dia 26 de março de 72, dedicando –a ao padre José Comblin – JC, o qual fora impedido de reingressar no território nacional. No sermão abordou comentários onde

comparou a vida e o sofrimento de Tiradentes e Jesus Cristo com JC, citando como por exemplo que: quem procura defender os direitos e a liberdade de seus irmãos é crucificado e acusado de subversivo. O fato foi assistido por oficiais da guarnição, os quais ficaram enormemente irritados...”

30. Naquele momento, Joseph Jules Comblin, o agora nosso Padre JOSÉ, via um sonho inteiro de vida ser jogado por água abaixo, ao ver-se impedido de tocar ao solo do País que escolheu para si, do povo que escolheu para irmãos.

31. Longe de sua pátria natal, expulso de sua pátria ideal, o que fazer, para onde ir, José???

No dizer de Carlos Drummond de Andrade:

“E agora José?

A festa acabou,/a luz apagou,/o povo sumiu,/a noite esfriou,/

e agora, José ?

e agora, você ?/ você que é sem nome,/ você que faz versos, / que ama, protesta,

e agora, José ?

a noite esfriou,/ o dia não veio,/ o bonde não veio, / o riso não veio,/não veio a utopia/ e tudo acabou/ e tudo fugiu / tudo mofou,

e agora, José ?

Com a chave na mão; quer abrir a porta, / não existe porta; /

José, e agora ?

Se você gritasse,/se você gemesse,/se você tocasse/a valsa vienense,/ se você dormisse,/ se você cansasse,/se você morresse.../Mas você não morre,
você é duro, José !

Sozinho no escuro/qual bicho-do-mato,/ sem teogonia,/ sem parede nua/para se encostar,
/sem cavalo preto /que fuja a galope,/você marcha, José !

José, pra onde ?”

32. Impedido de residir e trabalhar no País ao qual escolheu para si, restou ao anistiando recolher-se ao Chile pelos próximos oito anos vindouros, onde permaneceu nas lutas contra o regime ditatorial que também restara instalado naquele País e de onde também foi expulso, pelo governo Pinochet, em 1980.

33. Apenas lhe foi possibilitado retornar ao Brasil em 1980, após a Lei de anistia de agosto de 1979, bem como por intervenção de Dom Paulo Evaristo Arns, primeiro apenas com vistos para turista – o que o obrigava, ainda, se retirar do País a cada três meses para renovação do seu visto –, só em 1986 obtém de volta o seu visto permanente.

34. Da análise dos fatos, dúvidas não restam acerca da perseguição política sofrida pelo anistiando, que abandonou a sua terra natal, para fazer florir em nosso País, uma juventude cristã mais integrada, feliz e livre, no sentido mais amplo e complexo da palavra liberdade!!!!

35. Expulso do nosso País – aquele mesmo que o anistiando escolhera como a sua Nação por opção própria –, viu-se, obrigado a abandonar a sua pátria, a sua condição de “cidadão brasileiro”, sendo-lhe imposta a mais vexatória das penas aplicadas pelo Regime de Exceção, qual seja a condição de exilado, aquela mesmo da qual já professava o poeta paraibano Augusto dos Anjos, em seu “Eu e outras poesias”, ao escrever nos idos de 1900 seus “Versos d’um exilado”.

“Eu vou partir. Na límpida corrente

Rasga o batel o leito d’água fina

-- Albatroz deslizando mansamente

Como se fosse vaporosa Ondina.

Exilado de ti, oh! Pátria! ausente

Irei cantar a mágoa peregrina
 Como canta o pastor a matutina
 Trova d'amor, à luz do sol nascente!
 Não mais virei talvez e, lá sozinho,
 Hei de lembrar-me do meu pátrio ninho
 D'onde levo comigo a nostalgia
 E esta lembrança que hoje me quebranta
 E que eu levo hoje como a imagem santa
 Dos sonhos todos que já tive um dia!"

36. Demonstrada a perseguição política sofrida e a possibilidade de conceder a declaração da condição de anistiado político, resta estabelecer a reparação econômica a ser fixada em razão da perseguição sofrida pelo anistiando.

37. Estabelece o artigo 4º da Lei 10.559/2002 que será devido a reparação econômica em prestação única àqueles que não puderem comprovar vínculos com a atividade laboral, por outro lado, o artigo 5º do mesmo diploma legal, disciplina que será devido a reparação econômica em prestação mensal, permanente e continuada àqueles que comprovem o rompimento de uma atividade laboral, sendo facultado a opção pela prestação única, e, nos termos do artigo 3º, restando vedado o acúmulo das modalidades de reparação.

38. Da análise dos autos, extrai-se dos documentos do Arquivo Nacional que o anistiando foi monitorado de 1968, quando foi a público o documento base, em preparação para Medellín, até 1997, como consta às folhas 60 a 101. Nessa documentação ele é reconhecido e qualificado como Padre e professor do Instituto de Teologia do Recife dando cursos em outras instituições, além de ser assessor de Dom Helder Câmara, preparando sacerdotes na Faculdade de Teologia de São Paulo, seu trabalho em Campinas.

39. Era, pois – já àquela época –, do conhecimento da agência de inteligência seus trabalhos com as comunidades de base, conferências, escritos e livros, seus contatos, no Brasil e no exterior, suas viagens e até correspondências.

40. Mais ainda, há registro de seus contatos com organizações de esquerda, daí constar ser ele “comunista, Leninista” e outros adjetivos “esquerdizantes” afins. Além da perseguição que começa em 68, consta o fato de sua expulsão e de uma detenção, no aeroporto do Rio de Janeiro, em 1980, o que demonstra a perfeita intersecção entre o rompimento do vínculo laboral que mantinha com o Instituto de Teologia do Recife e a perseguição de cunho exclusivamente política que levaram à sua expulsão do Brasil e, por conseguinte ao impedimento da continuidade do mencionado vínculo, preenchendo-se, pois, aos requisitos legais para fins da concessão da reparação econômica em prestação mensal permanente e continuada, estabelecida no artigo 5º da Lei 10.559/2002.

41. Verificado o direito do Anistiando à reparação em prestação mensal, permanente e continuada, cumpre nesta senda, a fixação do seu cargo e do valor de referência.

42. Denota-se dos autos que o Anistiando, para além das suas atividades sacerdotais exercia, ainda, o Magistério, desempenhando as suas funções junto ao Seminário Regional do Recife, aos dois grupos da Teologia da Enxada, no Instituto de Teologia do Recife. No entanto, não constam dos autos elementos capazes de nos fornecer os valores aos quais estaria percebendo se na ativa estivesse.

43. Em sendo assim, a Lei fornece a esta Comissão, como mecanismo para construção do valor das indenizações, tanto o “paradigma de maior frequência” que o § 4º do art. 6º da Lei 10.559/2002 refere, quanto à possibilidade de arbitrar o valor com base em pesquisas de mercado, conforme o § 1º do mesmo dispositivo legal. 44. Por sua vez, o valor da prestação

mensal, permanente e continuada, conforme dispõe o dispositivo supracitado, será igual ao da remuneração que o anistiado político receberia se na ativa estivesse, considerando, dentre outros, a graduação que teria direito e as promoções.

46. A expressão “se na ativa estivesse” deve, no ato de sua aplicação, guardar estreita harmonia com os princípios constitucionais que regem a Administração Pública, pois aceitar qualquer entendimento diverso é permitir que se ofenda o espírito da lei, gerando na sociedade a sensação de que o Estado concede injustas benesses econômicas a uma pequena parcela da população e subverte a natureza político-institucional da anistia.

47. Neste sentido, a leitura sistemática do ordenamento jurídico brasileiro, com especial ênfase aos conjuntos normativos que disciplinam o processo administrativo, gênero do qual o processo desta Comissão é espécie, alude a constante necessidade de se balizar as decisões da administração nos princípios da razoabilidade e da proporcionalidade, de modo a que a feitura de justiça no caso concreto não implique em desproporções que ferem a própria integridade do conceito de justiça – que é necessariamente global.

48. Assim, esta Comissão de Anistia optou por utilizar como critério para fixação do valor da reparação econômica, nos termos da parte final do § 1º do art. 6º da Lei 10.559/2002, os valores salariais informados pelos Institutos de Pesquisas que monitoram o mercado de trabalho (ex: Datafolha) como sendo o parâmetro para tais fixações.

49. Dessa forma, tendo em conta normas do acordo coletivo com professores da rede particular, pela proposta de Convenção Coletiva de Trabalho aprovada pelo Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino de Imperatriz (Sinepi) por ser o órgão mais próximo de Recife, o valor de hora aula é de R\$ 5,25. No caso do Requerente, sendo ele mestre e doutor o valor vai para R\$ 45,00 Compreendendo que sua jornada de trabalho, como professor, em 20 horas aulas chegamos ao total de um salário de R\$ 4.725,00 (quatro mil, setecentos e vinte e cinco reais). Portanto, é este o valor devido em prestação mensal, permanente e continuada ao Anistiando.

50. Vale ressaltar que a reparação econômica deve ser entendida como uma recomposição patrimonial dos danos materiais e perdas suportadas pelo Anistiando, não se trata de recomposição econômica de natureza trabalhista, onde o empregado deve ter restabelecido sua situação funcional-salarial como se nunca tivesse sido demitido. 51. Este entendimento decorre da própria finalidade do instituto da Anistia, reconhecer que o Estado praticou atos que impediram a Requerente de desempenhar suas funções.

52. Desta forma, enfrentadas as questões relevantes e traçados os argumentos fáticos e jurídicos pertinentes, opino pelo deferimento do pleito formulado por Joseph Jules Comblin, para que lhe seja concedida:

a) A declaração da condição de anistiado político nos termos do art. 1º, I, da Lei 10.559/2002, oficializando os pedidos de desculpas do Estado Brasileiro.

b) A reparação econômica em prestação mensal, permanente e continuada, no valor de R\$ R\$ 4.725,00 (quatro mil, setecentos e vinte e cinco reais), referente ao cargo de Professor Doutor regime de 20h/aula semanais;

c) Retroatividade quinquenal como consta do § 6º do art 6º da Lei no 10.559/02, cujos efeitos retroagirão a 04/06/2005, considerada a data de protocolo em 04/06/2010, no **valor de R\$ 336.577,50.**

53. E o voto.

São Paulo, 26 de novembro de 2010.

Maria Emilia Guerra Ferreira

Relatora

[1] O Requerente é doutor e Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Louvaina na Bélgica – (fls. 07, 42 e 47).